

J. Comaral Penon.

OBRAS COMPLETAS

DE

ALMEIDA GARRETT

II

VOLUMES DE QUE SE COMPÕEM AS
OBRAS COMPLETAS DE ALMEIDA GARRETT

- I — **Retrato de Venus — Historia da Pintura —**
Fragmentos de poemas ineditos.
- II — **Lyrical** — Vol. 1.^o «Lyrical de João Minimo» — «Fabu-
las e Contos» — «Sonetos» — «Odes anacreonticas».
- III — **Lyrical** — Vol. 2.^o «Flores sem fructos» — «Folhas ca-
hidas».
- IV — **Camões**, poema em dez cantos.
- V — **D. Branca**, poema em dez cantos.
- VI — **Adozinda — Romances reconstruidos.**
- VII — **Romanceiro** — Vol. 1.^o «Romances da tradição oral».
- VIII — **Romanceiro** — Vol. 2.^o «Romances da tradição oral»
— «Romances com forma litteraria».
- IX — **Theatro** — Vol. 1.^o «Catão».
- X — **Theatro** — Vol. 2.^o «Merope» — «Impromptu de Cin-
tra» — «Corcunda por amor».
- XI — **Theatro** — Vol. 3.^o «Auto de Gil Vicente» — «Phi-
lippa de Vilhena».
- XII — **Theatro** — Vol. 4.^o «Alfageme de Santarem» — «Tio
Simplicio».
- XIII — **Theatro** — Vol. 5.^o «Falar verdade a mentir» — «As
Prophecias do Bandarra» — «Um noivado no Dáfundo»
— «O Camões do Rocío».
- XIV — **Theatro** — Vol. 6.^o «Frei Luiz de Sousa» — «A So-
brinha do Marquez».
- XV — **Arco de Sant'Anna** — Chronica portuense. — Ma-
nuscripto achado no convento dos Grillos, no Porto,
por um soldado do corpo academico. — Vol. 1.^o
- XVI — **Arco de Sant'Anna** — Vol. 2.^o
- XVII — **Helena** (Fragmento de um romance).
- XVIII — **Viagens na minha terra** — Vol. 1.^o
- XIX — **Viagens na minha terra** — Vol. 2.^o
- XX — **Da educação** — «Cartas dirigidas a uma senhora il-
lustre, encarregada da instituição de uma joven prin-
ceza».
- XXI — **Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua
portugueza — Outros escriptos — Impres-
sões e viagens.**
- XXII — **Memorias biographicas.**
- XXIII — **Portugal na balança da Europa** — «Do que
tem sido e do que ora lhe convem ser na nova ordem
de coisas do mundo civilisado».
- XXIV — **Politica** — «Reflexões e opusculos» — «Corresponden-
cia diplomatica» — Vol. 1.^o
- XXV — **Politica** — «Reflexões e opusculos» — «Corresponden-
cia diplomatica» — Vol. 2.^o
- XXVI — **Discursos parlamentares.**
- XXVII — **Cartas intimas.**
- XXVIII — **Garrett e a sua obra**, por Theophilo Braga.

OBRAS COMPLETAS

DE ALMEJDA GARRETT

Edição revista, coordenada e dirigida pelo Dr. Theophilo Braga

II

LYRICA

VOLUME I

LYRICA DE JOÃO MINIMO — FABULAS E CONTOS
— SONETOS — ODES ANACREONTICAS

EDIÇÃO ILLUSTRADA



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA

TYPOGRAPHIA

95 RUA AUGUSTA, 95 || 45, RUA IVENS, 47

1904

LYRICA

I

PRIMEIROS E ULTIMOS VERSOS

Com o titulo de PRIMEIROS E ULTIMOS VERSOS, se publicam estes dois volumes, que são o complemento das FLORES SEM FRUCTO, e contêm varias collecções de poemas menores, ou poesias fugitivas, como dizem. A primeira e mais antiga das collecções é a LYRICA DE JOÃO MINIMO, cuja primeira edição havia muitos annos que já em 1841 estava extinta, e n'esse anno foi revista e preparada pelo auctor para tornar a imprimir-se. Não se fez então por estarem de permeio outros volumes de suas novas composições. Agora vae formando o primeiro tomo da presente publicação. O segundo contêm FABULAS e outras coisas ineditas antigas, e tambem as FOLHAS CAHIDAS, e outras coisas novissimas.

PRIMEIROS VERSOS

LYRICA DE JOÃO MINIMO

NOTICIA DO AUCTOR D'ESTA OBRA

Debaixo de ruim capa se esconde
um bom bebedor.

RIF. POPUL.

Do rifão que tomei para epigraphe d'esta memoria, verá o leitor que mui bem senti os inconvenientes do nome exquisito e desconhecido que vae á frente da obra. Peior será se, parecendo *ruim a capa*, não parecer melhor o *bebedor*.

Quem é este novo e esdruxulo poeta, este Sr. João Minimo? — O mais que posso responder é contar tudo o que d'elle sei, que não é muito.

Eu estava a respeito do Sr. João Minimo na mesma ignorancia perfeita em que está o publico: era poeta de que não tinha a minima ideia. Ora todos sabem que para se adquirir este nome em Portugal é necessario andar maltrapido, viver vida cynica pelos cafés e bilhares do Chiado ou do Quebra-costas, onde, com o charuto na bocca e o ponche ou a philippina na mão, se discute de sonetos, decimas, odes pindaricas e dithyrambos, que são os unicos generos hoje admittidos pela legitima, pura e orthodoxa

poesia lusitana, fulminado terrível anathema contra toda e qualquer heretica nequicia discrepante ¹.

Além dos mencionados cafés e bilhares, os outeiros de freiras, e nas occasiões publicas — como juramentos, perjuramentos, aclamações, desacclamações, usurpações, etc., etc. — os theatros são os meios de publicidade para os verdadeiros e legitimos filhos do lusitano Apollo que desprezam a ridicula gloria de *auctores impressos*.

Em nenhum d'estes sitios tinha eu visto ou ouvido falar do Sr. João Minimo. Tam pouco não era elle *poeta impresso*; pois graças a Deus, tenho corrido todos os folhetos e folhetaços de poesias — em todo o sentido fugitivas — que ha vinte annos se têm impresso; e bem assim os volumes poeticos de papel pardo que regularmente constam, como é sabido, de algumas grozas de sonetos de annos, abbadessados, etc.; logo, segundo a liturgia commum, as odes pindaricas e os dithyrambos; acabando tudo com a miscellanea das glosas, colchêas, anacreonticas, e alguma ecloga — se as ha.

Portanto era me perfeitamente extranho o nome d'este novo poeta. E agora contarei como viemos a fazer conhecimento e amizade, e como, por uma extraordinaria circumstancia, vim a ficar universal herdeiro de todas as suas obras; das quaes na presente collecção dou ao publico pequena amostra.

No verão de 182... succedeu, uma tarde de Junho, que me encontrei no conhecido

¹ Escrevia-se isto em 1825.

café do Marrare com uma sucia de rapazes, leaes filhos de Apollo; e, como é natural, a nossa animada conversação entrou logo pelos districtos poeticos. Veiu-se a falar em *Outeiros*—alegre e engenhoso passatempo de nossos paes, quasi perdido hoje na barafunda das malditas politicas, desprezado e mal avaliado por uma mocidade estragada e libertina que tem o descôco de preferir as cartas da Nova-Heloisa e do excommungado St. Preux ás eclogas do pastor Albano e da pastora Damiana, — que ousam antepôr os descompostos versos de Francisco-Manuel e suas odes hyeroglyphicas aos retumbantes, altisonantes e nunca assás louvados sonetos da escola elmanica! — Isto é, quando estes senhores se dignam de olhar para versos; porque hoje a moda é prosa e mais prosa, economias politicas, estatisticas, chemicas, physicas, e outras inuteis frandulagens que nunca entraram nas topetadas e apolvilhadas cabeças de nossos paes, n'aquelles felizes tempos de Portugal em que a procissão de Corpo de Deus vinha pelos arruamentos abaixo, — e na vespera á noite oh! que brilhantes outeiros por aquella rua do Oiro! — quando todas as *blue stockings*, *bel-esprits* e *précieuses* de Lisboa se requebravam pelas adamascadas janellas em motes alambicados e sublimes, fructo de muita semana d'estudo nos preciosos volumes de *João Xavier*, da *Mabilia*, — e tambem, para honra e gloria do meu patrio rio, do *Belmiro pastor do Douro*!

Tempos, ditosos tempos que nunca mais heis de voltar! A's vezes ponho me a pensar commigo, se os manes do *pastor Albano*,

ou a alma *parda* do cantor Caldas,¹ ou o energumeno espirito do vate Elmano² apparecessem de repente entre as cigarriponchiondulantes nuvens de um café do Rocio, — theatro de suas façanhas, templo de suas glorias! — e ouvissem e vissem a profanação e prostituição actual de taes logares! . . . Gazetas, jornaes, periodicos! . . . O *Portuguez*³ a matar a gente com a *publicidade dos processos* e com a traição do ministerio; a Gazeta ás unhadas ao *Portuguez*; o padre José Agostinho = até este, o proprio *Elmiro Tagideu! Tu quoque, Brute!* . . . o padre José Agostinho ás chalaças arrieiraes com elles! Com menos escandalo, é verdade, este digno filho de Apollo se abaixa á *vil prosa*, porque em nenhuma materia de sciencia ou arte, ou litteraria (diga-se para honra do seu *poetismo*) o vemos entrar solidamente e como quem a sabe ou a professa: apenas uma tintura de florilegio para embasbacar os pataus, e fazer encaixe a descomposturas, insultos e pachochadas. Mas emfim é vil prosa, indigna do sesquipedal imitador de Stacio, que, com tanto crédito de seu delicado gosto, o antepõe ao semsaborão de Virgilio. . . ai! isso é o menos: que diremos do rival — do rival vencedor do *torto Camões!*

¹ Não se fala do grande poeta o padre Caldas, mas do mulato improvisador Caldas.

² O vate *Elmano* é mui differente coisa do poeta Bocage. O excentrico, inintelligivel, escatapafurdico Elmano dos cafés e dos outeiros não póde ser o mesmo que o nobre poeta Bocage, o traductor de Ovidio, o auctor de *Leandro e Hero*, de *Tritão* e de tanta coisa boa e bella.

³ Jornal dirigido pelo A em 1826-27.

Oh! o que diriam aquelles illustres manes! Com que maldições e esconjuros não fugiriam elles outra vez para a habitação das sombras, fulminando sobre a degenerada raça bastos sonetos de anathema, e pindaricas odes de confusão eterna!

Qu'é dos poetas portuguezes de hoje? Que se não pôde chamar poetas a esses fazedores de poemas e romances¹ — enfronhados em romanticos, — ou a esses frios imitadores de Horacio no genero lyrico, que fazem odes com *sensu communi*, — ou a esses proselytos da escola de Gesner, em que tudo é natureza e verdadeira imitação d'ella, — ou a ess'outros feitores de tragedias, salvo um ou dois cujos versos tragicos são dignos do soneto e da ode pindarica. Nada! isso não é gente a quem se chame poetas. Oh! qu'é d'aquelles famosos athletas que no circo poetico luctavam infatigaveis com Furias, Gorgonas, Tisiphones e Megeras, e bramiam e pulavam e troavam e retumbavam, e faziam versos que nem elles entendiam, de tam sublimes, de tam guindados! — Tudo isso banido, tudo isso fóra de moda por estes ridiculos bonecos de hoje, para quem tudo é natureza e natural, que chamam á noite *noite*, ao sol *sol*, e a todas as coisas pelo seu nome! Quaes poetas, que se lhes entende tudo quanto dizem sem ir ao dictionario da fabula! Poetas que começam

¹ Parece alludir a certas publicações modernas de exquisito feitio e anomala descripção que apparecem ha tres para quatro annos a esta parte, como o poema *Camões*, uma tal *D. Branca*, e outras modernices.

ou ode, ou seja o que fôr, sem invocar musas nem Apollo — até creio que nem Apollo nem musas reconhecem os excommungados.

E a isto chamam *romantico*; e diz que é importação de Madame de Stael e do ascetico Chateaubriand, que nos estragaram nossa poesia do Sul com estas semsaborias do Norte. Pois a antiga eschola *Marino-gongoristico-italo-castelhana*, que resistiu aos esforços de Garção e Diniz, que reviveu mais brilhante e triumphante em toda a seita *Elmanica*, luctou com *Filinto* e *Filintistas*, marimbou para antiquarios-innovadores de toda a especie, e por uma sublime *ruse de guerre*, com differente nome e fingida apparencia, capitanea as phalanges dos *Elmiros*, e de não sei quantos mais *miros* e *iros*, contra os pretendidos restauradores das simplicidades *camõesinas* e *sámirandinas* — esta escola, que tamanhos genios, embora esquecidos hoje, tem produzido, ha de acabar ás mãos de quatro peralvilhos sem nome e sem gloria?

O peor é que não é possivel concentrar a attenção publica em ponto tam importante: as endiabradas politicas tudo absorvem. E elles, os romancistas, os nacionalistas, os racionalistas, os inimigos da brilhante antithese, do campanudo conceito, da fina e intrincada e inintelligivel phrase sublime. . . elles ganham terreno; e talvez, talvez não tarde a epocha em que se veja um dia de annos sem soneto, um anniversario real ou nacional sem ode pindarica; em que as eclogas de João Xavier, e de muitos outros, causem

somno, os sonetos elmanisticos fastio e as epopêas *agustinhas* nôjo.

Ah! d'onde vem tudo isto, d'onde procede todo este damno? — Do esquecimento e abandono dos antigos, respeitaveis e orthodoxos usos nacionaes. Durassem ainda os *Outeiros*, houvesse d'aquellas justas, d'aquelles torneios poeticos em que cada um fazia *prova singular* e publica de seu talento e finura, e em que nenhum insulso fazedor de versos soltos e frigidissimas odes ousava intitular-se poeta. . . houvesse elle *Outeiros*, e não veriamos o que vemos.

Tal era o thema e variações da nossa conversação, quando outro alumno da antiga eschola, outro filho do *outeiral* Apollo, nos veio interromper agradavelmente. — Rapazes! correu elle para nós, muito estimo encontral-os aqui. Sucia! Vamos a Odivellas ao outeiro de S. João, que é hoje, esta noite.

—Quê! ainda elle ha d'isso? Olha a nossa conversa. . . Pois devêras um outeiro?

—Outeiro, sim senhor, vamos; é brilhante coisa: ha mais de dez annos que se não faz. Mas hoje temos tudo arranjado, tudo prompto. Vae N., N. e N., que hão de aterrar tudo com sonetos e colchêas, e já levam provisão de quartetos e consoantes—d'isto que chamam de *nariç de cêra*, que servem para todo o mote; mas não importa: o caso é fazer bulha e estallar como um foguete de lagrimas nos ouvidos d'estes pedaços d'asnos. Havemos de meter tudo n'um chinello. Nem Bocage nem Malhão viram nunca no seu tempo um outeiro como este ha-de ser.

Vamos, rapazes, que só faltam vocês. Toca, marcha!

E nós tocámos e marchámos capitaneados pelo nosso director; e eis-nos saltando e folgando, todos umas paschoas; e elle que dá comnosco na *redolente* e viçosa praça da Figueira, onde encontrámos arreitados e vistosos ginetes e haqueneas mordendo de impaciencia — *os doirados freios* não — mas um resto de albarda velha. Eram burros. Porém os mais pimpões e menos asinarios animaes-burros que trotam nas visinhanças da inclityta Ulyssea.

E os rapazes burriqueiros comnosco, e: — Este, meu amo, isto é que é jumento! — Este, o meu Junot! — Leve o meu Bonaparte. Isto é que é fera. — Leve o meu Lord inglez, que nunca tropeçou na sua vida. — Para Cintra, fidalgo, para Cintra? Está lá em duas horas, o muito; é ir no meu Doutor.

E com estas gritarias e desordem e encomios dos ruços travou bulha suja entre os donos e conductores da *asinaria*; durante a qual, o *tertius goudet* de uma boa velha, que creio que vende toucinho e queijos do Alemtejo, aproveitou a occasião e nos veiu offerecer as suas cavalgadas — aliás burricaduras — que estavam ajaezadas e promptas atraz do *logar*.¹ Estipulou-se prompto o preço, montámos sem mais detença e par-

¹ *Logar*, para intelligencia do leitor provinciano, é a barraca de madeira em que estão anichados os vendilhões da praça da Figueira e de outras praças e ruas de Lisboa.

timos em garrido trote entre os gritos e assobios da rapaziada burrical, que vendo-se *desapontados* pela nossa repentina deliberação, largaram a bulha para nos rogar em côro um sem-numero de suas chulas pragas, a nós e á *mãe dos burros*, a boa velha que nos accommodára tam bem, e que não teve o menor quinhão nas jaculatorias da rapazia.

E já passámos as sujas e enlameadas ruas, e já em campo aberto a gosar a mais bella e deliciosa tarde de Junho que ainda sorriu nos abençoados climas do nosso Meio-dia.

O ár doce e temperado apenas se agitava de uma ligeira viração, tam branda como a que pôde causar a trémula vibração de ventarolla asiatica em mãos de formosa escrava, nos regalados jardins de algum nababo delicioso...

Apre! que esta foi poetica de mais — romantica de mais.

Sejamos classicos:

Qual a suave ondulação mimosa
Que emtorno á mãe dos languidos amores,
Em tarde estiva na estação calmosa,
Meneando os leques de cheirosas flores,
Fazem as Graças nos jardins de Gnido
Para emballar e acalentar Cupido.

Que tal?—o diacho é o maldito *leque*.
Parece-me prosaico e vulgar como o

Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse.

Paciencia.—Abano, abanico... nada! Ventarolla já está dito: leque... leque... Le-

que sempre é o melhor. E mais não é bom. Mas não diz lá o grande poeta da *Phenix*¹, falando do ferreiro Polyphemo:

E porque só no vento se affiança,
Lhe servia de *folle* uma esperança?

Pois *folle* não é mais poetico do que *le-que*: e em sublime, guindado, elevado e culto, se algum sabia, era aquella gente da *Phenix renascida*.

As digressões matam-me: é a minha terrivel e imperdivel manha. — Onde iamos nós? — No caminho de Odivellas: é verdade.

E iamos nós andando, andando, isto é, os nossos burros trotando, trotando, e o ar delicioso, e os campos lindos, e as vinhas e os pomares e os bosques exhalando fragrancia; e tudo alegre e risonho, respirando saúde e vida e contentamento; e nós discutindo consoantes, questionando sobre rimas, ventilando metros e outras que taes coisas de sublime importancia.

— E quem conheces tu lá para te dar mote? disse um da sucia para outro.

— E para dar doce?... que é um pouco mais interessante.

— Em que tu falas! Vergonha...

— Falo no que penso, que já tenho fome: e que será lá para noite velha, quando os

¹ A *Phenix renascida*, preciosa collecção do principio do seculo passado, em que ha mais versos e poesia gongoristica e elmanica do que em todas as collecções poeticas imaginaveis.

consoantes começarem a faltar, as ideias a fugir, a um pobre homem com o *fecho* do soneto atravessado na garganta, que nem para traz nem para deante! Ahi é que os eu quero vêr: o estomago vazio, e o parto de um soneto atravessado? Ninguem resiste a isso: eu por mim. . .

— Fuma-se.

— Bom é: mas fumar não enche.

— Querem vocês ouvir um soneto que eu fiz em Coimbra, de *consoantes forçados*, a um maldito que estava a jogar a ronda commigo, ganhando me o dinheiro, e não me quiz dar um *pontifice* em que eu tinha o olho, que me damnava por elle?

— Venha! disseram todos.

— Pois ahi vae continuou o auctor do soneto:

Dá cá d'esse cigarro uma fumaça
Antes que a lata a cachações te meça:
Dá o por ber, antes que a mal t'ó peça;
Passa cá o pontifice, louraça.

Isso agora é de mais, isso é pirraça,
Dou o cavaco, azôo com tal peça;
Se não m'o dás, já já com toda a pressa,
Desconfio, inquizilo co'a chalaça.

Deixa estar que inda um dia quando eu possa,
Se algum diabo, meu ratão, te atiça
A pedir-me um cigarro, é logo coça.

Es hereje, infiel, não vaes á missa.
Uma ponta negar não te faz móça
Porque a alma tens de estopa ou de cortiça.

Bravos geraes e unanimes e sinceros. Tenho observado que entre auctores — e poetas, que

é a peor raça de auctores — as coisas jocosas, de galanteria, são geralmente apreciadas sem inveja, e applaudidas sem aquellas frias restricções do amor proprio que impedem os filhos de Apollo de acharem gosto e prazer no que é bello ou grande nas obras de seus confrades. Não é affectação, não é maledicencia; é que *gostar é gosar*, e quem não *gosa* não gosta. E como ha de um poeta gosar no merecimento e na gloria de outro poeta? — coitados! As obras de mera brincadeira não têm pretensões, não disputam lugar a ninguem; todos lhe acham graça por pouco que ellas valham. E assim foi esta.

Mas sempre houve quem viesse com a reflexão: — Ah! sonetos d'este genero, o Bodge: aquelle

Cara de réo com fumos de juiz,
Figura de prezepe ou de entremez...

— Não, senhor, eu prefiro o outro:

Da minha ingrata Flerida gentil
Os verdes olhos esmeraldas são...

- Isso não são consoantes forçados.

— São, sim, senhor. — Não são, não, senhor. — Essa é bôa! não sei eu o que são consoantes forçados? — Não sabes; que essas nunca o fôram.

São, não são; trava questão renhida,

Cada qual seus amigos favorecem.

E rédeas que se descuidam, e o quadrupede de um dos principaes questionadores de joelhos a terra, e o cavalleiro atraz d'elle — mas de narizes em vez de joelhos, — e o burro immediato que tropeça no cavalleiro — aliás burriqueiro — e no burro; e zaz, a terra tambem — como um regimento de cartas de jogar. E risota; e *ai meu braço! ai meu nariz!* — E um dos burros que se levanta e foge, e o cavalleiro coxeando atraz d'elle, e nós todos a cercar, e o liberto animal ao galope e relinchando e pinoteando e escaramuçando em todo o sentido e por todos os órgãos que estes *generosos* animaes costumam... E nós fazendo um alarido de todos os diabos. E se não é um pobre saloio que vinha do mercado e agarrou o burro, algum dos outros animaes tinha de ser commum-de-dois para o resto da jornada.

Felizmente o resto era bagatella; e sem mais questões nem incidentes, chegámos ao cruzeiro gothico que fica na pequena emi-nencia, d'onde tivemos ampla vista do anti-quissimo e celebrado convento de Odivellas, em cuja egreja jaz o grande rei D. Diniz, e em cujo dormitorio tantas vezes jazeu outro rei — que não sei se foi grande ou pequeno — D. João V, de freiratica memoria.

Entrámos solememente pelo portão de ferro que fecha a grande praça do convento, como uma banda de cavalleiros em estacada de torneio. Pelos modestos e pacificos ginetes bem se deixava vêr — quando por *al* não fôsse — que mais eram trovadores do que

justadores os que assim chegavam aos venerandos muros do antigo castello monastico.

O mosteiro com effeito, ainda que situado em uma baixa pouco pittoresca, seus ares tinha de castello nos edificios primitivos; mas um sem-numero de irregulares accrescentos de diversas datas destroem a illusão romanesca.

E nós ás cortezias ás madres que apontavam a espreitar pelas janellas, — e alguns a visitar o padre confessor,

Gordo-cachaci-pansudo Bernardo,¹

que, segundo *uso usado*, havia uma commoda e confortavel vivenda defronte do convento. — E eu que me escapo da sucia, e por meu natural curioso e amigo de antigualhas, fui-me sumindo pelo antigo e laçado corredor, ou claustro externo, formado pela balaustrada para o lado da porta da igreja. Estava aberta a porta, e eu entrei com a imaginação exaltada no solemne e magestoso espectaculo do interior de um templo gothico: tal o pron ettia o exterior d'elle. — Em geral a architectura gothica é para mim um quadro de solemne tristeza que me absorve os sentidos todos n'um goso indefinivel, n'um estado que não sei explicar, porque se não parece com nenhuma das sensações que os monumentos de outro genero, que as outras bellezas das artes me excitam.

¹ Este verso não é meu, e não me lembro de quem é.

Mas esta especie de architectura -- e a mais simples mais se embelleza -- no interior de um templo solitario, com uma luz escassa, como elles geralmente a têm, enche-me a alma de um certo não-sei-quê entre goso, respeito, devoção, melancholia e suavidade, que posso alli estar horas esquecidas sem me lembrar nem me importar mais nada. Muitas vezes me succedeu entrar na antiga e veneranda cathedral de Coimbra, deserta e desamparada, -- rico monumento gothico, um dos mais antigos da Europa, talvez anterior á conquista dos arabes, e que está no desprezo e abandono porque nós somos uma nação desmazelada: -- não eramos, mas assim nos fez a monachocracia que apodreceu a nação até o amago. O retabulo da capella-mór da sé, chamada a *Sé velha* de Coimbra, é o mais fino e perfeito e delicado lavor gothico em talha de que tenho noticia, e talvez, que exista. Haverá oito annos estava ainda perfeitamente conservado.

E então, os ricos monumentos sepulchraes dentro e fóra da igreja! -- que em Inglaterra ou n'outro paiz *christão* seriam conservados com respeito e veneração de reliquias! -- alli, estragados, as inscripções illegiveis, alguns cobertos de implastos modernos... Que vergonha, que deshonna nacional!

E mais ainda bem que o bispo de Coimbra e o seu cabido commetteram ¹ a vergo-

¹ Na extincção dos Jesuitas em Portugal, o bispo e cabido de Coimbra abandonaram a sua antiquissima cathedral e fôram occupar a igreja dos Jesuitas.

nhosa acção de abandonar a antiquissima e veneranda Sé da que foi por seculos capital do reino, em que floreceram prelados illustres por sciencia e virtudes, varões de tanto nome e merito — a que não hão-de chegar de certo os modernos desertores do venerando e augusto templo! Ainda bem, digo eu, que elles o abandonaram: senão já estaria a esta hora aquelle interessante monumento da antiguidade estragado e desfigurado com as modernisações *graeco-gallos*¹ que emplastam e mascaram em Portugal as mais bellas reliquias da antiguidade gothica — e sueva — e romana — e grega, que de tudo isso havia por nossos templos e palacios e edificios publicos. Se eu tivesse auctoridade publica, mandava *un beau matin* desemplastar tudo isso, descaiar as pyramides, columnas e monumentos que abundam pelos montes do Minho e charnecas da Beira, pelos baldios do Alemtejo, por toda a parte, e que por toda a parte o mau gosto tem caiado e emplastado, quando não destruido pelos fundamentos: não sei porquê. Só se porque a estupidez e deshonna dos netos se envergonha da memoria dos avoengos — tam differentes! — Talvez.

¹ Graeco-gallas faz cacophonia em portuguez, mas não importa. Chamo *graeco-gallo* uma especie ou estylo de architectura do tempo de Luiz XIV, que nem é grega, nem romana, nem oriental, nem gothica, mas uma mistura muito florida e recortada de diversos generos, muiro carregada de ornatos e muito mesquinha e inelegante. É estylo ainda hoje predominante em Portugal em retabulos de capellas e que taes.

Mas nada d'isto me lembrou ao entrar a porta da antiquissima egreja de Odivellas; e com a imaginação toda cheia das pacificas glorias do grande Diniz, entrei possuido de respeito no sanctuario em que repoisam suas cinzas.

Desapontamento — desapontamento inglez — que não ha outra palavra em lingua nenhuma que expresse o que eu senti — desapontamento tam triste e tam agudo, nunca o provei. O interior da egreja é exactamente o tal mixto hermaphrodito de architectura amphibia e ridicula, de doirados e marmores fingidos, de columnas anomalias que a nenhuma *ordem* pertencem — ou mais exactamente, formam a nova ordem *asnatia*, adoptada para a construcção de quasi todos os novos edificios de Portugal, e para a *emplastação* e degradação de todos os antigos.

E o sepulchro, o tumulo de D. Diniz, qu'è d'elle? — Não é nenhuma d'estas sepulturas razas, espero eu ao menos. Não. — No altar-mór? Não. Absolutamente não apparece. Emfim deparei com um pobre homem, assim como de sachristão, muito velho e muito bruto, que me valeu de *cicerone*: — Ha de ser n'aquella capellinha velha á esquerda. — Como! n'esta aqui, abandonada, cheia de teias d'aranha, indecente!... E era n'essa; n'essa estava o tumulo de D. Diniz; uma especie de sarcophago meio moderno *afrancezado*, meio antigo *agregado* ou *egyptianado*, feito de estuque, pintado a *morte-côr*, fingindo pedra lioz; as armas de Portugal, tambem pintadas na frente, mas

pintadas como hoje as pinta e grava e esculpe a geral e descuidada ignorancia, — escudo redondo que nunca foi escudo real, corôa da Senhora da Conceição, que nunca foi corôa portugueza: semsaboria e ridicularia vulgar nos sellos publicos, na moeda, nos edificios do Estado, em tudo: — que até n'estas coisas pequenas está Portugal degenerado, mudado e parodiado.

Pois nem o singelo monumento do grande rei D. Diniz escapou á emplastagem universal! Nem o respeito á sua memoria, nem a veneração a tam honradas cinzas, nada valeu! — Coitadas, as pobres freiras, e o tocinhudo confessor (o convento é Bernardo e governado por Bernardos) cuidaram talvez fazer uma obra meritoria, uma honraria á memoria do fundador, caíando-lhe, encalichando-lhe, borrando-lhe e sarapintando-lhe o monumento.

O meu cicerone teve a bondade de se ir embora, e de me deixar só á minha vontade fazer de meu vagar estas reflexões, em que não levei pouco tempo.

Quando eu mais embebido estava n'ellas, e com os olhos machinalmente fitos no monumento, senti de repente ao pé de mim signal de folego vivo. Acordei do meu quasi lethargo, e ao voltar-me encarei com um homem môço ainda, mas desbotado de toda a flor da idade, mal trajado, mas de uma figura não vulgar, d'estas que ficam, olhos vivos e penetrantes, e com certo não-séi-quê extraordinario em todo elle que me tocou. Tinha-se approximado de mim sem o eu sentir, e com os braços cruzados sobre o

peito, como que me media com uns olhos tam vivos que pareciam entrar-me até o mais recondito do coração. Observámo-nos algum tempo em silencio. Rompeu-o elle: — E' a primeira vez que vem a esta nossa Egreja?... se não sou confiado em perguntar...

— Faz-me muito favor. — A physionomia do homem, o som da voz, certo quer que fôsse particular me prevenia em favor d'elle. — E' certamente a primeira; e com grande mágoa e desconsôlo meu, a primeira que vim vêr este monumento do nosso grande rei, que o vim achar...

— Desfigurado, mascarado pela ignorancia e perverso gôsto d'estes monges das *edades barbaras*; que taes ou peiores são estes aqui. Estes vandalos fizeram a essa veneranda reliquia nacional o mesmo que faziam seus confrades da *meia idade* aos manuscritos dos auctores gregos e romanos, que os raspavam, ou lhes comiam a tinta com suas esconjuradas drogas, para aproveitarem o pergaminho e escreverem n'elle suas fradarias mysticas e glosas theologicas.¹

A comparação engenhosa trazida sem pedantismo, e que mostrava ao mesmo tempo instrucção e gôsto, causou-me viva admiração: involuntariamente — tal é o podêr dos maus habitos e preconceitos! — voltei a contemplar a mal-roupida figura do homem, o ár humilde de seu corpo e trajo, que tam

¹ Entre outras obras classicas da antiguidade que se têm recobrado fazendo reviver nos *palimpsestes* os a antiga escriptura e apagando a dos monges, é o interessante tratado de Cicero *De Republica*, que ha pouco se imprimiu.

notavelmente contrastava com a expressão nobre do rosto, a pureza e correcção da pronúncia, o escolhido da phrase, e mais, agora esta mostra de illustração tam pouco equivoca. O desconhecido penetrou-me o ânimo:

— Bem sei em que pensa, e não me admira o seu espanto. Parece-lhe impossivel que uma fraca figura como eu fale n'estas coisas com algum senso commum. Tem muita razão, e eu muito pouco juizo em ceder assim ao primeiro impulso voluntario com que me desmandei de meu silencio e estupidez habitual. Seduziu-me o extasi em que o achei contemplando esse monumento, e a *communhão* mental de nossas idéas. Quantas vezes tenho eu feito essas mesmas dolorosas reflexões em que o achei embebido, sobre nossa actual miseria e degradação!

Eu pasmava de olhar e ouvir o homem.

— Dá-me licença, lhe disse, que pergunte com quem tenho a honra de falar?

Sorriu-se com uma especie de affectação philosophica; mas bem se via que era o amargor misanthropo quem lhe franzia os labios n'aquelle sorriso... *amarello*.

— Sou um pobre homem, senhor: para que quer saber minha humilde condição? Para perder algum pequeno conceito que lhe eu tenha merecido? Mas eu não sou homem que occulte a baixeza da minha esphera. N'isto sou bem pouco portuguez. Pois, senhor, saberá que sou *sacristão-menor* d'esta igreja, e o mais é, que muito *contente e satisfeito* da minha sorte. E' escusado notar que as palavras sublinhadas foram ditas com

certo tom emphatico mui particular e expressivo.

Arregalei uns olhos mui pasmados: o homem tornou a sorrir, mas agora mais naturalmente, isto é, menos philosophicamente: e continuou:

— Sim, senhor; mas eu não faço nunca meias confidencias: a minha historia é curta, e quando a conto é toda. Este velho que lhe mostrou o tumulo de D. Diniz, é meu tio; elle é que é o sacristão principal do convento. Meu pae era lavrador abastado da vizinhança, quiz-me conego ou juiz-de-fóra, fez-me estudar, mandou me para a Universidade, onde pouco aprendi; — sahi do reino, viajei por paizes estrangeiros, onde aprendi muito. Assentei de não ser ministro nem da igreja nem do estado — por muitas razões, que são longas e fóra d'aqui. Emfim voltei á minha patria, mendigo, sem protecção (meu pae tinha morrido no emtanto coberto de dividas), e para maior tormento e desgraça, com cabedal de letras, que é a mais ruim fazenda que n'este paiz se póde ter... contrabando, moeda falsa, peor. Vi-me sem mais achego nem amparo que este meu tio sacristão, velho rustico e ignorante, mas excellente alma. Foi a unica mão que se estendeu para me levantar da miseria. Beijei-a com lagrimas, e heide servil-o e ajudal-o até o ultimo dia da sua vida, que, inda mal! me não parece longe. Lá se empenhou com os frades e com a abbadessa, de modo que me fizeram seu ajudante, uma especie de subsacristão ou coisa que o valha. Tomei resolução, conformei-me com a minha sorte, mais,

assentei de tirar partido d'ella. Todos aqui me têm por mais rudo, mais ignorante ainda que meu proprio tio: varro capellas, accendo velas, ajudo missas, — nos intervallos dou meu passeio por estes formosos arredores, vejeto de dia; e ás noites. . . á noite é que eu *vivo*. Sósinho, fechado no meu quarto leio, escrevinho, medito, rabisco, góso, *vivo* emfim. E ninguem me amofina, ninguem me intriga, me rala, me mata — porque ninguem me conhece. Vivo feliz, Diogenes n'um tonel de nova especie, e um Diogenes que não dá nos olhos — verdadeira felicidade. Acredite-me, meu rico senhor: ninguem se esconjurava de sua sorte se soubesse *annivelar-se* com ella. Eu defino desgraça e pobreza — a *desproporção entre o desejo e os meios de a satisfazer*. Quem não póde ensanchar os meios, não lhe resta senão cercear o desejo. Mas a quantos lhe chega fôrça de animo para isso?

Não sei pintar a admiração e a especie de pasmo e absorpção de todos os sentidos em que eu estava. Ó meu philosopho de genero novo continuou:

— Meu rico senhor N. . . (o meu nome! quem lh'o diria?) eu conheço-o de Coimbra; era muito creança quando entrou para a Universidade, mal se póde lembrar de mim: eu formei-me no seu segundo anno; mas fui companheiro de um amigo seu, e conheço-o. Estou certo que me não hade trahir: seria perder-me para toda a minha vida. . .

— Descance: dou-lhe minha palavra de honra mais sagrada. Porém não seja esta a ultima vez. . .

— Bem: mas isto é tarde, os seus companheiros hão de vir por ahi em sua procura; e eu com elles não quero nada. Deixe-lhe mostrar o que é ainda visivel do tumulo de D. Diniz!

Passámos com difficuldade por entre um dos lados do monumento e a parede da capellinha, e descubri a face opposta do sarcophago, a qual não estava emplastada e se conservava em sua primitiva rude elegancia: — um lavor gothico simples, com sua orla semeada dos escudos de Portugal ao uso antigo, de muitos castellos (i. é, mais de sete no escudo algarvio exterior) e várias inscripções latinas em letra *monachal*. A luz do crepusculo escasseava já; não pude decifrar nenhuma das inscripções: e era impossivel, creio eu, porque os comêços e complementos estavam nos outros tres lados do tumulo interrados no maldito estuque *iconoclastico*.

Eu que teimava ainda a vêr se podia interpretar alguma das inscripções, quando sentimos entrar gentes na egreja e ouvimos muitas vozes. Eram os meus companheiros que me procuravam. O philosopho sacristão summiu-se como um spectro; e eu, depois de muitos motejos pela minha devoção que me tinha ha mais de hora e meia na egreja, voltei com elles para o adro ou largo do convento, onde já as fogueiras annunciavam a folgança e alegrias da abençoada noite de S. João, e chamavam o povo da vizinhança, que acudia aos magotes com violas e festas, e tangeres e cantares, segundo os permite e requer a orthodoxa solemnização de tam

bemaventurada noite. Começaram logo a illuminar-se as janellas das freiras, e a luzir pelas rótulas, pelas grades, as airosas toucas e os feiticeiros véos — certamente *pouco avaros* — que de vez em quando o lampejo de um lindo rosto, de matadores olhos inflammavam a imaginação dos nossos jovens poetas e lhes faziam dizer milhares de coisas bonitas. Era electricidade que se estava espediçando.

— Vamos a isto, a isto, rapazes! foi a voz unanime. E brados de *mote, mote!* aos quaes, depois de breve silencio, respondeu uma voz flautada e sonora, que parecia mesmo de um cherubim, — de quem não está costumado a coisas d'este mundo:

Amor seu facho n'esta noite apaga.

Debandou toda a phalange poetica; passeiou-se, esfregou-se a testa, roêram-se unhas até o sabugo, e a final — palmas, *lá vae!* E sahiu o soneto seguinte, que transcrevo para divertimento, instrucção e edificação do leitor — que véja como nós estavamos devotos e bons rapazes.

Amôr seu facho n'esta noite apaga.

GLOSA

Parabens, parabens, devotas bellas;
Cupido converteu-se, e mui contrito
Vem, abjurando do paganismo o rito,
Festejar esta noite em Odivellas.

O arco e settas — atirou com ellas,
Quebrou tudo. Como elle vem bonito!

Tira-lhe o carro um alvo cordeirito,
E na aljava só traz flóreas capellas.

Franqueae-lhe, não temaes, vossa clausura,
Que elle hoje não faz mal a quem o affaga.
E pombinha sem fel, todo é doçura :

Tudo o contenta, qualquer coisa o paga ;
Extinguindo ao desejo a chamma impura,
Amôr seu facho n'esta noite apaga.

Seguiram-se colchêas, e mais sonetos, e muitas versalhadas outeiras de toda a especie e calibre, com muito e mui guloso doce que as mães nos deitavam, e que—ao menos para mim — não foi a menos agradavel circumstancia da noite. Já bem adeantada ia ella, quando ainda eu brigava muito embirante com uma maldita decima que nem pela fortuna se queria encaixar no mote. Era o sobredito o seguinte :

E' doce allivio chorar ;
Feliz quem póde fazel-o !

Eu que tinha minhas certas razões para brincar com este mote, porque sabia *d'onde elle vinha*, estava martellando *rime et raison* para o fazer com algum geito. Mas nunca em minha vida fui tam infeliz; nem para traz nem para deante. Passeiava só e assim engasgado no meio do largo, a turba multa dos vates e espectadores accumulada ao pé do angulo que formam as duas alas do convento, quando senti alguem atraz de mim, e que me tocavam no braço... Adeus! lá se foi o consoante! Valha-o a breca.

— Pois não está farto d'essas semsabos.

rias! Se quer continuar, perdôe, eu me retiro. Mas cuidei...

— E cuidou bem; que é grande loucura com effeito estar-me eu aqui a moêr, e a taes horas da noite. Basta de outeiro. Mas elles estão encarniçados, e primeiro que acabem...

— Se quizesse vir honrar a minha pobre casa e entretêr até que acabem, (eu moro aqui ao pé) conversavamos... Eu tambem gosto de versos, e por desgraça até os faço... os fiz.

— Bravo! estou com a minha gente: vamos.

Escuso dizer que um dos interlocutores d'este dialogo era o meu sacristão philosofo, o outro eu, que immediatamente acci-tei o convite, com dobrada vontade depois que soube que o homem era poeta. Voltá-mos costas ao outeiro e entrámos logo em uma casita pequena e humilde á sahida do largo. Fômos para o quarto do meu novo amigo, que era mui confortavel e acciado em sua pequenez e modesto arranjo. Deu-me guapa ceia de saboroso peixe frito e salada, com delicioso vinho do sitio, puro e sem aguardente — coisa que abomino, perversa moda portugueza de conservar o vinho, que equivale a perdê-lo. Conversámos largamente e vagamente sobre diversos objectos, e viemos a descahir naturalmente no capitulo dos versos. — Que lhe parece, disse eu, o que se tem feito ahi no outeiro? Os rapazes resuscitaram hoje com todo o brilho a antiga usança nacional.

— Sim; algumas faiscas de engenho têm

vislumbrado por entre uma corja de semsaborias e disparates, que é o de que sempre se compõe um outeiro.

— Oh! que blasphemia! se os meus companheiros o ouvissem... Já vejo que é da tal eschola estrangeira: dos *horacianos* ou dos *romanticos*?

— Não sou nada d'isso: não gosto de escholas e detesto estrangeirices. Em tudo sou *portuguez velho*, e assim hei de morrer. Mas a nossa differença toda vae no fixar a epocha dos verdadeiros modelos. Os primeiros portuguezes affonsinhos eram gente semi-barbara, e em litteratura, em costumes, em linguaçem, têm pouco que se imite; os degenerados portuguezes que soffreram o jugo castelhano sessenta annos a fio e desprezavam já a sua lingua bella, sonora e natural, para escrever na empollada e presumpçosa lingua dos tyrannos, quem os ha de imitar? Tampouco o merecem os que depois se seguiram e que não sabiam senão alambicar conceitos e guindar phrases descommunaes e desnaturaes. Outro tanto direi dos ultrafilintistas, dos ultra-elmanistas e dos ultras de toda a especie que hoje infestam e infectam a litteratura portugueza. O que fica, tiradas estas epochas, são os bons tempos da monarchia, são os reinados da raça Joannina antes do captiveiro castelhano, e depois d'elle, o curto mas glorioso periodo que se comprehende na ultima parte do reinado de D. José e na primeira do de D. Maria. Costumes nacionaes, linguaçem (a dos bons auctores) tudo é portuguez legítimo, com as variações que o seculo, as luzes, a differente civiliza-

ção produziram. E restringindo á especie em que estamos, de versos, nos poetas d'essas duas epochas é que apparecem os nossos unicos mestres e modelos. Estudal-os cuidadosamente é indispensavel a quem quizer fazer versos portuguezes; imital-os cegamente, não; já porque elles têm muitos defeitos que convem evitar, já porque ha muitas bellezas que elles desaproveitaram e que nós não devemos. Este é o meu *credo poetico* nacional.

Quanto a estrangeiros, convem estudal-os, convem imital-os no que é imitavel, nacionalizando-o: mas o que faz gala de imitar ás tontas os estrangeiros e desprezar os seus, não é só tolo, é ignorante e estúpido.

Eu fiz muito verso, muito verso mau, alguns soffríveis. Tenho queimado milhares, ainda ahi tenho muitos. Mas fiz sempre por fugir do vício das *escholas*: nem sempre o consegui; geralmente é coisa que detesto. Que quer dizer horacianos, filintistas, elmanistas, e agora ultimamente classicos, romanticos? Quer dizer tolice e asneira systematica debaixo de diversos nomes. Pois quando quero fazer uma ode *genial* — ou elegante de qualquer genero simples e natural, não é o *stylo*, a maneira de Horacio o melhor modelo? Se faço um soneto ou um epigramma porque não heide tomar Bocage por meu exemplar? Se se trata de sublimes raptos lyricos, quem chegará tam alto como Francisco-Manuel? Se o meu assumpto é classico, se o talho e adórno no genero grego da arte antiga, se invoco sua elegante mythology, porque não heide ser eu classico,

porque não hei de afinar a minha lyra pela dos sublimes cantores que tam estremados a tocaram? Mas se escolho assumpto moderno, nacional, que precisa um *maravilhoso* nacional, moderno, se em vez da lyra dos vates, tómo o alahude do menestrel ou a harpa do bardo, como posso então deixar de ser romantico! Que ridiculos não serão os moldes e adornos classicos do Parthenon ou do Pantheon embrechados n'este edificio gothico?... Não acha que tenho razão?

—Tanta, que me converteu. E não me vou d'aqui sem ver, sem estudar os seus versos. Por força...

—Por vontade será, e muito boa vontade; que—deixe-os falar—não ha poeta nem auctor de casta nenhuma que não folgue de mostrar as suas locubrações, por mesquinhas que sejam.

O meu philosopho abriu uma arca affon-sinha, em que havia immensa papelada de todos os tamanhos e descripções.

—Prosas, versos, um tutilimundi de escrevinhaduras, disse elle, está aqui n'esta arca de Noé. Este é o primeiro bicho que sae da arca, e Deus queira que lhe não succeda como ao corvo da sagrada historia.

Dizendo isto, tirou um grosso e pesado cartapacio informemente cozido a modo de livro, e deu-m'o. Abri no principio, e dizia: —VERSOS DE JOÃO MINIMO—Pois este é o seu nome?

—É o nome porque todos me conhecem. Quando eu andava no mundo chamava-me N.; JOÃO MINIMO foi o que adoptei quando me fiz sacristão, e com que provavelmente

me hei de enterrar debaixo de uma d'aquellas lages, se Deus quizer, ou meu tio não morrer antes, que então...

Comecei a lêr; e interessou-me sobre maneira a leitura. Pedi para trazer o livro, e obtive com certas condições, que tenho cumprido á risca. Despedimo-nos com promessas de nos tornarmos a vêr cedo; e não tardei a ir reunir-me aos meus companheiros, que, já fartos de versos, de doce e de freirrear, montavam os quadrupedantes ruços. Voltámos a Lisboa sem mais aventura nem coisa digna de se contar.

Li de meu vagar os versos do Sr. João Minimo, em que realmente achei, segundo elle dissera, muita coisa má, muita coisa boa, e muita coisa nem má nem boa.

Tinham passado alguns mezes, e andava eu fazendo tenção de ir uma tarde a Odivellas ver o meu Diogenes sacrista, quando inesperadamente me entrou pela casa dentro um saloio carregado com uma arca enorme, o qual me apresentou a seguinte carta, que vae fielmente trasladada para informação do leitor:

—Muito meu Sr.—Bordo do navio N.—de Janeiro 182...—Quando esta lhe chegar, terei dito um eterno adeus á minha patria. A morte de meu tio cortou os unicos laços que me prendiam a este malfadado paiz. Não sei ainda aonde irei dar commigo: mas sei que ha de ser para longe de portuguezes. D'elles e de tudo quanto é portuguez me despeço. N'este número entram os meus rabiscos, de que o instituo legatario universal com auctoridade absoluta para d'elles dispôr

como entender—com a condição unica de que, se algum se publicar, nunca será senão com o nome de—JOÃO MINIMO.

Em virtude d'esta auctorização me resolvi a publicar o presente volume, que é a escolha do que me pareceu melhor d'entre a immensa farragem de versalhada conteúda na vasta collecção dos versos de J. M. que eu tinha trazido de Odivellas.

Das outras obras, que são muitas e de mui variado genero, prosas, versos, novellas, historia, moral, direito, etc., etc., darei pelo tempo adeante ao público o que as minhas circumstancias—e as do público—permitirem.

Birmingham, em Warwickshire, Inglaterra,
Dezembro 15—1828.

LYRICA

LIVRO PRIMEIRO

I

A PRIMAVERA

Come, gentle Spring, ethereal mildness, come!

THOMPSON.

QUE estancia tam feliz, de Flora alvergue,
Mimo da natureza!
Que saudavel bafêjo d'aura estiva
Me renova a existencia!
Doce a mansão das Dryades florentes
O olfato lisongêia;
Ledo c'os filhos o cantor plumoso
Gorgeando esvoaça
De raminho em raminho, e vae na relva
Colhêr o tenro gômo
Da hervinha que desponta, e vem trazêl-a
Ao fabricado ninho,
Onde a molle pennuge apenas cobre
Os caros pequeninos
Tudo é vida, que pula, que germina
Na alegre natureza.
Quasi se antolha, ao reviver dos troncos
Ao nascer de mil plantas,
Ouvir a voz que ao cahos tumultuario
A face deu primeira,
Toar de novo, re-crear os entes
Das semines do nada.
Ah! vós, que respiraes ár empestado
Entre o murice e o oiro,

Que ignorais os prazeres da existencia,
 Vinde, vinde commigo
 No seio da risonha natureza
 Conhecêl-os, gosál-os.
 Ella, que é simples como a flor dos campos,
 Não creou para o homem
 Doirada habitação, mentida estancia
 De prazer depravado.
 Aquelle a quem razão limpou dos olhos
 Do preconceito as névoas,
 Préza seus dons, desliza a turba inchada
 De estupidos pavões:
 Em quanto elles o vacuo insaciavel
 Do ingenito appetite
 Errados buscam saciar á toa,
 Ri de sua lida o sabio:
 Furtando-se ao clarão de Phebo irado,
 Entre louções verdores,
 No mysterio da vida, nos prodigios
 Da criação se embebe.
 Olha o matiz da flor, olha esse luxo
 De purpuras e d'oiro!
Nem Salomão em toda a sua pompa
Trajou galas tam ricas.
 Este campo, esta vista apura n'alma
 Os sentimentos nobres,
 Virtuosos, singelos; restitue
 O homem á essencia d'homem.
 Assim, latino Orpheu, cantor das Graças,
 Nas modicas Sabinas,
 Co'a philosopha musa ao lado, ao peito,
 Passavas aureos dias.

Ilha Terceira—Abril 12, 1815.

II

DESPEDIDAS DO CAMPO

É forçoso deixar-te, ameno asylo,
 Solidão deliciosa;
 Mas fca-te, em penhor, minha saudade,
 Minha lembrança eterna.

As doces horas que passei contigo,
 Innocentes prazeres,
 Que em teu seio de paz gozei tranquillo,
 Jamais hão de esquecer-me.
 Á sombra de tuas árvores viçosas
 Veiu a divina Euterpe
 Dar-me a provar os melles venusinos;
 Em tuas soledades
 A musa austera que ao terror preside,
 Na lyra envolta em luto,
 Os modos me ensinou que á Grecia culta
 Lagrimas arrancavam.
 Em remoto porvir, teu chão pisando
 Genio votado ás musas
 Os eccos ouvirá de meus primeiros
 Meus innocentes cantos,
 E adorando piedoso o teu recinto,
 Dirá:—'Selva felice,
 Em que habitou do Pindo o santo côro,
 Salve! eu te adoro humilde!'
 Assim dirá: e tua soberba fama,
 Deixando longe os términos
 Do pequeno terrão que o mar rodeia,
 Se espaiará no mundo:
 A ti virá de longe o peregrino,
 Como a Sabina e Tibur,
 Pendurar pelos ramos d'essas faias
 As votivas capellas.

Ilha Terceira—Septembro 20, 1815

III

A SOLEDADE

Haec incondita solus
 Montibus et silvis studio jactabit inani.
 VIRG.

O^H como dilatar-se
 Sinto no peito o espirito opprimido!
 Como nova existencia
 D'este ár da solidão vou recobrando!
 Não sinto das cidades
 O ár pestilente carregar-me os olhos,

Nem oiço o borborinho
Rugir-me em torno, do insolente povo,
E a turba petulante
De ociosos vadios circumdar-me.
Aqui n'este recanto,
Que mal o errado vulgo olhar se digna,
Disfructando prazeres
Só concedidos a gosar do sabio,
Da vida affadigada
Repoiso brandamente, no regaço
De cara Soledade
Oh! porque já, na aurora de meus annos,
No despontar primeiro
Do crepusculo tenue da existencia,
Te quero eu tanto e busco,
Ó solidão, amparo de infelizes,
Confidente de mágoas?
De paixões virgem, socegado ainda
Não tem meu coração
Que vir contar aos eccos de teus valles,
As brenhas de teus montes:
E já te busco, e já tam docemente
Me embebo nas delicias
Da suave tristeza melancholica
Que de teu seio spira!
Mau signal é, mau agoirar (me dizem)
Este fugir da vida
Ás portas d'ella.—Embora: hóspede antigo,
Ó cara Soledade,
Me acoitarás então quando, fugindo
A pezares e angústias,
Te for pedir consolação e allivio
Dos porvindouros males.

IV

A SESTA

Veniam merridiatum
CATULL.

DE um sereno ribeiro ás frescas margens
 Bordadas de boninas,
 Na mão nevada repoisando a face,
 Lilia, a mais bella das gentis pastoras
 Socegada dormia.
 Ella dormia; e zephyro ligeiro
 Timido e respeitoso
 Nem se atrevia a sussurrar-lhe emtôrno.
 Mais placida corria a debil onda
 E o plumoso cantor nem murmurava.
 O sol, que no zenith
 Vibrava raios da mais alta esphera,
 Parecia afastar-lhe ao longe a calma.
 Espêssô freixo, que rodeiam myrtos,
 Longe estendia a cupula frondosa,
 E, vaidoso do abrigo que prestava,
 De namorado requebrava os ramos.
 Aos pés da nympha a medo se beijavam
 Quasi affogando o gôso,
 Sem lascivo arrulhar, meigas pombinhas.
 Mal lhe cobria os membros cêlicados
 Pouco avaro sendal candido e fino:
 Via-se a perna, resvalando a furto,
 De pulido marfim, que d'alvo cega;
 Via-se a fôrma do elegante corpo,
 E o delicado seio
 Suave palpitando
 Em doce, voluptuoso movimento.
 Dos labios entre-abertos lhe spirava
 Mais divino perfume que a ambrosia;
 Pouco restava ao soffrego desejo
 Debil imaginar de almos thesouros.
 Julguei da equorea Chypre nas florestas
 Vêr a meiga Erycina de cansada
 Por Adonis chamar, que adormecêra.
 Manso e manso approximo, em cada passo
 Confuso, arrebatado,

Cuidando commetter um sacrilegio.
 Afasto a medo os ramos invejosos
 Ah!... Lilia reconheço, Lilia, a ingrata
 Que ha muito me fugia: corro a ella,
 Comêço a lhe beijar as roseas faces,
 Beijo-lhe as niveas mãos e os garços olhos:
 Nas veias me pullula ardor celeste...

Osculo ardente
 Do brando seio
 Já sem receio
 Lhe ouso roubar:

Prazer celeste
 Lhe entr'abre os lumes,
 E mil queixumes
 Ia a formar:

Vou a applacál-a,
 Balbuciámos...
 E ambos ficámos
 Sem respirar...

Ilha Terceira—Maio 5, 1815.

V ✓

O ANNIVERSARIO DE FILINTO

A UM AMIGO

Cuncta festinat manus: huc et illuc
 Corsitant mixtæ pueris puellæ:
 Sordidum flammæ trepidant rotant'es
 Vertice fumum.

HORAT.

T EREMOS do bom Porto os copos tintos,
 Tambem virá Madeira,
 O saudavel, ameno Carcavellos,
 E o topazio brilhante
 Dos campos de Tubál, cheiroso e bello,
 C'o recedente Pico;
 Não em doiradas exquisitas taças,
 Mas em puros crystaes.
 Corre, amigo, que o lombo acostellado,
 Coroado de batatas,

Já lá vejo do espeto retorcido
Fazendo-me negaças.
A meiga Armia, a minha doce amiga.
Doirará nossos gostos:
Vem, não tardes, que os cópos já retinem
Vem, que por mór festejos,
A' memoria do nosso gran' Filinto
Já levantar mandei
Sumptuoso mausoleo de alto relêvo:
Acude e corre, amigo,
Antes que nol o pesquem lambareiros:
Vem, que é de trouxas d'ovos.

Porto — 1817.

VI

A UM JOVEN POETA

Não librado em dedaleas, cereas azas,
Ousaste o Pindo commetter de um vôo,
E do olympio cantor,
Sem medo ao vitreo pégo,
Altissimo emulaste o arrôjo altivo.

Teus versos lendó numerosos, fortes,
Do vivo imaginar senti o impulso,
Do extasi brilhante
Que ardido, que enlevado
Os homens levantou a par dos deuses.

De acções heroicas, discorrendo a tea
Antigos vates, alheiada a mente,
Na confusão sublime
Do impeto divino,
Aos céus ergueram a impetuosa lyra,

De Elide ás palmas, ao suor honroso
Corre turba de heroes: na méta férvida
Eis o vate após elles. . .
Lidou no pó brioso,
E colhe os loiros com que lhe orna as frentes.

Vingando o espaço de alongados máres,
Do Tejo ao Indo, o denodado Gama

Vae tremular as Quinas
Victoriosas sempre
No occulto berço da remota aurora.

Já de Albuquerque aos temerosos golpes
Goa succumbe e Ormuz; fusila a espada,
E tropeja a victoria;
Por entre a grita horrenda
Pávida ulula pelo campo a morte.

Se na campina Elea voôu Pindaro;
Soltandó o panno á magestosa lyra,
Immenso rue Elpino
Pelos máres do oriente
E tropheus ergue que não vence o tempo.

Tal Filinto depois, igual com elles;
Após as Quinas lusitanas corre.
E tu, que os segues, vôa
Por esse esteiro lucido:
Não temas, vae, que hasde encontrar co'a gloria.

Coimbra — Janeiro 12, 1818.

VII ✓

A NOIVA

Já no primeiro oriente desfolhando
Suas rosas vem a aurora;
Já pouco a pouco o manto desdobrando
Da névoa que evapora,
Vem o sol pelas altas cumiadas
Dos elevados montes
Acordando hervas, flores esmaltadas,
E alvejando nas fontes.
Mais galas não trajou nem mais belleza
Nas vodas de Pelleu
A voz de Jove toda a natureza,
Quando tredo escondeu
No pômo tam formoso e cubiçado
O malfazejo nume
Faiscas d'esse fogo que, ateadó
Em chammas de atro lume,

Da miseranda Troya, que abrazava,
 Para a Grecia lavrou,
 E os dilatados campos lhe assolava,
 As cidades lhe ermou. . .
 Oh! não vem esta aurora assim pejada
 De tão negro porvir:
 Que o pômo da belleza disputada
 Quem n'ó hade aqui renhir
 Co'a a linda noiva que hoje amor corôa?
 Contenda, bem n'a houvera
 Entre os que invejam Páris e. . . e aguilhõa
 O ciume que lacera:
 Mas Hymeneu e Amor — rara alliança!
 Lhes fecharam as portas da esperança.

Coimbra — Maio 15, 1818.

VIII

O MONUMENTO

AO DOUTOR J. F. A. FORTUNA.

Absint inani funere nœniæ,
 Luctusque turpes, et querimonix
 Compesce clamorem, ac sepulchri
 Mitte supervacuos honores.

HORAT.

ESMEROS de ambição pomposa, inchada,
 Monumentos de glória imaginaria,
 Fastosos mausoleus, onde forçadas
 A ceder á vaidade, as bellas artes
 Entalharam no marmore sombrio
 Prodigios do cinzel, da architectura,
 Quaes vira Memphis, admirára a Grecia
 E Roma triumphante erguêra aos Cesares!
 Ao som de minha voz lugubre e rouca,
 Que a singela verdade descarnada
 Hoje em accentos rigidos me inspira,
 Patentee um momento á minha vista
 O pavoroso, cinerario seio.

Eu vos vejo. . . Ah! mentidos epitaphios!
 Hadriano aquí jaz, alli Augusto?

Não; só contemplo de asquerosas cinzas
 Mesquinhos restos, miseros sobejos
 De esfomeados, odiosos vermes.
 Thebas, Roma, Carthago, Athenas, Sparta,
 Onde são teus heroes? — Ao nada horrivel
 Do esquecido sepulchro baquearam.
 Juntos se densam no funereo acervo
 Os evos deseguaes; vão de mistura,
 Entre o squalido pó, jazer c'a morte
 Lanças de heroes, cajados de pastores.
 Come a terra os andrajos do mendigo
 Co'a purpura dos reis. Imperios, thronos,
 Portentosas facções, riquezas, glória,
 Tudo a campa invejosa opprime a um tempo.
 — Só tu, sabedoria, tu, virtude,
 Sôbre a pyra da morte acrysolada
 Mais nitida refulges, só te isentas
 Da lei universal da natureza.
 Inda existe Catão, se Augusto é morto,
 E, se Crasso morreu, Cicero vive.
 A fama lhes prolonga eternamente
 Nas gerações futuras a existencia.
 Volvem no longo curso inteiros seculos,
 E na roda incansavel das edades,
 Ao tempo sobranceiros vivem, fulgem.

— Oh! lusa Athenas, deixa o pranto funebre,
 Lança da frente o lugubre cypreste:
 Louros te cumpre — redivivas palmas
 Ao teu sabio incansavel, ao teu mestre,
 Ao teu Fortuna. Venerando nome!
 Nome que de meu peito excitas grato
 Lagrimas doces de lembrado affecto,
 De saudade eterna! Quantas lidas
 Para nos illustrar, quantas fadigas
 Constante não soffreu! Quantas barreiras
 Ousado franqueou c'o facho vívido
 Da san philosophia! Ah! vós o vistes:
 Methodo obscuro, na região das trévas
 Por subtilezas vans, vanmente urdido,
 Despe á sua voz a fórma enredadora.
 Já ousa o joven, que estudioso anhela,
 No academico seiô entrar o arcano,
 Da moral natureza, as leis e a essencia,
 C'o fio luminoso, que teceram

As sábias mãos do esclarecido mestre,
Seguir audaz na enrevezada senda
Metaphysico, antigo labyrintho.
O colosso cahiu de arduas chymeras,
A tocha da razão vive, e dissipa
A inextricavel noite da ignorancia.
O homem vê mais distinctos seus direitos,
E a ser homem apprende c'os mais homens.
Quanto lhe deve a academia, a patria!
Quanto lhe deve a humanidade inteira!

Ah! que em vão clamas, ruidosa inveja,
Silvando embalde co'a viperea lingua
Tentas ennodoar com teu veneno
Os lucidos tropheus que ergueu Minerva.
Oh! grita embora; ninguem te ouve os brados
Settas que vibras no pavez embatem
Que a fama illustre perennal resguarda
Sobranceiro a teu odio, a teus imbustes,
Pela estrada da glória foi ao Olympo.

Oh! vê lá da estellifera morada,
Onde, altaneiro á rotaçãõ dos astros,
Vês girar a teus pés milhões de mundos,
Olha como entre nós ainda vives,
Olha a multiplicar tua existencia
Por milagre de amor unida á nossa.

Fia! corramos: toda a natureza
Á voz da gratidão ha de seguir-nos.
Ja do centro da terra o marmor duro
Em medidas porções se talha e ajusta;
Altas columnas de per si se alisam,
Se lavram capiteis, cornijas pullem;
Pouco a pouco se espalma, e brune o jaspe;
Estatuas se erguem, desencurvam, pousam,
D'emtórno á campa magestosa e bella.
Alli se vê a candida amizade
Com a sciencia nobre; alli avulta
Em franco aspecto a san philosophia;
Alli... Novo prodigio observo, e pasmo:
Mão invisivel em lustrosa tarja
Em aureas lettras a gravar começa.
O nome de FORTUNA... Oh! não, suspende:
Injúria á gratidão fôra gravál-o,

Impresso em nossos peitos vive ha muito;
Que em cada coração lhe ergue a saudade
Um busto, um mausoleu, talvez um templo.

Coimbra—Março, 1819.

IX

A MORTE

A. D. M. J. VANZELLER

How deep implanted in the mind of man
Is the terror of death. I sing it's sov'reign cure.
YOUNG.

A mortel.. Sim a morte; ouvi-lhe o brado,
Senti ranger-lhe a formidavel foice
Com que as mirradas mãos lhe armou o Eterno.
Porque, SENHOR, do cahos tumultuario
Tam bella e esperançosa ergueste a vida,
Se aopé da vida collocaste a morte!

.....
Surge do abysmo a face do universo,
Rotam no espaço rutilantes astros;
E, sôbre o eixo revolvendo, a esphera
Em compassado e fixo movimento
Das leis se rege de immutavel ordem;
Viceja a terra e se inflorea e brota
O util dos fructos c'o prazer das flores;
A natureza inteira vive e cresce;
Bilha a mão do Creador nas obras suas;
E tudo. . com um golpe extingue a Morte!
Basta-lhe um sôpro, e o sôpro da existencia—
Que do Eterno emanou, se esvae ao nada!...

Musa das trévas, do pavor, do espanto,
Que os sons, que os ais da gemedora lyra
No silencio da noite, á luz tremente
De frcixa lua, em soledade esparzes;
Que os funebres lamentos inspiraste
Ao herdeiro christão de antigos bardos,
Ao propheta, ao philosopho da noite,¹
Que ensinaste as endeixas do sepulchro
Ao sublime cantor da eternidade,²

¹ Young.

² Foscolo.

E do gêlo da campá á mente erguida
Lhe dardejavas scintillante fogo;
Agora as fauces do medonho abysmo
Me rompe, ó deusa, ao barathro insondavel
Desce da Morte, vem: sigo-te affoito.

Eil-a sentada no horroroso solio
De amontoados, resequidos ossos!
Aos escarnados pés se apinham, jazem
Infundas gerações em cinza e vermes.
A um lado o tempo, com veloz compasso,
Lhe bate as breves, fugitivas horas;
E a cada golpe, que um instate marca,
Desce um golpe da foice carcomida,
Que milhares de victimas lhe prostra.
Cae c'o trémulo ancião tenra donzella,
C'o o pastor desvalido o rei potente...
Em voraz sorvedouro, aos pés do throno,
Se precipita e some em van torrente
Riqueza, formosura, esforço, glória. .
Sabedoria, e tu tambem accurvas
A lei universal da natureza.
Mas porque de repente no seu throno
Vacillou e tremeu a omnipotente,
Implacavel rainha no universo?
O longo braço descarnado e sêcco,
Mas certo no golpe, ensaia e move;
Trez vezes tenta, e trez recúa e silva;
De raiva os ossos com stridor lhe rangem .
As tuas leis, ó Morte, alguém se atreve
A resistir?... Já vibra o golpe e fere...
Não, não chega a ferir .. — Subito horriveis
Tremedores trovões nos áres trôam,
Rue rapido o raio, as nuvens fende,
E do SENHOR a voz soôu na altura.

De um baque o throno, o monstro, o horror e as trevas
Cahiram, dissiparam-se : em bonança
Raia sereno, luminoso dia.
Azul saphira os horisontes vestem,
E com o sol no céu se junta a aurora;
De flores e verdura se recama.
E o prado, os montes matizando cobre;
Amenas fontes, placidos ribeiros
Cáhem das penhas cobrejando correm

E entre fulvas areias se deslizam;
 Pelas selvas o zephiro sussura,
 E plumoso cantor ledo gorgeia,
 De sobre o verde ramo que baloiça,
 Angelica, suave melodia.

Tal do Eden nos jardins, do orbe na infancia,
 Do homem sem culpa habitação ditosa,
 Sorria de innocencia a natureza.

Que amena estancia!... Se outra vez se abriram
 Aos degredados as vedadas portas
 Que o primeiro peccado lhes cerrára?...
 Já leio em caracteres rutilantes
 Fulgurando no ár—'Mansão dos justos:'
 Vejo em candidas vestes refulgentes,
 Pelo prado em corêas divididos,
 Entes quasi divinos... Quem são estes?
 Oh, se vós sois os justos, ensinae-me
 A essa estancia feliz qual senda guia.

Com voz como de mãe que o filho ameiga,
 Me responde um de angelico semblante:
 — Só conduz para aqui uma vereda
 Espaçosa e suave, amena e grata,
 A da virtude; estreita, envezada
 Do mundo os sabios vãos a imaginaram.
 Desvairada moral o finge á mente;
 Sombra enganosa da razão soberba
 Que á virtude chamou difficil, ardua,
 Por fazer glória van do que é ventural
 Não, filho, só no crime ha dor e angústia,
 Só delicia e prazer ha na virtude:
 Um preceito de amor suas leis são todas;
 D'este principio os outros se derivam.
 N'elle, no só amor se encerram todos.
 Ama os homens, e a Deus amarás n'elles,
 Ama-os, soccorre-os; e a virtude n'alma,
 E os céus no coração terás com ella.'

Disse, e do gesto divinal acceso
 Lhe transluzia a férvida virtude
 Que do instincto do amor fez lei suave.

Absorto, embevecido, os olhos fitos,
Extasiado contemplo, e a pouco e pouco
Distinguir me parece... Oh, sim que é ella!
— Anjo con olador, alma ce'este,
És tu, clamei, e ao mundo, aos desgraçados
Te roubaram os céus! Ai do orpham triste,
Ai da mesquinha, misera viuva,
Ai da afflicta donzella desvalida,
Que assim ficam sem mãe e ao desamparo!
O patria minha, Porto venturoso,
Oh, desgraçado agora!...

 Ia eu por deante.

Mas subito rubor lhe cobre as faces;
De humildade córou, e os olhos baixos
Vae-se afastando em vagoroso passo.

A celeste visão desaparece.
Esvae-se a amena, deliciosa estancia;
Só n'um deserto árido me vejo
Abrolhos, sarças, rubidos espinhos
Em sôlta areia apenas se divisam;
Montes a pino, de escaldada rocha,
Mettem ao longe horror á natureza,
Pinheiro esguio, a espaço e espaço, erguido
Co'as oirçadas, verde-negras cómas
Vae topetar nas carregadas nuvens.
Aqui o sol que os raios bemfazejos
Presta á vegetação, dá vida aos gômos
Excita o germen das nascentes plantas,
Aqui, só quando ardeno em rubro fogo
No cão rabido as furias dobra e punge,
Raio consummidor dos céus dardeja.
Tal na arenosa solidão de Zahra
Está morta e queimada a natureza.

Mal começava a revolver na mente
O que vejo, o que sinto — eis braço occulto
Me segura; alta voz das nuvens rompe:
— Mortal, a imagem vês do mundo inteiro.
Quando o egoismo pelo mundo impera.
Foje dos crimes o mais negro e horrivel,
E a primeira das candidas virtudes
Segue em tuas acções, canta em teus hymnos.

Disse, e a invisivel mão na minha lyra
 Senti batendo resoar nas cordas:
 A medo as pulso, melodioso accento.
 Som mais que humano me sahiu da lyra.
 Nem doçuras de amor, nem ais, nem prantos,
 Glórias, feitos de heroes, já tudo esquece;
 Só da virtude amor e amor dos homens,
 Só de philanthropia heroes entôa.

E a ti, boa Isabel, a tí primeira
 Tecerei com meus hymnos a grinalda
 De immorredoiras, sempre vivas flores.
 Das praias d'Albion, da patria ingente
 Da gloria, da razão, da liberdade,
 Te mandaram os céus em dom piedoso
 A estas nossas praias que adoptaste,
 Que orphans te choram, desherdadas hoje.
 Aqui, planta de bençãos e virtude,
 Cresces, e amparas com a sombra amena
 O adoptivo terreno; aqui teus braços
 Delicados e tenros se encostaram
 A antigo tronco já copado, e fundo
 De longas, salutiferas raizes,
 Que em nossos doces climas esquecido
 De sua batava origem, nos adorna
 As magestosas ribas d'este Douro.

Tal em vergel mimoso acobertado.
 Fructo de assidua vigilante industria,
 A esforços d'arte e esmêro de cultura,
 Que os climas, estações, que os tempo muda,
 De longes plagas, de apartadas terras
 Se encontram juntas estrangeiras plantas,
 Por mutua inclinação se estreitan, se unem,
 E com seus castos, candidos amores
 Nova se criam deliciosa patria.

D'este par virtuoso — o Porto o sabe,
 Sabem-nos os infelizes — que virtudes
 A união bemfadada coroaram!

Oh! corram, patria minha, de teus olhos,
 Eternas corram saudosas lagrimas.
 Se ella mais venturosa existe agora,
 Se nos seios da glória coroadas



... e o burro immediato

O premio colhe das fadigas suas;
 Se em cópia digna d'ella—aos seus amigos,
 Os infelizes—deixa vinculado
 O thesouro de amor e de piedade
 Que no materno coração guardava,
 Oh! nem assim a dor se nos ameiga,
 Não póde diminuir nossa saudade.
 O anjo consolador vôou da terra;
 A mãe do pobre, a mãe do desvalido
 Foi, voltou para o céu que no'la dera.
 Mas n'este valle, aonde tantas lagrimas
 Enchugou sua ardente caridade,
 O nome ficará perpetuamente,
 O doce nome de Isabel gravado
 Nos corações da gente portugueza,
 E de seculo em seculo contadas
 Suas memorias, que morrer não podem,
 Serão modêlo ás gerações futuras.
 De virtude, de amor da humanidade.

Coimbra—Dezembro 31, 1819.

X

A INFANCIA

A UM MENINO

Tel dans un secret vallon
 Croit á l'abri de l'aquilon
 Un jeune lys, l'amour de la nature.
 RACINE.

AURORA da existencia, infancia amavel,
 Edade abençoada
 Da mão que rege, que aviventa os dias,
 Mimo da natureza,
 Da candida innocencia bafejado,
 Breve, mas linda flor
 Sobre o gômo da vida despontada,
 Infancia!—oh meiga edade!
 Tu no facil prazer de simples gôsto,
 De mui sinceros brincos,
 Estreitando mentidas esperanças
 Ao prazo de um momento,
 E aos desregrados vôos do desejo,
 A mesquinhez do enjôo

Ignorancia feliz sem fôrça oppondo,
Vês no porvir remoto
Sem asco, sem desdem, porque mui longe,
O pavoroso aspecto
Da aborrecida, misera velhice,
Que os mal seguros passos
Vae na fouce da morte abordoando,
E os membros engoiados
Ao gêlo do sepulchro estende, e treme
C'o frio horror do nada.
Infancia! oh quadra mais gentil da vida,
Risonha primavera,
Quanto mais doce que o fervente estio,
Que o tormentoso outomno!
Avara natureza! ella é tam breve,
A manhã da existencia!
Quam tenue, pouco e pouco, a flor desbotada,
Esvae, marchando, e sécca!
Eis o calmoso estio:—brilha em fogo
Clarão sulphureo e rubido,
Sol de ardentes paixões, astro sem orbita,
Tumultuario planeta,
Que ao bem negando as criminosas luzes,
Presta fulgor terrivel
A solapados, incobertos males,
A falsarios prazeres.
Paixões! barbaro dom da natureza!
Carniceiros verdugos
De humanos corações, que em vossos grifos
Espedaçoes cruentos,
Ah! longe o bafo pestilente e sordido,
O halito da morte!
Longe do imperio vosso existe e folga
A mui fagueira idade.
Infancia! doce, carinhoso enlêvo,
Objecto suspirado
Da minha saudade, dos meus prantos,
Dos prantos crus, amargos
De acerba dor, no venenoso calix
Do tormento vertidos!
Prantos que um deus cruel, o deus das mágoas,
O refalsado numen
Dos seccos, roxos, macerados olhos
Vaidoso arranca ainda;
Que sobre a campa, que escavou co'attasse s

E sorrindo me aponta,
Folgando atraído, zomba e mofa
De meu gemer e angústias;
Um despota, um cruel . . Amor—Socega,
Não chores, tenro infante.
Ah! já tremes de ouvir-lhe o nome horrível?
Sentes o som stridente
Da pejada pharetra?—Oh! longe és d'elle;
Teus olhos innocentes
Não podem ver-lhe a face desabrida.
Amor (descança) é monstro;
Mas, se um deus bemfazejo, um deus amigo
Lhe embebe a furto as settas
No suave licor d'alma virtude,
De innocente desejo;
Então, em vez de horror, dos tiros brotam
Ineffaveis delicias:
Então, falsado o intento ao sevo numen,
(Mas quam raro prodigio!)
Nectario favo de ventura e gôso
Doce do peito estila;
Foge o bando cruel de infidos zelos;
Pura, suave chamma
Em virtuoso altar recende e brilha;
Aurea, gentil cadeia
Sinceros corações enlaça e prende.
Taes o céu bondadoso,
Tenro menino em prosperados dias,
Prazeres te future.
Tal conheças amor, qual puro e candido,
Innocente rebrilha
No seio á Divindade. Oh! fixa os olhos
Des-criminosos, simples
No mui ditoso par de teus ingenuos,
De teus amantes paes:
Vê como em santa união mutuum férvidos
Suavissimos deleites;
Como ternos suspiram, como existem
Nos braços da ventura.
Lê nos olhos gentis da bella espôsa
Seu fado lisongeiro
O satisfeito espôso: eil-os se espelham
Na cópia suspirada,
Dom tam pedido aos ceus, dom grato e meigo
De mui caroaveis numes.

Nymphas do Lima, dae, trazei alegres,
 Recendentes boninas;
 A mãos cheias vertei, coroaê-lhe as fronteas,
 Matizae-lhe as pisadas:
 E, se o vosso podêr se estende ao olvido,
 Se da tenaz memoria
 C'o mago encanto das formosas aguas
 Cortaes lembranças vivas,
 Não corraes por aqui, deixaê piedosas,
 Para memoria grata
 Das virtudes dos paes, na cópia amada,
 No mimoso transumpto
 Do filhinho gentil, vivo traslado
 De exemplo á humanidade.

Coimbra—Dezembro, 1819.

XI

SONHO PROPHETICO

Dabit Deus tandem.

VIRGII. ÆL.

SOMBRAS espessas da calada noite
 O matutino albor vinha rasgando,
 E da lucida estancia, onde apontava
 Languido e froixo ainda o sol nascente,
 De incerta, fraca luz vestigios candidos
 Desparzia no polo; o dubio aspecto
 Córava a pouco e pouco a natureza.
 Do renascente dia a mensageira
 Já nos balcões surgira do oriente
 D'entre os amplexos do marido annoso;
 Sôltas ao vento as crespas, aureas cómas,
 E envolta em roxo, resplendente manto
 Que interlaçadas perolas bordavam.
 O pezado vapor do grave somno,
 Que em olvido tranquillo a alma sepulta,
 A dissolver-se lento começava;
 Meio aberto e fechado estava ainda
 O usado trato entre a alma e entre os sentidos;
 As suspensas idéas resurgiam.
 Mas sôbre azas ligeiras vagueando,

Sôltas do imperio da razão que as guia,
Em cáhos novo e estando amalgamadas,
Mudavam, cada instante, aspecto e fórma.
Por este doce tempo a eburnea porta
Se abre no Elysio, e a turba grata e leve.
Dos lisongeiros, dos volateis sonhos
Azas côr d'Iris para o mundo estende.

N'este dubio, confuso e brando estado
De esquecimento o espirito suspenso,
Voar cuidei a solitario, inculto,
Ermo, sonbrio valle: alta e fragosa
Escalvada montanha o fecha a um lado,
É á negra bocca de horrida caverna
Desfallecida e languida pousava
Veneranda matrona: armas, bandeiras,
Luas, Aguias, Leões, tropheus guerreiros
A seus pés se apinhavam Ólho attento:
Pesavam em seus pés grilhões de ferro,
Ferreas das mãos algemas lhe pendiam.
Como de forcejar cançada ha muito
Jazia em languidez, e as alvas roupas
Tinha o sangue dos pulsos salpicado.
Despertou-se algum tanto, e em ais sentidos
Do intimo peito rompe. Absorto e mudo,
Ouvi que em froixa voz assim falava:
— Prantos! prantos! Já nada mais sobeja!
Eu a flor das nações, eu que, outro tempo,
Contava pelos dias meus triumphos!
Que em cada um de meus filhos tinha um nume,
Eu agora... ai de mim!... só gemo e choro!
Só ais, só prantos, só gemidos restam
A quem do mundo governou o imperio!
Éstas mãos victoriosas, que, outro tempo,
Empunharam o sceptro do Oceano,
D'onde o fado pendeu d'Africa e d'Asia,
Agora em vez do sceptro, em vez das palmas,
Grilhões!... ferreos grilhões!... e os pulsos roxos
E as vis algemas com meu sangue e lagrimas
De continuo lavadas!... miseranda!
A mesma inda serei? Tenho inda filhos?
Filhos! Oh nome que me rasga o peito!
Oh lembrança de dor, ideia amarga!
Passadas glórias de que serve á mente
N'angústias recordar? Essas bandeiras,

Esses despojos, triumphaes reliquias
 De esquecidas venturas... fado horrivel,
 Para o pêzo augmentar de meus tormentos,
 Só m'os deixa o cruel, só m'os conserva.
 Aguias soberbas, remontadas Luas,
 Açulados Leões, por quantas vezes
 Ante mim já prostrados, confundidos,
 E submissos no pó, trementes, pavidos
 Não me adorastes curvos! quantas vezes,
 Ao só brandir a minha dextra um ferro,
 Alfanges mil e mil se espedaçaram,
 Lanças cahiram! bastiões de rôjo,
 Soberbas grimpas, elevadas tôres,
 Altas muralhas subito baquearam!
 Tal fui; taes foram filhos meus outr'ora ...
 Ah! senhores então, escravos hoje..
 Escravos! oh que nome abominavel!
 E ha céus que mandem tal, deuses que o ordenem ?
 Sem leis, sem patria, na oppressão, nos ferros
 Não vêdes, filhos meus, não tendes peito,
 Olhos não tendes para ver o abysmo
 Que vos abre ante os pés a tyrannia?
 A tyrannia, esse execrando monstro
 Que ladeado de furias, de maldades,
 De sobre o throno, que lhe ergueu a intriga,
 Que o fanatismo vil, que a cobardia,
 Que a barbara ignorancia lhe sustentam;
 Punhaes, venenos; carcerees reparte!
 Esse monstro! . . e das garras sanguinarias
 Não lhe roubaís a miseranda patria?
 Não tendes labios já, não tendes braços
 Para bradar vingança e executal-a!...

Aqui gemeu de novo, e amargo pranto
 Pela face já pallida desliza,
 Nas contorsões da dor, na ancia do peito
 Moveu se um pouco, e vi... Brasão fulgente.
 Tinha no seio venerando .. as Quinas!
 As Quinas, ^osim; e Lysia era a matrona.

Senti o coração } todo estalar-me
 Co'a dolorosa vista... Eis repentino,
 Como das nuvens, subito cahido
 Desmesurado, esqualido gigante
 Em molle immensa e colossal se amostra:

Ferrea lhe cobre os membros a armadura,
Ferrea na dextra lhe fulmina a espada,
E ferreo todo no semblante e gesto.
Ao vê-lo correr á triste victima
C'o ferro em punho, conheci quem era,
E tremi do execrando Despotismo.
Falou-lhe o monstro assim com fero cenho:

—Bradar vingança! executal-a! E ousas
Proferil-o sem pejo e sem remorsos?
Quem eu sou, quem tu és já te esqueceste?...
Queres forçar a espada da justiça?...
«Justiça! E em nome tal és tu quem talas!
Justiça adonde impera o Despotismo!
Onde as leis...»

—Meu prazer, minha vontade;
As leis são estas. Ao vassallo cumpre
Executal-as só, não conhecêl-as:
Os direitos do sceptro a vós não cumpre,
Mesquinha plebe, examinar audazes.
Cegós obedecer, tremer ante elle,
Curvar-se e respeitar...

«E esse direito,
E a nossa obrigação d'onde é provinda?
—Da força.

«E a força é lei?

—Dos céus á terra
O supremo podêr aos reis proveiu.
Seus direitos...

«E Deus, se lh'os outorga,
Nenhuma obrigação lh'impoz com elles?
Aos desgraçados, miserandos povos,
Que aos ferros condemnou e á desventura,
Co'a eterna obrigação do soffrimento
Nenhum direito deu?

—Altos decretos
Do Eterno examinar vos é vedado.
«E' boa por essencia a Divindade.
—E' justa.

«Sim.

—E vingativa.

«Opprbório
Que só vós lhe fazeis, blasphemia horrivel!

Mal soaram pelo ár os sons extremos,
Eis repentinos, rapidos fuzilam
Raios, coriscos; trôa o céu tremendo,
E em fumo e fogo se me esconde o valle.

Vae-se acclarando a cerração; e em breve
Vejo em mais pura luz que a tocha d'alva
A matrona gentil brilhar já livre.
Morto a seus pés o monstro lhe jazia,
Que em negro sangue se escoava ainda.
Exultei de prazer... acórdos... e vejo
Que era sonho a visão, phantasma o gôso;
Maldisse os ferros que me pezam inda,
E aos tyrannos jurei odio implacavel.

Coimbra—Dezembro, 1819.

XII

PEDIDO A UM POETA

O MEU AMIGO J. F. DE OLIVEIRA-LEITAO

Tu, na difficil mas segura estrada
Que o nosso bom Ferreira nos trilhára,
Corres, fitando a meta luminosa,
Do mestre de Venusa.
Sinceros e de lei teus versos puros
O brilhante oripel não têm da moda;
Despreza a tua bella e casta musa
Meretricios enfeites.
Quaes egrejinhas de infantil folguedo
Se armam no ár, de papelão e talco,
Essas trovas tafues por ahí tinem
Nos ouvidos dos nescios;
Outras inda mais oucas, assopradas
De tola affectação de van sciencia
Pilhada, aqui, allí, nos dictionarios,
Pedantes Mevios louvem.
Eu quero de teus versos regalar-me,
E descansar o ouvido fatigado
De tanto descompasso e destempêro,
Em sua doce harmonia.
Sei que um novo penhor das aureas musas

Houveste agora:—deixa-me admiral-o;
Com o profano vulgo não me afastes
Dos mysterios divinos.

Coimbra—1819.

XIII

A ANNALIA

SALVE dia de amor sempre jocundo!
Annalia encantadora,
N'esta risonha aurora
Para me aventurar vieste ao mundo.

Quando assomar no apavonado oriente
Amor te viu fagueiro,
As frechas prazenteiro
Aguçou, e sorriu todo contente:

Fugiu da mãe aos amorosos braços,
E em teu rosto divino
Depor foi, de contino,
Encantos, phyltros e amorosos laços.

Assim me enfeitiçaste!—assim renhida
Trago alma e coração,
Que, sem esta prisão,
Nem eu já sei viver nem quero a vida.

Annalia, amado bem, tam fausto dia
Celebremos contentes;
E as flores innocentes
Colhamos d'esta vida fugidia:

O tempo vôa, as horas despedidas
Tam ligeiras decorrem,
Murcham tam breve e morrem
Rosas que do prazer não são colhidas!...

Porto—1819

XIV

FILINTO

À patria sagrou tudo,
Tudo sagrou a ingratos,
FIL. ELYS.

PORTUGUEZES, morreu! . . . D'aquelles labios,
D'onde manavam de Hyppocrene os melles,
D'onde angelicos sons coavam n'alma,
Sahiu o último alento.
Aos mui carpidos, dolorosos brados
Em que o Sena rompeu, um pouco ainda
Lavrou no coração mágua sentida
Ao Tejo envergonhado.
Filinto é morto. As derradeiras vozes
Do vate, ja co'a morte á lucta extrema,
Foram, entre ais de amor, de saudade,
O adeus á patria ingrata.
Desamorada mãe, o filho egregio . . .
Um filho tal! . . Não, musa, o véu do olvido
(Se é possível correl-o) á acção nefanda
Com dor sôbrepunhamos.
Patria é dos sábios o universo inteiro:
No eterno alcáçar de estremada glória,
Sobranceiro aos vaquens de homens, de fados,
Seguro existe o vate.
Ahl lagrimas, só lagrimas nos restam:
Afrouxô os olhos se debulhem n'ellas,
Inunde a campa que lhe guarda as cinzas
O pranto do remorso.
Oh! nem vos peje, ó Lusos, derramal-as:
Vêde o côro gentil que impera aos évos,
Das fatidicas virgens coroado
Em feral rama as frentes.
Alquebradas de dor, eil-as em turma,
E o deus que tanto o amou, mudo, a desleixo,
Descoroado da luz que inflamma os peitos,
Que a mente lhe avexára,
Tardio os passos, demudado e triste,
Após ellas caminha . . . Aonde, ó musas!
Fugidias? . . Ah! sim, longe da terra;
Sim, que Filinto é morto.
— E morto, em som funeréo, em voz de lucto

Brada o côro donzel, viuvo, afflicto.
Morta é com elle a sonora lyra
Que dera aos Lusos vida.
Desentoadas as divinas cordas
Esbambeadas, frouxas, nem dão visos
Das que ao Lethes, á morte, ao tempo, ao fado
Tantos heroes roubaram.
A lyra onde, entonando o collo erguido
Aos gritos da razão e da virtude,
Alçou tropheus a liberdade augusta,
Tremulou estendartes;
E de Penn a moral, e o esforço ardido
D'Washington, de Franklim sôou com glória,
E a mui lidada, pertinaz constancia
Do povo Philadelphico:
Onde em sublimes, arrojados extasis
O vate embevecido alteia os vôos,
E audaz a par e par c'os Novos Gamas
Topéta o firmamento.
Clama no enlêvo do aquecido engenho.
Que é roubo aos penetraes da natureza,
Mas que, sem medo ao pégo, Icóreas artes
As leis hão de inverter-lhe.
Já sons mais docês lhe aprimora a deusa
Que entorna a vida aos gômos do universo;
E em nectar voluptuoso derretidos
Dos labios lhe deslisam.
Languidez do prazer lhe embebe a mente,
E em devaneio doce transviado,
Com mão incerta tenteando as cordas
Fita gososo a diva.
Como no raptó os olhos mais que humanos
Mysterios divinaes prescrutam, fitam!
Eíl-o rival do vate de Epicuro
A natureza abraça.
Mas oh! que a mãe dos candidos Amores,
De agradecida aos dons, aos ais maviosos,
Lhe dôa a que o pastor vencêra do Ida,
Enfeitiçada zona.
A rôdo as nuas Graças prazenteiras
Risos, jocos brincões lhe vão sparzindo
Quando elle entôa namorados metros,
Desleixadas cantigas:
E a que tam doce ri, bella *Delmira*,
E a *Sapho-Alcipe*, e *Daphne*, e a quantas coube

Ternas beldades a ventura illustre,
 Vivem nos sons divinos.
 Mas já firmado em solida exp'riencia,
 Nos vaevens da fortuna acrysolado,
 Da virtude, da san philosophia
 Nos dictames se embebe;
 Aos amigos louvor, louvor a Horacio,
 Á virtude, á razão, á liberdade,
 No mestre de Venusa os olhos sempre,
 Hymnos entôa sacros.
 De longe incita os animos briosos
 De tam amados seus, tam caros Lusos;
 Do acovardado, misero lethargo
 Os chama á glória e punge.
 Em geniaes, agradecidos canticos
 A bemfazeja mão celebra e louva
 Que ás mãos griffanhas de açulados tigres,
 O roubou denodada.
 Ou galhofeiro, por despír angústias,
 Dar largas ao espirito opprimido,
 Ao fausto Bromio entôa c'os amigos
 Festivaes Evoés.
 Ah! que limites desconhece o engenho
 Do vate a quem fadou no berço a musa!
 Francos lhe abriu do Pindo almos thesouros,
 Quantos encerra, Apollo.
 Centelha em fogo do cantor d'Olympia,
 Arde, ferve, trasborda e rompe e rue;
 Dá-lhe rebate ao sangue o extasi d'alma,
 Transpõe a natureza.
 Qual deliriosa em contorsões fatidicas.
 C'o deus que a preme a Phébate relucta,
 E anciada, os olhos envesgando ulula
 Mal entendido orac'lo.
 Já d'Albuquerque a temerosa dextra
 Rompe altanges de Ormuz, xaras de Goa,
 E ao som tremente do terrivel bronze
 Malaca esbroa os muros.
 D'emtórno ao ferro lhe esvoaça a morte
 As fervidas phalanges ladeando;
 A um bote portuguez se apinham cento
 De escalavrados Indios;
 Derrocam torreões, alçaçar's ruem;
 Curvam despotas mil joelho altivo,
 E sobre as ruínas triumphaes tremóla

Mão vencedora as Quinas.

Castro, o Fabricio luso, o Quincio, o Fabio,
Pacheco, o Scipião na glória e esforço,
Scipião nas virtudes, na desdita

Do ingrato ostracismo;

Vós, honrados de Lysia e honra d'ella,
Tambem da lyra as cordas lhe afinastes;
Tambem, lidando em canto ardente e novo,

Vos engrinalda a fama.

E qual ha hi nos Fastos portuguezes
Que digno fosse de extremado nome,
Que não lhe deva incenso, altares, templo

No bipartido monte?

Ou na trompa marcial victorias trõe,
Ou patrios cysnes descantando á lyra,
Nos harmonicos sons arrebatado.

Imitando os admira

Ora clamando aos hospedeiros Gallos,
Ora aos pesados Bátavos sombrios:

«Meonias tubas, Mantuanas cordas

«Tambem possuem Lusos:

«Primeiro que entre vós já nos luziram

«A aurora, o sol das artes, do bom gosto

«Godofredo e Salem não vira o orbe,

«Nem donaires de Armida,

«Nem vizinho aos confins do Eden vedado

«Chorára o pae da triste humanidade,

«Nem Davidicos sons a harpa germanica

«Pulsára ao Deus já homem;

«E nós á mestra, á douda antiguidade,

«Nós ao porvir mostravamos soberbos

«O Gama abrindo as emperradas portas

«Da não-sabida Aurora,

«Galgando cabos, arrostando em face,

«C'os revezes luctando arca por arca,

«Fitando ardido, desdenhando ameaços

«De Adamastor irado.

«Inda nas margens do afamado Sena

«Hervadas settas em delirio, em crimes,

«A espôsa de Theseu do peito anciado

«Não arrancaram prantos;

«Nem sons carpidos da infeliz Zaíra,

«Esvaecida de amor, firme á virtude,

«Derám ao vate, em lagrimas, suspiros,

«O applauso do universo;

«E já nas brandas veigas do Mondego,
 «Na soidão formosa extasiado
 «Um luso empunha o sceptro de Melpómene
 «E a Euripides se eleva.
 «Beldade afflicta em pranto se definha,
 «Chama em vão pelo espôso que a não ouve
 «E os olhos turvos devolvendo ainda
 [] «Aos tam caros filhinhos,
 «Inda estendendo amortecidos braços,
 «Inda affagando imagens do seu Pedro.
 «Entre os amplexos maternas expira
 «Balbuciando o espôso.»

Tal inflammado em zêlo o vate exclama,
 Tal brada á Europa: ferve-lhe nas veias;
 Brioso n'alma lhe pullula e vive
 O amor da patria cara.

Por ella empunha assacalada foice
 E affouto corta os vicios infezados
 Que d'arrebique extranho affeiam sordidós
 A tam formosa lingua;

A lingua de Camões, que usaram barbaros
 Com mescla vil manchar, turpar-lhe as galas;
 Tal que se a vira a deusa que a amou tanto
 A descrêra latina.

Por ella alteando mais o plectro á lyra,
 Aos Lusos mostra os seculos famosos,
 Évos de glória, de estremados feitos,
 De afamados prodigios;

Do ocio covarde os animos argue,
 E pela voz do despota dos máres
 Agros convicios desatando iroso,
 Lhe excita os peitos frouxos.

Mostra-lh'as ricas plagas do Oriente,
 Tam regadas do sangue lusitano,
 E o sceptro augusto dos cerúleos mares
 Nas mãos do Dace e Bátavo.

Oh vate, oh numen, oh brazão perenne
 Do portuguez renome! em seio ás musas
 Bebes-lhe n'alma altiloquos mysterios
 De remontados extasis!

Eil-o rival do voluptuoso Ariosto
 Cavalga affouto hypogriffos alados,
 E aureas, priscas ficções de heroicos tempos
 Renova em doce metro.
 C'o auxilio amigo do fiel menino,

Huol co'a espada de encantado gume
 Talha gigantes, despedaçá a esmo
 Ruíns, descridos moiros;
 Grizalhas barbas ao Soldão arranca.
 Rouba-lhe em trôco a donairoza Amanda;
 E os magos sons do portentoso corno
 (Especial condão!)
 Com affanosa, derrengada dança
 Austeros cenobitas poleando,
 O pranto, admiração, piedade e riso
 No vário canto juncta.
 Ingenuas graças de nativo pico,
 Attico sal do brando Lafontaine,
 Mimoso encanto de gentil simpleza,
 De loução desalinho,
 Com arte mais que humana aos Francos rouba;
 De oppostas linguas os thesouros abre,
 Depar-empár franqueia-lhe os segredos,
 Pasma co'a Lysia a Gallia.
 Musas, o canto é longo, a voz fraquea...
 E agora quando intento erguer-lhe os vôos,
 Beber no seio a Phebo almos segredos,
 Patentear-lhe o sacrario;
 Agora... oh dae soccorro ao vate anciado,
 Subi-me á esphera que domina os orbes;
 De Apollo um raio fulminae no canto...
 Não: dae-m'o de Filinto.
 É d'elle... já nas veias se me embebe,
 Corre, pullula, ferve, espuma, agita-me...
 E d'elle... A mente albea acode ao peito
 A vida... o fogo... os extasis...
 Quaes firo novos céus! que estrellas tópol
 Que mundos estes são!... Fugiram d'homem
 Ideias, sensações .. o Pindo, o Olympo. .
 Elysios .. não são estes.
 Côam divinos sons do ouvido n'alma...
 Eternasalleluias! Face a face
 Quasi que o vejo. . o Sêr que impe a aos sêres
 O Deus, o numen unico!
 O brilho, a luz da gloria me deslumbra;
 Curva côro d'ancioes a frente ao Agno;
 Abre-sê em par septi-sellado livro...
 Quaes decretos escuto!
 —Joven ditoso, os crimes se apagaram;
 Eis a corôa, a palma... É ganho o mundo:

Triumph a luz, e as trévas acoissadas
 Já de rondão no Barathro.
 Oh que formosa, candida donzella!
 Que meneio gentil no ad'man tam simples!
 Alva dos hombros lhe devolve a veste,
 Cinge lhe a frente o louro.
 Homerea virgem, ai quanto mais linda
 Sob os trajos de Inez! quanto mais ternas
 Dos meigos labios vozes se deslizam,
 Avitos sôam canticos!
 Como as choreas festivaes guiando,
 Garbo donoso e sôbre sae a todas!
 Con o, transviada na tortuosa senda
 Do monte que descia,
 Clama em vão pelas Nayas que a não ouvem,
 Amesquinha-se em vão, chora... Eis depara
 A luz dos raios tremulos de Phebe
 C'o adormecido joven.
 —Não és Endâmião?—Não és um anjo?
 Dizem.—Já d'ambos puro amor nos peitos
 Settas varára que embebêra em doce,
 Celestial arrobe.
 Com que suaves praticas neganam
 As fadigas da estrada! Como esplende
 Na bôcca pura do Arcade mancebo,
 Luz de verdade eterna!
 Que ameno quadro aos olhos se affigura,
 Côa no coração doçura e gôso,
 Quando em contraste com ficções idôlatras
 O do christão viver!
 Oh! na singela narração que encantos!
 Soam-me n'alma ainda os eccos oucos
 Dobadadas catecumbos lobregas
 Quando o silencio funebre
 Constricta devoção lhes corta em hymnos.
 Como é terso e viril e grande o stylo
 Quando nos pinta o Capitolio erguido
 C'os despojos vergando!
 Quando romanas denodadas hostes
 Com as cabildas Francas baralhadas,
 Quando a simpleza dos costumes rudes
 Vigoroso descreve!
 Inda de horror as carnes se arripiam,
 Inda c'os roucos sons retreme o ouvido!
 Depar-empar do inferno em bronzeos gonzos

Rugindo as portas rompem...
Oh que espantosa confusão de abysmos!
Tormentos uns sobre outros se amontoam,
E empé sôbre elles, requintando angústias,
Se alonga a Eternidade!...
Ouço aldravadas nos portões da morte;
Vejo um ramal de lagrimas gelado
L'ender de olhos já seccos, já queimados
Do ardor acre do pranto!
Vejo... Não, cerra, ó Musa, a negra estancia
Tapa lhe o boqueirão c'o atro penedo
Qua a separa do cahos. Leva o rumo,
Guia a visões mais brandas.
Os meigos sons de amor volve-me á lyra
Volve-me o doce metro desleixado,
Ais deliriosos, lagrimas sentidas,
E a dor que affaga e punge.
Mostra-me á toa pela selva escura
A inculta virgem, desfraldando ao vento
Os não cuidados já, sacros adornos,
Que a paixão desalinha:
Quando entre annosos, descarnados troncos
Co'a simpleza de amor que ignora enfeites
Mostra sem arte o coração que aneia,
Ao tam esquivo amante:
Diz-lhe (e entre as ramas escondido a furto
Sorriu maldoso o deus que lh'o ensinára)
Diz-lhe que é ella que murmura n'aura,
Que suspira na fonte.
Como ao sentir o coração do ingrato,
Sob a tremente mão pulsar tam lento,
Lhe esfria a esp'rança, lhe regela n'alma,
Corta-lhe a voz nos labios!
Ja devaneia trémula, e suspira,
Ja sôbre o pico do rochedo alpestre
Nova Sapho a arrojarse ao mar que freme,
Que em fragas oucas quebra.
Quasi... quasi... Ah! suspende. Ingrato Eudoro!
Tanto amor!... tanta fé!... veda-lhe um crime.
E não é crime o teu? Mais deshumano.
Mais impio tu não foste?
As doçuras de amor vivos prazeres
Com negro fel de esqualidos remorsos
Misturastes, infeliz! viste (e no peito
A ferrea mão da angústia

Sentiste o coração ir-te affogando).
 Viste o ancião deshonorado, o pae tremente
 Vibrar o dardo imbelles, e moribundo,
 Horrendo amaldiçoar-te.
 E ella!... Ao collo gentil eis volve a foice;
 O sangue, que a bolhões desata o golpe,
 Lhe murcha as rosas, lhe ennoitece o lume
 Dos olhos já tam bellos.
 Qual flor mimosa ao sol do estio ardente
 Pallida inclina a hástea delicada,
 Morre, e inda bella no deliquio extremo
 Suspira Eudoro!... Eudoro! ..
 Deusas do Pindo, oh! já não ousa o vate
 Nem rastejar-vos! De cançada, a lyra
 Incertos sons confusos, desvairados
 Mal entoar já póde.
 E pude tanto! e ousei cantar Filinto!
 E ainda ousarei seguir-lhe o vôo altivo.
 Já nas do Nilo catadupas bravas,
 Já nas soidões do Egypto.
 Onde em furor prophético extasiado
 O solitario ancião futuros rompe;
 Ou pelos sacros de Salem vestigios
 Prodigiosos, divinos!
 Direi memorias da guerreira Sparta,
 Ou do austero Lycurgo,—ou de Leonidas
 Que o ferro, outr'ora defensor da patria,
 Ao novo amante espôso
 Presta á defeza da virtude amada?
 Direi as falas concertadas, nobres,
 Com que ante a curia que ladeiam impios,
 Orador denodado
 Ousou a pró da causa da verdade
 Expor-se ás iras sanguinarias, cruas
 Do fanatico vil, do atheu soberbo,
 Do atraídoado hypocrita?
 Direi, na arena entre açulados tigres,
 O adeus, o extremo adeus do amor mais puro?
 E a morte já não feia, não terrivel
 Entre as lucidas palmas?
 Não musas, não: baldado o arrôjo ardido,
 Em despenhada, vergonhosa queda
 Fôra dar nome a não sabidos máres
 Co'as atrevidas pennas.
 Creae, creae na minha patria, ó deusas.

Novo engenho que hombrêe co'a alta empreza
 Dae-lhe, inda mais que a quantos bafejastes,
 Os paternos thesoiros;
 Dae-lhe altiloquo e doce e puro stylo,
 As côres, os pinceis da natureza;
 Seja um deus. . . ou se tanto inda podesseis!—
 Seja um novo Filinto.

Coimbra—Abril, 1819.

XV

AS FÉRIAS

A UM AMIGO

Vejo, mas longe, vir surgindo um dia,
 Que hade pôr entre mim, entre estes Getas
 Terra em meio.

FILINT.

E em que pensas, amigo, que se occupa
 N'este grande aldeão que chamam Porto,
 O teu Garrett amigo? — Come e ronca
 Come, e torna a dormir.
 Dormir! que bella vida! E nos pequenos,
 Lucidos intervallos, por debique,
 Duas Odes de Filinto, uma d'Horacio,
 Tres scenas de Racine.
 Que vida! A longe e longe, um rober d'whist,
 Mais longe ainda, breve *passeggiata*.
 Ao monte das irmans, castas donzellas.
 Castas, sim, que não obsta
 A auctoridade de Camões brejeiro;
 Porque, se Orpheu *pariu a linda dama*,
 Como d'antes ficou donzella e casta,
 Virgem depois do parto.
 —E o namôro? (dirás) Abunda o Porto
 Em Delmiras, em Marcias, grato emprêgo
 A um rapaz amador do bello sexo,
 Enthusiasta e callido—
 Foi bom teu po esse tempo do namôro:
 Muitas já me roubou horas e dias,
 E da amiga pachorra á gorda pança
 Me cerceou bom naco.

Acabou-se : n'um *cercle* o mais luzido
 Passeio agora os olhos indifferentes;
 Qual arrotando, espriguiçando os braços.

Bocejando amiude,

Inda sabendo a bôcca a ferros velhos,
 No outro dia de longa comezana,
 Mui disputado *toast*, em lauta mesa

Fastiento attentára.

—E a sucia galhofeira dos rapazes?—
 Rapazes! Não conheces ésta terra,
 Que perguntas por tai. Aqui o germen,

Aqui os elementos

Escondidos estão, que a vida nova
 Hão de chamar a abastardeada especie
 Da corrompida gente lusitana.

D'aqui, d'onde houve nome

O velho Portugal, seu nome ainda
 Honrado surgirá. Presago vejo
 Na geração crescente ir despontando

As feições renovadas

Com que a antiga familia portugueza
 Se distinguia outr'ora; o brio, a honra,
 Os são costumes, puro amor de patria,

A singela franqueza,

A nobre independencia de outras éras
 Resurgirão d'aqui. — E então o aspecto
 D'esta formosa terra, hoje encuberto

De nevoeiros britannos,

Replenderá co'a natural belleza
 Que villões fidalguinhos de má medra
 Cockneys caixeiros, frades ignorantes,

Agora lhe deturpam.

Oh! quando te hei de eu vêr, patria querida

Limpa de inglezes, safa de conventos,
 E varridas tuas ruas da immundicie

De fidalguesco lixo!

Irá com elle a sordida ignorancia,
 E o seu teimoso *bê*, nasal resfol'go
 Que arrepiã, nausêã, aturde e zanga;

Irã co'esses gallegos

Coaxar no lodo vil d'onde a mofina
 Nos trouxe o sestro brácharo maldito
 Qu: o rotundo falar da nossa origem

Tam feio corrompeu.

Rusticas *Misses*, *Ladies* semsabores,

Em tola affectação de inglez bronquite
 Enfronhadas á força, á força gebas,
 Desairosas bonecas!
 Arrojae-me no Douro co'esses trajos,
 Portuenses donzellas.— Quem podéra
 Pleitear comvosco em formosura e graças
 Se quaes sois vos mostrasseis?
 Fórmis que Venus para si tomára,
 D'essa mortalha de invenção fradesca
 Quem as libertará? Bioco negro,
 De d'onde mal vislumbra
 Raro lampejo de celeste face,
 Oh quem o rasgará? Purpureos labios
 Em que o Desejo co'a Innocencia riem,
 D'onde Amor seus thesoiros,
 Alvo dos beijos de sequioso amante
 Co'o mão divina dadivoso esparze:
 Labios que entr'abrem folgazans e alegres
 As nuas Graças lindas,
 Quem lhe ha de restituir o som canoro
 Que torpes fradalhões desaffinaram
 C'o ensino ignorante — e o presumpçoso
 Morgado lá de schima
 Acostumou ás inflexões galuchas!
 Oh! será teu poder celeste numen
 A quem porora, como a Deus ignoto
 Tacito adora o Luso
 Em mysterioso altar erguido a occultas
 De çafaros patricios, de impios flamines,
 E oh! mais que tudo, do estrangeiro odioso
 Que no insoffrido jugo
 Nos rebitou os cravos que abalavam,
 E, mercador chatim, de nosso sangue,
 De nossa honra fez tráfico e ganancia
 C'os bachás do tyranno.
 Sim, amigo; ésta córja odiosa e barbara,
 Oppressora da Lusa liberdade,
 Esta canalha d'Al-bion soberbo
 Aqui fixou seu throno
 De botelhas coroado, e de olhos, bocca,
 Das orelhas, nariz e de outras partes
 Esguichando cerveja, n'uma glória
 De espesso nevoeiro,
 Pousou seu genio bruto em nossos muros;
 C'o nacional *God-damn*, e o frasco a pino,

Nos bebe o vinho, nos esbulha as bolsas,
 Dá-nos em trôco os sestros,
 Dá-nos as manhas, os costumes féros,
 As ridiculas modas, emfim tudo
 Quanto não é o amor de certa coisa
 Que a bonzos, nayres fede.

Porto—Junho 15, 1819.

XVI

A RECAHIDA

Agnosco veteris vestiiga flammæ.

VIRG.

VENUS! Venus! ainda no meu peito,
 Inda acha que atear teu filho ingrato?
 Do fogo que, ai de mim!—julgava extinto,
 Do fogo, que ardeu n'elle,
 As solapadas cinzas
 Desprezada faisca inda encubriam!
 Tenho inda coração? não m'o arrancaram?
 Feito pedaços pelas mãos dos zelos
 Não acabou de todo?
 Inda ousa o desgraçado,
 Inda se atreve a suspirar d'amores?
 E ella! a perjura! Não a vi sem pejo
 A promettida fé quebrar tranquilla?
 E os tam ditosos laços
 Que a mão perfida atára,
 Impia co'a mesma mão despedaçal os?
 Não vi aquelles labios, d'onde outr'ora
 Tantas vezes pendeu minha ventura,
 Que amor, por tantas vezes,
 Constancia me juraram,
 Não os vi pronunciar minha desgraça?
 Dos olhos, d'onde amor me cravou n'alma
 Hervadas settas em delirio, em gôso,
 Dos negros, lindos olhos,
 Em que só me espelhava,
 Que a mim só viam, só de amor falavam,
 Não vi, fugindo, a lealdade candida

As niveas azas desprender ao longe?
 Os languidos suspiros,
 Que em doce devaneio,
 Mandava outr'ora o coração aos labios,
 Ante mim sem piedade não fugiram,
 Inconstantes não foram n'outro peito
 Buscar traidor abrigo?
 A nivea mão formosa,
 Do acre beijo de amor já devorada,
 Não a vi? ... Não; que os olhos desvairados
 Tinham a luz perdida.—Amor perverso,
 E ousas mostrar-m'a ainda!
 Mostra embora, não temo:
 Não temo o teu podêr, desprezo o d'ella.
 Philtros apura, nos farpões embebe
 Quantos enganos lhe pozeste n'alma.
 O alvo das frechas tuas,
 O coração que buscas ..
 Llla m'o espedaçou. Atira embora.

Porto — Julho 18, 1819.

XVII

O VENTRILOQUO

AO MEU AMIGO N. DA ARROCHELLA

Dar-lhe-hão os escriptores
 Doze milhões de louvore ..
 CAMÕES

QUAL entre velhas, impeçadas rumas
 De negociaes papéis,
 Entre gordos, pesados calhamaços
 Do *Deve—e—Hade haver*,
 Afflicto sua, sem achar-lhe o rumo
 De arranjar os credores,
 Commerciante infeliz, que já fallido,
 Vendeu cavallos, seges;
 Tal me vi eu pejado de bilhetes,
 Que obsequioso amigo
 Me enviou das margens do sombrio Douro.
 Oh! mal haja mil vezes
 O que primeiro ousou roncar na pansa!
 Mal haja o chulo Mômô

Qual tal ideia lhe verteu no bojo !
 E tu, Rich'rand facundo,
 Podeste letras dar a tal sandice!
 E o douto, guapo livro
 Com tam nojenta coisa emporcalhal-o !
 Oh ! nunca os doces pratos
 Dos succosos, opiparos manjares
 A taes barrigas cheguem !
 Bromio, se entrar a logrativa guella
 Que nos agacha os cobres,
 Fuja irritado os sons ventri-strepentes
 Das grazinantes tripas.
 E queira deus (se ha deus que reja os fados
 Das humanas barrigas)
 Ao loquaz charlatão com mão piedosa
 Torcer-lhe o rumo aos ventos:
 Volte-lhe acima o som que vae por baixo,
 E almiscare os narizes
 Da curiosa, pedantesca turba,
 Que ousar dar-lhe um só x.
 Desgraçado de mim ! victima triste
 Eu fui da tal sciencia;
 Vi-me coalhado de louções boccados
 De papelão brunido:
 Lidei, suei, dei voltas ao miollo,
 Por espalhar — amigo
 Do bem commum, das boas, bellas artes,
 Os bonitos impressos.
 Oh tempos ! oh costumes d'outro tempo !
 «Não ha quem faça bem,
Nem sequer um: diz a Sagrada pagina,
 Que, é de fé, nunca mente.
 Nem sequer um ! — Um houve: e este meu canto
 Lhe erga padrão eterno,
 Padrão que arrote os ventri-loquios todos
 Que houver por esse mundo.
 Pregõem-te nos oucos das barrigas
 Quantos panci-falantes
 Deitar Deus nos quadris d'este universo.
 Irás, ó Nicoláo,
 De bilhetes impressos coroados
 Dar vaías ao porvir.

XVIII

A JULIA

(SAPHICA)

VOLVEM, ó Julia, seculos e seculos,
Em longos evos amontoando os annos;
Correm as horas açodadas, breves,
Que em tenue espaço
Uma sobre outra gerações apinham;
A extincto imperio succedendo novos,
D'entre as ruínas de finados reinos
Subito avultam...
Foge á memoria limitada e fraca
A longa teia de enredados fastos,
Enturvam son bras de confuso olvido
Tam longa historia.
Mas pôde a arte resistir ao tempo;
Cortou-lhe as pennas que a lembrança apagam,
E epochas, certas, memoraveis, grandes
Lhe atou nas azas.
Assim do mundo subjugado outr'ora
Duros senhores, despotas romanos,
Dos fundamentos dos romuleos muros
Seus annos contam;
D'est'arte a Iberia, agradecida a Cesar,
Deduz suas éras das victorias d'elle;
E na Asia credula as contadas luas
Volvem da Hegyra.
Porque té'gora, nos annaes confusos
D'esse deus cego que domina o mundo,
Não fixa as éras de tão longa historia
Epocha certa?
Porque os triumphos são continuos sempre,
Faceis victórias succedendo a outras,
Já os não conta seus vulgares feitos
O avido numen.
Oh! se em teus labios desprendendo um riso,
Nos meigos olhos despontára, ó Julia,
Faisca tenue do que me abraza
Vívido fogo!...
D'esse momento venturoso e bello
Amor contára nova glória eterna:
Em nescio olvido sepultáras, Julia,
A sua historia.

Mas eu, ai triste! de esperanças louco
 Conto delicias de sonhadas glórias...
 O sonho acaba, leva-me a ventura,
 Só ficam mágoas.
 Sapho extremosa, na divina lyra
 Pranteando injúrias de Phaon ingrato,
 Assim, carpindo, tresvaria as cordas,
 Misera, e geme.

Coimbra -- 1820.

XIX

A CÔR DA ROSA

ALVEJAVA de neve outr'ora a rosa,
 Nem como agora, doce recendia;
 Baixo voava Amor sem tento um dia,
 E na rama espinhosa
 De sua flor virginea se feria.
 Do sangue divinal gotta amorosa
 Da ligeira ferida lhe corria,
 E as flores da roseira onde cahia
 Tomavam do encarnado a côr lustrosa.
 Agora formosa
 A rubida flor
 Recorda de Amor
 A chaga diosa.

Para os braços da mãe vôou chorando;
 Um beijo lhe accalmou penas e ardores:
 E tam doce o remedio achou das dores,
 Que Amor só desejou de quando em quando
 Que assim penando,
 Com seus clamores
 Novos favores
 Fôsse alcançando.

Subito vôa, pelos áres fende;
 As rosas viu de sua dor trajadas,
 E que só de suas glorias namoradas
 Nada disse, em com razão se offende:
 A mão lhe estende,
 E delicioso
 Cheiro amoroso
 N'ellas recende.

Vós, que as rosas gentis buscaes, amantes,
Nos jardins do prazer,
E, em vez da flor, espinhos penetrantes
Só chegaes a colher,
Resignados soffrei, sêde constantes,
Que a desventura
Que a mágoa e dor,
Sempre em doçura
Converte Amor.

Coimbra— Fevereiro, 1820

LYRICA

LIVRO SEGUNDO

I

A LIBERDADE

EM VINTE E QUATRO D'AGOSTO

Quæ sera tandem
Nos respicit.

VIRGIL.

Os ferros... os grilhões?... E as mãos já livres?
E os descarnados pulsos
Desalgemados, soltos!... Nós escravos
Já miseros não somos?
A patria é patria já, nós somos homens!
Homem! tal nome é dado
Proferir sem vergonha!—Os santos fóros,
O eterno jus sagrado
Que, da origem do sêr, nos soprou n'alma
A natureza augusta,
Já não são crimes! Já não sorve o abysmo
De esqualidas masmorras
Ao que intrepido ousou clamar por elles,
E com livres accents
Aos homens disse:—Erguei-vos, que sois homens!
Oh proçigio, oh ventura!
Oh nobre arrôjo de esforçados peitos!
Tu, doce liberdade,
Sôlta dos torpes laços da ignorancia,
Tu desprendeste o vôo,
E em nossos corações, na voz, nos labios,
Oh suspirada ha tanto!

Vieste emfim pousar, vives e animas
 C'o almo bafejo os Lusos.
 Tu do nosso horisonte as densas trevas,
 O enviusado manto
 Da hypocrisia vil, do fanatismo,
 Da tyrania acoosas;
 Tu nos franqueias da existencia o gôso;
 E as ferrolhadas portas,
 Que o sacrario das leis da natureza
 Arduas téqui fechavam,
 Tu nos abres em par— homens já somos!

Porto—Agosto, 1820.

II

Á PATRIA

Des lois et non du sang.
 J. CHENIER.

Aos pés do marmor de Pompeu, exangue
 Cesar triumphador cahiu de rôjo;
 Ergueu-se Roma, e a sombra despeitosa
 Nos Elysios exulta.
 Ao golpe audaz do intrepido mancebo
 Liberdade folgou, gemeu natura...
 Trajando galas, arrastando luctos
 Parricida virtude.
 E os ferros?—outra vez aos pulsos roxos,
 Eil-os, novo oppressor os volve á patria...
 Foi breve sonho a liberdade, a gloria:
 Crimes só gera o crime.
 Vês lá nas praças d'Albion suberba,
 E nas tuas, ó douda, ó culta Gallia,
 D'entre as mãos vis do algoz jorra, insanguenta
 Regio cruor a terra:
 Calca-se aos pés o sceptro já pedaços,
 Rebenta o dique á popular licença,
 Veste a anarchia as côres da egualdade...
 Eis Cromwel, Robespierre.
 Horror do cahos, confusão da noite,
 Em que elementos reluctantes pugnam
 Antes que a voz do Creador de tudo
 Lhes dê n'um sôpro a ordem,
 Imagem, froixa imagem sois do abysmo

Que sob os pés cavou de tantos povos
 O extasi, o phrenesi de liberdade
 Que não regrou prudencia.
 Razão, virtude, sacrosantos numes,
 Quantas vezes a veste pura e candida,
 Vistes nódoas do crime enxovalhal-a
 Por mãos da irman querida?
 Da irman! . . . da augusta liberdade! É sonho:
 Sois illudidas, ó nações do mundo;
 Rasgae a venda que vos cobre os olhos,
 Que atou perversa dextra:
 Vereis, vereis, sob os altares d'ella,
 Solapada a ambição, a intriga, a inveja;
 Queimando incensos (que levára ao throno,
 Se o throno inda existisse)
 Sordido adulator, o baixo int'rêsse.
 Liberdade!—Ah, que a máscara só vistes,
 Que horrivel furia sobre a face perfida,
 Vos illudiu, compondo.
 Lysia, Lysia, não tremas, não receies,
 Que um novo fado a liberdade accende:
 Pelos alheios erros ensinados
 Saberemos fugil-os.

Porto—Agosto 30, 1820.

III

SAN MARTINHO

Siccis nam omnia deus proposuit.
 HORAT.

RAPAZ, que bulha é essa de chocalhos
 Que me rasca no ouvido?
 Que matinada, que barulho é este?
 Vae ver, anda. Tu ris-te,
 E ficas-tel! Não ouves? — Mudo e quêdo
 O magano a sorrir-se.
 Sabes o que é? Pois fala. — «O repertorio
 (Diz o moço) «ahi'stá.»
 O repertorio! — Sim, e o *Borda-d'agua*:
 Vejamos de quem reza.
 San... San Martinho .. Hoje! isso é impossivel!
 O San Martinho! E cópos,

E garrafas, barris não ha na casa?
E eu, rapaz malditto,
Eu co'a barriga impanzinada d'agua!
Com estas sôpas magras!
Eu de dieta! — Sim, dieta. Oh! louco,
Oh! parvo que estou hoje.
Pela brecha do caco o pouco resto
Se evaporou da bolla:
Nem me lenbrava já o tal saltinho
De andante folestria.
Que mal haja mil vezes o primeiro
Que ousou com mão damnana
Sobre o espinhaço cavallar cingil-o,
P' atraçoado couro!
Mal haja esse patau de Dom Quichote,
Ou quem quer que antes d'elle
A moda introduziu das Dulcineas
E de andar atrás d'ellas!
Mal haja a párvoa secia de ir buscal-as
A' Foz, ou ao inferno!
E que tinha eu que vêr co'as taes meninas
Ou c'o seu fazer d'annos?
E, se o tinha, não era mais bisarro,
Em felpudo jumento
De guapa albarda, aperaltado Sancho,
E sem medo aos manteios
De encantada estalagem, tezo e crespo
Pela rua *Direita*
Mui direito fazer a minha entrada,
Mais falada e brilhante
Que a do Marialva na imperial Vienna,
De régias vodas nuncio?
Disse brilhante? — Sim, brilhante, e guapa;
Que a grazinante sucia
Da assoviadora, basta rapazia
Em garotal triumpho
Mui ancho havia acompanhar-me á porta
Da senhora dos annos.
E os assovios e a risota? — Oh! fôsem
Escarros e chapadas,
E não me visse agora assim tam murcho
Almejando garrafas,
Sonhando cópos, delirando frascos,
E ail tudo, tudo em falso!
Condoei-vos de mi n, festiva malta,

Galhofeira caterva
 Do vinifero, placido Mondego,
 E com piedosas fauces
 Á saúde bebei (antes por alma)
 Do pobre irmão carissimo
 Que chucha cá de longe pelos dedos,
 E, encarquilhando os beiços,
 Co'alma nos cópos que brindaes alegres.
 De vossos gostos gosa;
 E aposentado, inválido chupista
 Só folga na taberna.

Porto — novembro, 1820

IV

AO CORPO ACADEMICO ¹

ERGÓ tardia voz, mas ergo-a livre
 Antes vós, ante os céus, ante o universo,
 Se os céus, se o mundo m'nha voz ouvirem.

Inda a braços co'a esqualida doença,
 Mal posso o brado alçar debil e froixo.
 — Já lá estão sobre os cumes da alta gloria
 Coroados os heroes que, ao forte impulso

De seus invictos, denodados braços,
 O barbaro colosso derrocaram
 Do despotismo atroz, da tyrannia,
 Que á hypocrisia a máscara traidora
 E a cega venda ao louco fanatismo
 Com destra mão impavidos rasgaram.
 — Tam nobres feitos, tam sublime arrôjo
 Assás dos vates resôou na lyra;
 De sobejo entre nós do Pindo os cysnes
 Com louro eterno ao porvir mandaram;
 Em nossos peitos, de sobejo ha muito
 Em caracteres os gravou de fogo
 A eterna gratidão de um povo livre.

¹ Recitada na Sala dos Actos grandes em Coimbra.

Não posso eu tanto, não me atrevo, ó socios;
Mas tenho um coração que é lusitano,
Mas tenho um coração que é livre e é d'homem.
Livres, como elle, minha voz, meu brado
O que alma sente vos espalhe n'alma,
E o grito da razão troveje ao mundo.

Livres . . . ah! livre um Portuguez foi sempre,
Que a morte, que os grilhões nunca o renderam.
— Sim, que essa infame, sórdida caterva,
Esse rebanho vil de vis escravos
Que ao sceptro da ignorancia acurvam tímidos,
Do nome portuguez vergonha e opprobrio,
Portuguezes não são, já mais o foram.
Sel-o-hão esses que, envoltos nos farrapos
Da avita glória que trajar não sabem,
Julgam virtude o merito da sorte,
E em si pretendem concentrar direitos
Que ao povo inteiro, que á nação pertencem?
Reus do crime maior que a terra ha visto,
Reus do crime maior que os céus puniram,
Reus do crime maior que urdiu o inferno,
E esses . . . Luzos serão ou serão homens?
— E o nome portuguez, o nome augusto
Ante o qual se prostrou rendida a terra,
O nome portuguez cabe a tal gente?
Cabe n'ess'outros que, affumando o throno
C'o torpe incenso de venal lisonja,
Olhos no int'rêsse, ao paternal sob'rano
Lhe impedem vêr as públicas desgraças,
Gemem nos males de seu povo afflicto?

O rei, ó pae, ó suspirado ha tanto,
Ah, rompe de uma vez da intriga as malhas,
Denso negrume que te envolve o solio
C'o sceptro vingador dissipa, e vinga
As injúrias do povo que te invoca.

O flor da patria, ó mimo de seus filhos,
Ó lusitana illustre juventude,
Jugo de ferro, que pesava outr'ora
Nos insoffridos collos, já desfeito
Em pedaços quebrou; e a mão soberba
Da ignorancia fanatica e oppressora,
Que os insoffridos labios nos tapava,

Ao golpe audaz cahiu da Liberdade.
 Annos de escravidão vingue um só dia,
 Seculos ganhem fugitivas horas;
 Em livres brados á virtude, á gloria
 O froixo peito aos cidadãos movamos.
 Póde mais do que a espada a voz e a penna;
 Mas, se a espada cumprir, cinja-se a espada,
 E veja o mundo com terror e espanto
 Em cada filho de Minerva um Marte.

Tremam á nossa voz. caiam por terra
 Aos nossos golpes, quantos se atreverem
 A usurpar os direitos d'este povo
 Que em nós, sua escolhida juventude,
 A melhor esperanza tem da patria.

Oh! não lhe mallogremos esta esp'rança.
 Sejamos como sempre Portuguezes,
 Vivamos livres...cu morramos homens.

Coimbra—Novembro, 1820.

Eis a redacção genuina da Ode, tal como a recitou Garrett na noite de 22 de Novembro de 1821:

AO CORPO ACADEMICO

N'este limpo terreno
 Virá sentar seu throno
 A san philosophia mal acceita;
 E leis mais brandas regerão o mundo,
 Quando homens mais humanos
 C'o ralo da Verdade a luz espalhem.
 FILINT. ELYS., *Ode à Liberd.*

ERGOTardia voz, mas ergo-a livre,
 Ante vós, ante os céos, ante o universo,
 Se os céos, se o mundo minha voz ouvirem.

Inda a braços co'a esqualida doença,
 Mal posso o brado alçar debil e frouxo,
 Subir aos cumes da estremada gloria,
 Heroes cantar, que a impulsos formidaveis

De pujante valor, de ardente esforço
Ao chão baquearam barbaros colossos
Do despotismo atroz, da tyrannia,
Que a mascara perversa, enganadora,
Da hypocrisia vil do fanatismo
Com destra mão impavidos rasgavam.
Tão rudes feitos, tão sublime arrojô
Assás dos vates resôou na lyra ;
De sobejo entre vós, cysnes do Pindo,
Com louro eterno no porvir c'roaram ;
Nos peitos vossos de sobejo, ha muito
Em caracteres se gravou de fogo.

Não posso tanto, não me atrevo, oh socios ;
Mas tenho um coração que é lusitano ;
Mas tenho um coração que é livre, é de homem.
Livres como elle, minha voz, meu brado.
O que a alma sente vos espalhe n'alma,
E o grito da razão treveje ao mundo.
Livres! . . . Ah ! livre um Portuguez foi sempre.
Sim ; que essa infame, sordida caterva,
Esse rebanho vil de vis escravos,
Que ao sceptro da ignorancia incensam curvos,
Esses . . . esses . . . oh Lusa academia,
Do nome Portuguez vergonha, opprobrio,
Portuguezes não são, jámais o foram.
Esses perfidos monstros, que enfatuados
Das sociaes distincções usurpam gloria,
Julgam virtude o merito da sorte,
Do feudalismo atroz crueis sectarios,
Aristocratas barbaros, insanos,
Que em si pretendem concentrar direitos,
Que ao povo inteiro, que á nação pertencem,
Réus do crime maior que a terra ha visto,
Réus do crime maior que o céo previra,
Réus do crime maior que urdiu o inferno ;
Estes, Lusos serão, ou serão homens ?
E o nome Portuguez, o nome augustô,
Ante quem se prostrou de rojo o mundo,
O nome Portuguez cabe em taes monstros ?
Cabe nos monstros, que affumando o throno
O torpe incenso da venal lisonja,
Abjectos, vis, aduladores, perfidos,
Olhos no int'resse, ao paternal sob'rano

Lhe impedem vêr as publicas desgraças,
Gemer nos males do seu povo afflicto ?

Oh rei! oh pae! oh suspirado! oh caro!
Ah! rompe d'uma vez da intriga as malhas;
Denso negrume, que te offusca o sceptro,
Co'o sceptro punidor dissipa e vinga.
João!... Quanto este nome é caro aos Lusos!
João!... Deslembra alguém teu sacro nome?
E cumpre á prepotencia a nós lembral-o?
E cumpre ao orgulho suscital-o aos peitos!
A nós, a Portuguezes, quaes nós somos,
A filhos de Minerva!... A offensa é crua,
Barbara a affronta, perfido o conselho,
Indignos... Ah! perdoemos, socios caros;
Generoso perdão se outorgue á infamia;
Das dadivas do céo disponham Lusos.
Oh flor da Patria! oh mimo de seus filhos!
Oh lusitana illustre juventude!
Jugo de ferro, que pezava outr'ora
Sobre vossas cabeças, já desfeito
A pedaços cahiu; e a mão soberba
Que os insoffridos labios nos tapava,
Ao golpe audaz jazeu da liberdade.
Annos de escravidão vingue um só dia;
Seculos ganhem fugitivas horas;
Em livres brados á virtude, á gloria,
O frouxo peito aos cidadãos movamos.

Pode, mais do que a espada, a voz e a penna;
E, se a espada cumprir, cinja-se a espada:
E veja o mundo com terror e espanto
Em cada filho de Minerva um Marte.
Tremam, caiam preversos aristócratas.
Sejamos sempre heroes, e sempre livres;
Sejamos, como sempre, Portuguezes;
Vivamos livres, ou morramos homens.

JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA, GARRETT.

(Na *Colleção das Poesias recitadas na Sala dos Actos grande da Universidade de Coimbra, nas noites dos dias 21 e 22 de Novembro, em publico demonstração de regosijo pelo feliz resultado do dia 17.* — 1820. — Coimbra. Na real Imprensa da Universidade 1821. — A pag. 55 a 59.)

V

OS MEUS DESEJOS

Id arbitror
Adprime in vita esse utile, ne quid nimis.
TERENT.

SE entre os diversos dons da natureza
Me fôra dada escolha,
Não me attrahíra o fasto das riquezas,
Nem a pompa da gloria.
Brilhante engenho, divinaes talentos,
Quanto folgára tel-os!
Mas ail tantos no mundo os possuiram,
E foram desgraçados!
De Achilles o cantor de terra em terra
Foragido esmolava;
O primeiro brasão da nossa gloria,
Vate de Ignez divino,
Entre as garras da esqualida penuria
Desamparado expira;
Ao sublime cantor da maga Armida,
D'Erminia, de Clorinda
Sôbre o cume do erguido Capitolid
Já o esperava o lourô,
Do cysne de Vauclusa a sombra arguta
Já revoava emtôrno,
Quer ser-lhe guia, dirigir-lhe os passos
Na difficil vereda ...
Eis após longa teia de infortunios
A morte ... e a morte é tudo!
E a ti, britanno bardo, não bastavam
As trevas e a cegueira?
Tu que da miseranda humanidade
Na harpa de Sion choraste
Primeira perda, tudo emfim perdeste:
Tudo! ... Restou-te a filha,
Sobejou-te a razão: que importa ao sabio
O resto do universo?
Empunhando a cicuta é grande ainda
O modêlo dos sabios,
Consolando os amigos que o pranteiam
É venturoso ainda.
Guardae os vossos dons, gloria e fortuna,
Vossas mercês levae-as;

Deixae-me um coração puro e sensivel,
 Um peito generoso,
 Dae-me a ventura n'um fiel amigo,
 Na razão dae-me um guia.

Coimbra—Dezembro, 1820.

VI

A SAUDADE

Desiderio... nitenti
 Nescio quid charum.
 CATULL.

Saudade! Oh saudade amarga e crua,
 Numen dos ais, do pranto!
 Deusa que os corações sem dó, sem mágoa
 Tam cruel dilaceras!
 Sinto, sinto o teu ferro abrir-n e o peito
 E na chaga que abriste
 Roçar-me as tranças desgrenhadas, humidas,
 Que da pallida frente,
 Sobre os torvados, macilentos olhos,
 Sôbre a face te descem.
 Continuamente os barbaros ministros
 De teu furor tyranno,
 (Duras lembranças de passados gostos,
 De fugidia gloria)
 Batendo as negras, as funereas azas,
 Dentro me esvoaçam n'alma.
 Piedade! um só momento oh! por piedade
 As angústias suspende;
 Da já convulsa vista um só momento
 Oh! tira esse retrato,
 Tira esse gesto que adorei, que adoro,
 Que amor por meu tormento,
 Que a natureza pródiga formaram.
 Da branda voz tam meiga
 Porque imitar-me o som, coar-m'o ao peito
 Dos cortados ouvidos?
 Porque lembrar-me os ditos engraçados?
 Porque na face pallida
 Renovar-me a impressão, que foi tam meiga,
 Dos osculos lascivos?

Porque aos labios, que em fel azedo escumam,
 De teu sôpro crestados,
 Mandar assômos dos tornados beijos.
 Do saboreado nectar!
 Risca... Mas ahl perdôa, ó sacra deusa,
 As sacrilegas vozes
 De blasphemo delirio! Volve ao peito
 O pungir de tuas dores:
 Teus ais, teu pranto são delicias, mimo
 Dos corações sensíveis,
 Os gemidos que arrancas dentro d'alma
 São desafôgo ás mágoas.
 Ternas memorias, deliciosas, meigas,
 Sem ti que fôra d'ellas?
 Sem ti que fôra do prazer gosado?
 Sorveria um momento
 Seculos tantos que ajuntou de gôsto,
 Que accumulou sobre elle,
 Que, novo Prometheu, roubou do Olympo
 Amor co'a mão piedosa.

Coimbra — Dezembro, 1820.

VII

AO CORPO ACADEMICO ¹

Banha-se o coração em santo júbilo
 De vos vêr, socios meus, n'este momento.
 Transluz em vossos peitos
 A alma, virtude divinal, sublime
 Que eleva, exalta, que emparelha e une
 Aos céus a terra, a humanidade aos numes.

 Lá da etherea mansão, o Sêr dos sêres
 Vos viu dar este exemplo que envergonha
 O egoismo dos grandes:
 Viu-se adorado nas imagens suas,
 Viu-se imitado, reflectido n'ellas,
 E a dextra omnipotente a nós estende

¹ Na festividade pública em que se celebrou a Revolução de 1820 com distribuição de esmolas e com outros actos de caridade.

Da Divindade o culto é a virtude,
 São leis da natureza as leis divnas:
 Disse-o a Palavra a'Elle,
 Diz-nol-o a voz do coração que é sua.
 O incenso que se queima nos altares
 Não vae tam alto, que o receba o Eterno!

Mas o perfume de suave cheiro
 Que das boas acções, que da virtude,
 Incruento holocausto!
 Spira, e se eleva acima das espheras,
 Esse é fumo de grato sacrificio
 Que acceito apraz ao Arbitro dos mundos

Oh! de tal religião, oh! de tal rito
 Sejamos se npre apóstolos; préguêmos
 Na terra ésta doutrina.
 Allumie-se a terra, e a terra é livre;
 Abram-se os olhos do embahido povo,
 E o povo pugnará por seus direitos.

A vós, ó socios, bem nascida esp'rança
 Em que já se revê da patria a glória,
 Sua antiga liberdade,
 A vós incumbe a empreza. Ésia em que entrâmos
 Guerra é da luz co'as trevas;— eia! á guerra!
 A' guerra, que a victória ha de ser nossa.
 Coimbra — Dezembro, 1820.

Improvisos de Garrett, impressos
 nos jornaes do tempo.

BORGES! oh nome que sagrou virtude?
 Oh! Borges! oh Catão dos Lusitanos!
 Cópia, esmero, rival dos Quincios, Brutos,
 Dos Lycurgos, Solons, dos Tullios, Numas!

Lysia, Lysia, não tremas, não suspires:
 Um novô facho a liberdade accende;
 Sem ferros, sem punhaes, ahí tens um Bruto ;
 Borges é quem te salva.

Borges! Teu genio á liberdade é sopro,

Que as solapadas cinzas lhe afugenta,
E as quasi extinctas lhe avivou faiscas.

(Alludindo aos deputados:)

Vêde os olhos cravar de emtorno o mundo
Em Portugal, e em vós: vêde-o que escuta,
E o brado imparcial diffunde em breve.
Tremei do juramento que prestastes,

Tremei; que um Deus ouviu, que ouviu a patria,
Que os seculos vindouros vos aguardam;
E no recto provir, ou gloria, ou mancha,
Com sêllo eterno vos espera a fama.

VIII

O BRASIL LIBERTO

Na quarta parte nova os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES.

Houve Grecia, houve Italia, e Sparta e Roma;
Houve, e morreram, jazem.
Sec'los de ferro de enrugadas fronte
As sorveram no abysmo.
Crespas de abrolhos, hirtas de ruinas
As terras venerandas,
Que os pés calcaram de Lycurgos, Brutos,
Envolveu-as no opprobrio,
No olvido as sepultou, sumiu-lhe a gloria,
Fugindo, a liberdade.
Cruéis ministros de abhorrido inferno,
Reinae, reinae sem medo;
Sobre montões de cinzas, de cadaveres
Estendei ferreo sceptro;
Hervae no azedo fel das taças negras
Os punhaes sanguinarios.
Eis em auxilio vosso armado, eis corre
Pejado de flagicios,
Affiando os griffos de empolgar sedentos
O traidor fanatismo.
O inferno, que os uniu, tremeu de vêl-os,
E viu no mundo o inferno.

Lá fervem bonzos, remurmuram, fremem.
 Lá c'o facho da morte
 Estala crepitando a flamma horrisona
 Da hypocrita fogueira . .
 Ai do infeliz que viu a natureza,
 Que a viu, que ousou segui-la
 Eil-o, aos pulsos grilhões, aos pés algemas,
 Arremessado ás chammas
 Lá torce em convulsões torrados membros:
 Redobra a morte horrores.
 Oh virtude! oh razão! oh liberdade!
 Deuses! de todo extinctas
 Sobre a terra as deixaes? Não resta ao mundo
 Senão gemer, carpir-se!
 Ah! primeiro, co'a dextra omnipotente
 Que outorgou, sêr ao nada,
 Primeiro ao nada lhe volvei a essencia:
 Acabae-lhe co'a vida,
 Que a vida em crimes, não é vida, é morte.
 Morra. . . Mas quê? de novo
 A novos mundos dilataes o globo!
 Quereis mais crimes, vicios?
 Ousadas quilhas de Cabra!, Colombo.
 Aonde, aonde o rumo?
 Prenhes de ferros, de punhaes, de fachos,
 Aonde as dextas cruas?
 Que quereis d'essas terras innocentes?
 —Oiro!—Responde a sordida
 Cubiça do homem.—Oiro!—Ah! fome indigna
 Não *sagrada*, inhumana,
 De quanto ha hi sagrado, quanto ha' santo
 Profanadora impia!
 Montezuma, Ataliba, os vossos gritos
 Me retumbam no ouvido.
 Que horror, oh natureza!—Em novos campos
 Não arroteados inda
 Da hervada charrua da maldade,
 Degenerada especie
 Da terra já caduca, vae faminta
 De sangue e atrocidades,
 Co'as esmirradas mãos semear, colhel-a,
 Ampla ceifa de crimes!
 Corre-te, humanidade; o velho mundo
 A larga se duplica
 Fara teu mór opprobrio.—Não; lá surge

N'esse mesmo terreno
Quem vingará a oppressa natureza,
E a mão lhe dá que se erga,
Lá campêa Franklin, Washington fulge,
Lá Penn, o esmêro, a honra,
O lustre, a admiração do nome de homem.
O brado—ingente brado!—
Vem retumbar na encanecida Europa:
C'os sons retreme a terra,
Cae a pedaços á ignorancia o throno,
A hypocrisia a máscara.
O I.yrio ajudador, que foi a auxilio
Da nascente republica.
Volta reflorecido, e já veveja
C'o prolifico *polen*
De outra mais pura flor, de outra mais candida,
Que é flor de liberdade.
Facho, que accendes, inexperta Gallia,
Em tuas mãos se queima:
Esse clarão que dá, tambem é chamma
Que abraza o que allumia.
Mas em teus erros a acertar aprendem
Os povos que só querem
Alva tocha de luz, não tição negro
De labareda e fumo.
A patria de Viriatho assim conquista
A avita liberdade.
Espadas... para que?—Guerra.. qual guerra,
Se paz queremos todos?
Oh! virgens plagas de Cabral famoso,
Se barbaros outr'ora
Vos levámos grilhões, levámos ferros,
(Que tambem arrastavamos)
Hoje comvosco alegres repartimos,
Irmanmente vos damos
Parte igual d'esse dom que os céus nos deram
Que a tanto custo houvemos.
Lá vae, lá surge em terra, avulta e cresce
A lusa liberdade.
Folgae, folguemos: Portuguezes todos,
Em laços equal unidos,
Sobre o seio da patria reclinados,
Como irmãos viveremos.
Oh! seja eterna tam feliz concordia:
Mas, se em má hora um dia

(Longe vá negro agoiro!) d'essa escura
 Caverna onde o prendêmos,
 Resurgir ferreo o despotismo ao throno,
 Então hasteae ousados
 Os pendões da sincera independencia.
 Sim, da paterna casa
 Salvae vós as reliquias, os thesoiros,
 Antes que os roube o monstro.

Coimbra—Janeiro, 1821.

IX

CONSOLAÇÕES A UM NAMORADO

Ne doleas plus nimio, memor
 Immitis Gliceræ, heu miserables
 Decantes elegos cur tibi junior
 Læsa perniteat fide.

HORAT.

CONSOLA-TE commigo, meu Sarmento,
 Consola-te commigo.
 Tambem eu fui pataú, tambem as Marcias,
 As Annalias, Armias,
 Me deram que fazer, me atarantaram
 Nos meus tempos de amante.
 Tambem de uns olhos já pendeu meu fado;
 Tambem já n'um sorriso
 Se estreitou de meus sôffregos desejos
 O circulo acanhado.
 N'um desdem, n'um suspiro, ou morte ou vida
 Me deram meus delirios:
 Entre dois labios alvejou-me a esperanza;
 Tambem entre dois labios
 Me negrejou terrivel desespêro
 C'roado de ciumes.
 Como tu me esqueci de que era um homem;
 Esqueci-me, e chorei.
 Não me envergonho; derramaram lagrimas
 Meus olhos enturvados:
 Mas foi meu pranto o pranto que deslisa
 Quando arrasados n'elle
 Os cegos lumes no porvir se colhem
 Desventuras e morte.

Sim, fui; mas já não sou. Correu, desfez-se
 Mago véu da illusão:
 Olhei pasmado, e conheci de novo
 Diff'rente a natureza.
 Vi encantos de amor e os philtros d'elle,
 Vi seu imperio, e ri-me.
 Vi de mil bellas adornar-se o mundo,
 Qual vêjo pelo prado
 Matizar-se o verdor com lindas flores
 Para enlevo dos olhos.
 Votei-lhes desde então, Sarmento amigo,
 Quantos me deu sentidos
 A mão do Creador, ás bellas todas:
 Mas reservei prudente
 Dentro do peito, coração e affectos
 Para melhor emprêgo.
 Ficou-me o coração, ficou ferido
 Da porfiada lucta;
 Mas pouco e pouco, o balsamo do tempo
 Nas ulceras do peito
 Foi acalmando a dor, foi-a ameigando,
 E alfim cicatrizou-as.
 Fomos, fomos eguaes nos desvarios,
 Igual nos seja a emenda.
 Deixa tu Marcias como eu deixo Annalias,
 Ri-te como eu me rio.
 E, se inda assômos de prazer, ventura,
 De encantador delirio
 Vierem surrateiros assaltar-te,
 Lembrem-te os meus conselhos,
 Faze-lhe cruces, deita-lhe agua benta;
 São tentações do diabo.

Coimbra—Fevereiro, 1821.

X

MADRUGADA

NO JARDIM BOTANICO DE COIMBRA

Como é grato o passeio entre boninas
 Aljofradas das lagrimas da aurora
 FILINT.

N'ESTE sagrado a Flora, almo recinto,
 Throno e delicias d'ella,

Aqui onde o perfume saudavel
 Respiro de mil flores,
 Como sinto embeber-se-me a existencia
 Em cada trago d'estes
 Que os sequiosos pulmões, téqui só fartos
 De ár pestilente e mau,
 D'este suave e puro ávidos sorvem,
 E com elle o remedio
 Ao trabalhado, enfraquecido peito,
 Ao mui pausado sangue!
 Quanto é doce á fagueira, amena sombra
 Dos variados arbustos,
 Co'a fresquidão das plantas rociadas
 Das lagrimas da aurora,
 Nos prazeres cevar da Soledade
 O descansado espirito!
 Como então pela mente se revolvem
 Já passadas ideas,
 E vêm umas trás outras, acudindo
 A' lembrada memórial
 Como depois no espaço desmedido
 Se espraiam do futuro!
 A cada objecto . . . Aqui esta palmeira:
 Da eternidade o symbolo
 Lhe chamou a sabida Antiguidade.
 Vêde-a; a cabeça airosa
 Sôbr'ergue altiva ao circumstante povo
 Das variegadas plantas.
 Qual jazem nas soidões do Egypto ou Grecia
 Desparzidas, confusas
 Aqui, alli ruínas venerandas,
 Já sem nome esquecidas;
 Passa o viajante e indifferente as olha:
 Mas se entre ellas alçar-se
 Corynthio marmor vê, columna doria,
 Que em pé sem medo ao tempo
 Parece desafiar a eternidade
 E desdenhar dos seculos,
 Então pára, respeita a mão dos homens,
 Folga de ser um d'elles.
 Tal entre o in menso vegetal cortejo
 Que me rodeia agora,
 Involuntaria a vista só contempla
 A nobre, alta rainha
 Do vecejante imperio. Alma se expande,

Se engrandece como ella.
Sinto crescer-me, avigorar-se o espirito;
E o coração no peito
Pulsa com mais vigor, bate mais forte.
Homem! a natureza
Quam grande te creou! quanto poderas
Se não fugisses d'ella!
Quanto és grande se á voz caroavel sua
Prestas ouvidos sempre!
Aqui junta á frieza d'esta serra
A palmeira do oriente!
Como poderam dar-lhe vida e patria
Em tam distante clima?
Longe, longe talvez dos seus amores
A triste se amesquinha;
Talvez, surdos queixumes espalhando
Aos solitarios ventos,
Lamente e fertil pô n'elles perdido,
Que levaria a vida,
O germen da existencia a novos filhos.
Homem, sê mais piedoso,
Concede um companheiro aos seus amores.
Quam terno, quam sensivel
Foste, Linneu divino! tu que ás filhas
Da amena Primavera,
A flor lhes déste que a existencia doira,
O favo dos prazeres.
Córa ao desabrochar, tinge-se a rosa
De virginal pudor
Já presentindo os osculos lascivos
Do voluptuoso amante;
Sorri no calix a assucena, o lirio
Ao sentir o bafejo
Da aura lasciva que lhe tráz nas azas
O penhor suspirado
De seus ternos castissimos amores
Fugi, fugi, ruidosos,
Crus ministros de horrendas tempestades:
Lá na deserta Lybia,
Queimadores Suões, bramantes Euros,
Lá na torrada Arabia
Rolae sem medo os movediços pégos
Da infructuosa areia:
Gire em nossos vergeis suave e puro
Zephyro amigo e doce,

Que ao consorcio gentil das lindas flores
 Ajude prazenteiro.
 Não tenham que chorar a patria amda
 As hóspedes fragrantas
 Que de Asia os montes, de Colombo os plainos
 Deixaram saudosas
 Por vir embalsamar c'o activo aroma
 Nossos jardins ornal-os,
 E a dar-nos vida, restaurar saudes,
 C'o próvido específico.
 Linneu! e a patria, o mundo agradecido
 De rôjo aos pés não viste?
 E aqui teu busto, o de Brotero e Serra
 Não vejo collocados!
 Ah gente indigna, ah povo desalmado!
 Patria . . . Não, patria é d'elles
 A Europa e o mundo que os conhece e admira.
 Ide c'o sacro louro,
 Que ao merito, á sciencia, que á virtude
 Com mão roubastes impia,
 Coroar os simulacros odiosos
 Ao despotismo, á inercia,
 Á cruel ambição, á hypocrisia,
 Á sordida ignorancia.
 Ide; queimae-lhe o incenso da vileza:
 Ide... sois digno d'elles.

Coimbra — Março, 1821

XI

A LIBERDADE DA IMPRENSA

Do scio do alto Deus, d'onde descendes,
 Raras as terras visitas.
 FILINT.

VERDADE! Oh! vem da escuridão que ha tanto
 De emtórno aos raios teus se embastecia,
 Negro, inuiusado véo rasgar do engano
 E da calúnnia perfida.
 Vem: mostra emfia ao mundo a face austera;
 Traze ao lado a Razão, traze a Justiça;
 São filhas tuas, foragidas ambas,
 Comtigo desterradas.

Do facho, ardente luminar que empunhas,
Desparze em raios o clarão a Elysia;
Mostra-lhe a natureza, que vendada
Sem teu lume não viam.

Homens que o forem — folgarão contigo;
E os que o não são . . . que tremam, que se arrojem
Ao cahos da ignorancia e dos phantasmas
Onde o crime despenhas.

Raios que vibras fulminantes, rapidos,
Fôfos em cinza os codices dispersem
Que a ignorancia lavrou, sagrou cubiça
E endeusou maldade.

Mas, ah! primeiro veja-os o universo:
Sopra-lhe o pó dos amontoados seculos,
Leiam lhe os povos n'essas notas barbaras
O aviltamento antigo:

Córem, pejem-se emfim de seu ludibrio,
Ao jugo accurvador o pêso tomem,
E co'a vara de Lei, desaffogados
Meçam o seu e o alheio.

Mas não vês essa turba murmurante
De homens que aos homens declararam guerra,
Não vês como orgulhosos se encastellam
Nos profanados templos?

Não os vês com que horrendo sacrilegio
Estão detrás do véo do sanctuario
Um negro monte de maldade e horrores
Perfidos a escondel-o?

Ah! co'a mão de-carnada á face horrivel
Rasga a máscara vil do embuste hypocrita;
Deixa lêr-lhe no gesto horrendo os crimes,
As traições, o perjurio.

Oh! não consintas, não, que as sacrosantas,
Candidas vestes Religião lhe empreste,
Lhe empreste! . . . ousem roubar-lh'as os perversos,
Salpicar-lh'as de infamia.

Sim, vem, ó numen, vem, cede benigna
Aos sons carpidos da liberta Elysia.
Um povo inteiro, um povo amesquinhado
Por ti clama e suspira,

A ti clama, a ti brada, em ti só espera:
Tu só, filha do Eterno, em tanta nevoa
Que nos embarga os passos mal seguros,
Podes abrir caminho.

Coimbra — Março, 1821.

XII

LONGA VIAGEM DE MAR

Nequicquam deus al scididit
 Prudens oceano dissociabili
 Terras, si tamen impie
 Non tangenda rates transiliunt vada-
 HORAT.

ESSE doudo Jason, taful de espôsas,
 Como, certo no alcunhar, lhe chama
 O nosso bom Filinto,
 Que perversa mania
 Se lhe encaixou no âmago do casco?
 Como na tresloucada phantasia
 O fado avesso e mau
 Dos miseros humanos
 Lhe foi pintar as recurvadas quilhas,
 A aguda prôa, os mastros, as antenas,
 As concavas cavernas
 E os voadores linhos!
 E tu, padre Neptuno, nem ao menos
 Lhe soubeste c'o madio tridente
 Pregar uma fígada?
 Tam a salvo o deixaste
 Levar ao cabo a desvairada empreza,
 Que, a pouco e pouco, de teu vasto imperio
 Ousada os mais escuros
 Foi pesquisar recantos?
 O teu velho Protheu nos seus cantares
 Não te soube avisar que um dia um Vasco,
 Um Colombo haveria,
 Um Magalhães, um Cook?
 Que, as magas ciphras combinando, um Nunes
 Ao universo admirado mostraria
 O pasmoso instrumento?
 Mui desleixado andaste,
 E mui pouco zeloso de teu reino,
 Neptuno, rei das encrespadas ondas.
 Ahl se mais justicoso
 Houveras castigado
 O quebrador primeiro de teus fóros;
 Se as marulhosas vagas sacudindo,
 E o vendaval ruidoso
 Soprando das procellas,

Tiveras sua audacia sepultado
No insondavel abysmo d'essas aguas,
 Não viera eu mesquinho,
 Não vieramos tantos
Pagar por elle agora, e sem remedio
Soffrer balanços, amargar enjoos,
 Sêdes curtir ardentes,
 Rapar canninas fomes;
Vêr só intermeiar comsigo e a morte
Fragil tabuínha, que o bater das ondas
 Póde n'um só momento
 Fazer em mil pedaços!
Ai de mim! Trinta vezes no horisonte
O pae das luzes despontou radioso,
 E co'a tocha brilhante
 A meus cansados olhos
Nada mais amostrou que o quadro immenso
De soledade infinda — os céus e os máres!
 Já trinta para os braços
 Correu da alva Amphitrite,
E os froixos raios, que na irman reflecte,
Nada allumiaram mais que os céus e as aguas.
 Vós, nitidas estrellas,
 Em meu cortado peito
Que mais vistes senão saudade e mágoa?
No coração ralado de amarguras
 Que mais podestes lêr-me
 Senão tristes lembranças
Dos amigos fieis, do trato ameno,
Das horas doces que passei ditoso
 No ameigador regaço
 De amor e da amisade?
Delicias, que eu gosei, tinha eu de vêl-as
Tam algozmente lacerar-me o peito!
 Memorias tam fagueiras
 N'alma cravar-me a morte!
Oh! se um dia, feliz, a amada terra
Beijando religioso, e descansado
 Nos braços dos amigos
 A salvo tórno a vêr-me,
E... Mas que é isto? — Lá me fuge a penna...
Lá me vôa o papel. — Baloíço ingrato
 Té este me cerceia
 Extremo desaffôgo.

No mar, em Abril, 1821.

XIII

A LIDIA

Ingratam Veneri pone superbiam,
Non te Penelopem difficilem procis
Tyrrenus genuit pater.

HORAT.

BASTA de crueldades, Lydia bella,
Que das castas Penelopes a moda
Ha muito que se foi;
Nem tanta ha já de *procos* abundancia
Nos dias de escacez em que vivemos:
Que esses que outr'ora em Ithaca
Aos pares, nas vacancias pretendiam
De opposição levar o beneficio
Do falador Ulysses,
Não têm cá entre nós quem os imite:
Que assim se abastardea o velho mundo,
E os usos bons se perdem!
Já beneficios taes são todos simples,
E os leva *de barrete* a todo o instante
Qualquer padre de *req iem*.

Angra — Maio 1821.

XIV

O ANANAZ

Tal vive o sabio, estrangeira planta,
Em terreno ignorante.

FILINT.

COROADO rei dos filhos de Pomôna,
Quam galhardo e formoso
Entonas essa frente de monarcha,
E a purpura doirada
Vestés na linda côr com que te envolve
A rica natureza!
Oh! como pôde as leis assim cortar-lhe
Arte engenhosa de homens,
E, desvairados climas confundindo;
No acobertado encêrro

A patria dar te, e fecundar-te os germes
 No mui feliz exilio!
 D'est'arte o sabio, que rodeiam gelos
 De rispida ignorancia,
 O halito foge dos ruins que o cercam;
 Cria-se nova patria
 Na solidão, c'os livros, co'a virtude,
 E no olvido dos nescios.
 Tal nos pantanos d'Haya o bom Filinto
 C'o seu Horacio e Musas,
 Aureos fructos da lyra sazonava
 No solitario alvergue.

Angra — Junho, 1821.

XV

O BELJO

Mélons ces baisers, ó ma vie!
 De leur nombre je venx' douter,
 Et si souvent les répéter
 Que l'œil courroucé, de l'envie
 Désespère de les compter.

MOLEVUT: —CATULLE.

QUANDO, entre o alegre, festival cortêjo
 Das ondas namoradas,
 Sahiu a aventurar os céus e o mundo
 A meiga Venus linda;
 As lisas Graças candidas, despidas
 Logo emtôrno a cercaram.
 Singelo e puro ainda, Amor fagueiro,
 Formoso innocentinho
 Que n'um suspiro lhe nasceu do peito,
 Entre os maternos braços
 Com as ternas mãosinhas affagando
 Lhe vinha a face bella.
 Sorria para o filho docemente
 A languida Cyprina;
 E os derretidos olhos voluptuosos
 No filho se reviam.
 Nos labios de ambos sussurrava a medo
 O enxame dos prazeres,
 E doce por entre elles lhe emanava
 Todo o mel das delicias.

Por divinal instincto se aproxima
 A face á face do outro,
 Brandamente seus labios se tocaram,
 E do prazer celeste
 Que no mago contacto saboreiam,
 Eis que subito nasces,
 Ilho ardente de Amor, de Venus filho,
 Suavissimo Beijo.
 Logo das tres irmans a mais formosa,
 A prazenteira Aglaé
 No lindo seio te escondeu de neve;
 E na mansão fagueira
 De amorosos desejos rodeado
 Viveste espaço longo.
 É que, do furto sabedora a deusa,
 Te emplumou niveas azas,
 Com que voaste para a mãe lasciva,
 E andas de seio em seio,
 Entre as bellas, que Amor fere co'as settas,
 Furtivo demorando.
 Ora atrevidos, inflamados labios
 Cubiçosos te roubam;
 Ora és o premio de ferventes súplicas
 De respeitoso amante.
 -- Premio tardio e raro e mal seguro,
 Quanto és ditoso roubo! —
 Quantas vezes no virgineo seio,
 Que alveja de innocencia,
 De entrar não ousas, que a modestia o guarda,
 Que t'o veda o recato?
 Corrido foges um momento, e triste;
 Porém subito voltas,
 E vens pousar-lhe languido nos labios
 Meio infantis e abertos.
 Não tarda que o desejo lhe scintille
 Nos olhos descuidados;
 E então virá não timido mancebo
 Os arcanos franquear-lhe.
 Angra — Junho, 1821.

XVI

A DÉLIA

EMBRAS-TE, dize, ó Délia, do momento
 Que aos teus formosos labios

Vôou dos meus o filho de Cyprina?
Acaso não sentistes
Abrir-se um céu de amor para nós ambos?
Não te bateu no peito
Anciado o coração de gôso arfando?
Tenro menino elle era,
Timido ainda, envergonhado infante;
Quanto depois, ó Délia,
Cresceu de ousado, e se atreveu a quanto!
Quaes penetrou sacrarios!
De virgineo pudor que véos teimosos
Não ergueu confiado!
Os prazeres o sabem, e a ventura
Que nos teve no collo . .
Elles que o digam - dêmos-lhe licença,
Que o ensinem áquelles
Que tanto como nós inda se amarem,
Se é que os houver no mundo.

Angra—Junho, 1821.

LYRICA

LIVRO TERCEIRO

I

A MEU TIO

D. ALEXANDRE DA SAGRADA FAMILIA

Lousa da morte! as lagrimas não podem
Amolgar-te a dureza:
Nem mais sobeja do que tristes lagrimas;
Que o mais, tu o roubaste
A enferrujada chave do sepulchro,
Mal deu a fatal volta,
Some-se, e affunda ao pégo das edades...
Nem ha tornar a vê-la.
A mui pesada mão da eternidade
Carrega o sêllo eterno
Nos angulos da campa; e sobre a lagem
Mui breve se condensam
Geladas aguas de lodoso olvido.
Acaso alguns momêntos
Morredoura saudade emtôrno adeja,
Que mal de escasso pranto
Amor ou gratidão lhe rociaram
As curtas, debeis pennas:
Até que, pouco e pouco, ao longe a afasta
A viração do tempo,
Ou do ingrato assettear de cru desprezo
Acinte mal-ferida,
Cae d'aza morta ás ribas descuidadas
Do paludoso Lethes.

Ah! que os olhos ainda se me arrasam,
 Ainda agradecidas
 Em fio e fio as lagrimas deslisam!
 Tu, varão extremado,
 Tu não morreste ainda no meu peito:
 Tu que em minha alma tenra
 As primeiras sementes desparziste
 Das lettras, da virtude,
 Que á sombra augusta de teu nobre exemplo
 Tenras desabrochando,
 Cresceram quanto são. Infante ainda,
 O ânimo singelo
 Me avigoraste da constancia tua,
 Da nobre fortaleza
 Com que, dignos de Roma, a Lysia déste
 De alto valor exemplos.
 Oh! que o meu coração sobre essa lagem
 De angústia se espedaça!
 Eu não te verei mais, rugosa face
 Do venerando velho,
 Que da existencia na vereda ingreme
 As primeiras pisadas
 Me endireitou no trilho da justiça!
 Orphan de tal amigo
 Terei de ir só ávante, onde é mais árdua,
 Mais difficil a estrada!
 Sagrados manes, allumiae-me a vida
 C'um facho lá do Elysio:
 Sêde-me guia na escabrosa senda
 Que temeroso enceto,
 Porque vossas pègadas retilhando
 Qual fostes seja, um homem.

Angra — Junho, 1821.

II

O AMOR MATERNAL

Of nature's gifts thou may'st with lilies boast.
 And with the half blown rose.

SHAKSPEARE.

QUE doce que é ser mãe! — Que meigo quadro
 E ver a espôsa ao lado do consorte
 Nos braços lindos embalando o filho,
 Seu unico desvelo,

Que largou de cansado o niveo seio
 E foi suavemente adormecendo
 No amplexo maternal. — Inda invejoso
 Não encobriu de todo
 O casto véo segredos pudibundos
 Sò do espôso sabidos: enlevada
 Nas doçuras de mãe, toda prazeres,
 Só para o filho attenta.
 Vêde-a sorrindo ao tenro innocentinho,
 Como se espelha nas mimosas faces,
 E colhe nas feições, uma por uma,
 O transumpto do espôso.
 Com que graça lh'o diz! como suspira
 Magoadada e triste se o consorte amado
 Toda, toda não vê a similhaça
 Que a ponto ella distingue!
 Oh! se pallida ousou tocal-o a febre,
 Aqui são os desvelos, os extremos,
 As não dormidas noites, os cansados,
 Affadigosos dias.
 Eil-a que se definha junto ao berço,
 Que as lagrimas retém, que os ais suffoca
 Se condoído Morpheu nos tenros olhos
 Pousou do filho caro.
 Que promessas, que votos tam do peito
 Se um deus compadecido . . . E os deuses ouvem
 Mais que rógo nenhum maternas preces.
 Já visos de melhora
 No semblante infantil vão despontando,
 Ai que alegrias! — recortadas inda
 De enternecidos sustos, que os prazeres
 Aguados emmurhecem.
 E salvo emfim: já cresce e ao lado folga
 Da carinhosa mãe; já co'as mãosinhas
 Lhe trava da orla do candido vestido,
 Ou travêssos lh'o rasga.
 Os annos correm, graças vão medrando
 No corpinho gentil, n'alma embebida
 Em suaves lições de san virtude
 C'o exemplo avigorada.
 Tal, esmêro de Flora e mimo d'ella,
 Cresce alvo lirio em valle deleitoso;
 Brando zephyro o ameiga, a aurora o rego,
 E as bellas o cubiçam

III

O AMOR PATERNAL

A love that makes the breath poor and speech unable.
SHAKSPEARE.

NATUREZA, que deste ao sexo bello
As feiticeiras graças,
O mimo attrahidor, e as mui fagueiras,
Carinhosas meiguices;
Que lhe orvalhaste os labios com sorrisos
De mellica doçura
Que entram no coração, que esparzem n'alma
Delicias e prazeres;
Que nos olhos da mãe pozeste o affago,
E no materno peito
Acrysolaste esmeros e desvelos,
As âncias que suspiram
D'extremecido amor e de ternura
Timida e receiosa,
Toda meigas caricias, toda extremos
De apaixonado affecto;
Tu, mais viril porção doaste ao homem
De constante firmeza,
E em menos terno coração pozeste
A solidez, e affinco
No levar certo o rumo compassado
Dos negócios da vida.
Tu, nos olhos do pae, tu em seus labios
Providente juntaste
Os severos dictames da virtude
E da verdade rigida,
C'os amorosos ralhos, c'os amigos
E prudentes conselhos.
Tu lhe adornaste a face veneranda
Da magestade augusta
Que ao filho respeitoso espelha a imagem
Dos soberanos deuses.
Olha como na voz lhe trôam asperas
Reprehensões austeras,
Emquanto os seios d'alma se lhe rasgam,
O coração lhe chora.
Amor que não deixou cingir-se a venda,
Terno mas justicoso;

Que o facho accende á tocha da virtude,
 Facho que não deslumbra,
 Faisca d'esse amor que a pró dos homens
 Arde de um Deus no seio.

Angra — Julho, 1821.

IV

ANNIVERSARIO
 DA REVOLUÇÃO DE 24 DE AGOSTO

Jure solemnisi mihi, sanctiorque
 Natali proprio.
 HORAT.

COMO vens, linda aurora,
 Formosa desdobrando
 Por esse azul dos céus o roseo manto!
 Co'as lagrimas de gôsto que desparzes
 Abres cortejo ao dia
 Que inda viram maior os Lusitanos.

Dize me, ó bella espôsa
 Do remoçado velho:
 Na patria⁷minha, na⁷ditosa⁷Elysia
 Quaes fitos viste em ti olhos, semblantes,
 Que jubilosos vivas
 D'esse berço d'heroes aos céus erguer se.

Dá-me esse unico allívio
 A mim, que malfadado
 Nem me outorgaram invejosos numes
 Vêr-te assomar nos patrios horisontes,
 E d'esse povo illustre
 O meu tenue clamor juntar aos brados.

O paginas da Historia,
 Depar-emparr abrir-vos,
 Que a mão lá vae gravar da eternidade
 Em caracteres rutilos de fogo
 O dia agosto e grande
 Que a Lysia trouxe liberdade e gloria.

O patrio Douro altivo,
 Espedaçando os ferros,
 Nega o tributo ao⁷madido Oceano;
 Só guerra quer levar: guerra, que Lysia,

Do tridente senhora,
De novo o sceptro recobrou dos mares.

«Ondas, tremei» lhes brada:
Trema o tyranno vosso;
Que as Quinas outra vez se erguem, se hasteiam
E vão das vagas legislar ao mundo,
Vão do orbe ás partes quatro
O jugo antigo renovar co'a espada.»

O duro som terrível
Tôa de polo a polo,
Os eixos do universo estremeceram,
E sobre a face da convulsa terra
Pallido o susto frio
Horrendo estende as azas côr da morte.

Socegae, nações do orbe,
Recobrae-vos do medo,
Que Lysia os ferros seus, que espedaçara,
Não leva em dom cruel aos outros povos.
Da ambiciosa Roma
A criminosa glória não procura.

Romanos, oh! não foram
Os Cesares e Augustos,
Romano foi Catão, romano Scevola;
E quaes esses então são hoje os Lusos:
Nem cabem n'um só peito
Avareza e ambição co'a liberdade,

Oh patria, oh patria minha,
Que dia de ventura!
Que sincero, que puro regosijo
Em praças, em theatros não rebenta,
Em sinceros prazeres,
Festas condignas de um liberto povo!

E eu misero e mesquinho,
De mágoas retalhado,
Só vejo a vasta solidão dos mares,
Só a mudez dos céus no azul monotono,
E um sol que as luzes balda
N'essa immensa soidão que me circumda.

I embranças, que me affogam
 De angústia e de martyrio,
 Vêem recordar-me a patria, amigos, tudo,
 E deixar-me depois — se é que me deixam,
 Em vão pelo horisonte
 Rastrear de olhos longos a esperança.

Assim o vago Ulysses
 Longe da cara espôsa,
 Do filhinho, do pae, todo saudades,
 Só pede aos deuses crus por graça extrema
 Vêr dos paternos lares
 Erguer-se o fummo, e morrerá de gôsto.

No mar — Agosto 24, 1821.

V

AO REI

JURANDO A CONSTITUIÇÃO

Ordinem
 Rectam, et vaganti frœna licentiæ
 Injecit, amovitque culpas.

HORAT.

CELESTE emanação do Sêr-primeiro,
 Verdade, oh luz eterna! alfim poderam
 Ante olhos regios fulgurar teus raios;
 Pôde tua voz severa
 Dos enganados reis soar nos paços;
 E o grito da calcada natureza,
 Do amesquinhado, miserando povo,
 Ao coração bater-lhes.
 Nos labios o sorrir, no seio a morte,
 De traidoras perfidias' coroadas
 A vil Adulação, o negro Embuste,
 A cavilosa Intriga
 Já d'ante o solio espavoridas fogem,
 Tremendo aos brados teus lá vão no abysmo
 Do averno sepultar crimes e horrores
 Com que o throno infestavam
 De vesgos olhos macilenta Inveja
 Co' a pallid' Ambição debalde intentam

Valer-lhe ainda, sustentar-lhe o imperio
De tam compridos sec'los
Embalde a manto enganador lhe estende
Falaz Superstição, que as vestes santas
A augusta Religião, ousou sem pejo
De trajal as, roubadas:
Que as trevas que ante o solio con lensavam,
Teu brilho as dissipou, e entrou risonho
O dia da razão nos paços regios
Co'a aurora da virtude.
Fulgiu do amado Rei na frente augusta
O calcado téqui, sacro diadema;
E a que mancharam veneranda purpura
Da tyrannia as nodoas,
Eil-a de novo nitida se arreja
De oiro puro de lei, da san justiça,
Téqui do vicio escravas fugidias,
Corridas, insultadas.
Já livre do grilhão, sôlto dos ferros
Póde o monarcha segurar na dextra
O sceptro que mil perfidos amigos
A seu sabor moviam.
Sem venda os olhos, pela vez primeira
Olhou de emtorno a si, e viu. . . Oh! quantos
De horror, de execração, de atrozes crimes
Milhares descobriste!
Quantos não viste, ó Rei, juncto a teu solio
Monstros de sangue as garras empolgando
Nas miseras entranhas de teu povo,
Palpitantes ainda?
E não viste esse povo miserando
As lagrimas beber, conter no peito
Cortado de amarguras os suspiros
Que algozes lhe arrancavam?
Deixando-se esvair no sangue a vida
Só porque em nome teu lh'a arrebatavam
Só porque em nome teu lhe agrilhoaram
Braços, razão e vozes!
Sim, tu os viste; e o coração paterno
Sentiste retalhar-t'ò a piedade:
Tu gemeste nos males do teu povo,
Gemeste, e a mão benigna
Dadivosa outorgou remedio aos males
Que em ferreo acervo sobre nós pesavam.
Recresceu nosso amor, dobrou tua glória!

Serás eterno e grande.
 Maior imperio que os avós ganhaste:
 Seus Subditos fiéis, leaes e amigos
 Já te não chaman rei, só pae te chamam,
 Que em corações só reinas.

No mar—Agosto 26, 1821.

VI

A ROSA

A DÉLIA

Ροδον ω φεριστον ανθος
 Ροδον εαρως μελημα.
 ΑΝΑΚΡ.

VENUS! ás lindas flores que rainha
 Tam bella lhes não déste!
 Nasceu-te no alvo seio, inda mais alva,
 A Rosa namorada;
 E a reinar pelos prados a mandaste
 Da primavera ás filhas.
 Tam pura como a virgem das florestas,
 A neve da innocencia
 No botão meio aberto branquejava;
 E a candidez singela,
 Timida ainda, lhe embuçava as folhas.
 Pelo matiz dos campos
 Zephyro de lascivo sussurrava,
 E ao vê-la tam formosa
 Avido corre, vae furtar-lhe um beijo:
 A innocente rainha
 Córou de pejo, e a côr envergonhada
 Na alvura se lhe embebe.
 Triste, ao vê-se no proximo regato,
 Da perda se lamenta.
 Acaso passa Amor, que á mãe fugindo
 Vagava nas campinas;
 Dos sentidos lamentos condoído:
 «Não pranteies» lhe disse,
 «Não chores, linda flor; males que eu faço
 «Sempre em delícia os pago.»
 Docemente a bafeja, e doce aroma
 Eis subito recende

Do seio á maga filha de Erycina.
Desde aquelle momento
A innocencia, o prazer e a formosura
De rosas se coroaram.
Prémio da singelez que orna belleza,
Desde então consagrada
Ao sexo amavel que nos doira os dias
Foi e hade ser a Rosa.
És, minha Délia, mais gentil do que ella,
Mais singela, mais pura;
Para ti esta flor nasceu no prado,
Eil-a, recebe-a, é tua.
Ternura, candidez, belleza e mimo
Para ti a colheram.
Amor lhe despegou co'a mão divina
Os espinhos traidores;
Ia a dar-t'a . . . ólha . . . e vê . . . rapido foge,
Que a mãe te viu nos olhos.
Oh que dor tam gentil, oh que ais tam meigos,
Então soltava Délia!
De emtórno aos labios que o lamento entr'abre,
Os risos feiticeiros
Revoando-lhe estão, e as Graças nuas
No seio que palpita
Lhe andam, por c'nsolal-a, desparzindo
Os jasmims côr de leite.
Desejos mil e mil co'as vestes lindas
Da simplice pastora
(Com as vestes, que a mais se não atrevem)
Lhe folgam como a medo.
Vê que suave, melica harmonia
Sôa na meiga bocca!
Que prazer voluptuoso lhe humedece
Os olhos derretidos!
Que sons do coração lhe vêm tam brandos
A conquistar os nossos!
Que acções, que gestos, que expressão do peito
No rosto se lhe pintam!
Amor, não te enganaste, é ella, é Venus!
Mas não receies, volta;
Ou, se temes voltar, dá-me essa rosa,
Deixa-me venturoso
Entre a neve do seio ir esconder-lhe
A flor tam cubiçada.

Lisboa — Setembro, 1821.

VII

FAZ HOJE UM ANNO

A DÉLIA

UM anno já correu, foi hoje mesmo,
 Por estas horas, Délia, n'este instante
 Que nasceu nosso amor — hoje tam doce,
 É tam amargo já, que tantas dores
 Tantas lagrymas, Délia, tem custado;
 Esse amor que hoje é favo delicioso
 Do mel suave de prazer fagueiro,
 Mas que já foi torrente escura e negra
 Do azedo, amargo fel de agros tormentos.

Parece-me que o vejo... oh foi agora:
 O coração me diz que este momento
 Foi o proprio, o feliz, aquelle instante
 Em que te vi primeiro. Estão no ouvido
 Inda a tenir-me os sons melodiosos
 Que banhavam aquella estancia amena
 N'essa hora fadada. — Inda era livre
 O coração no peito, inda os meus olhos
 Giravam soltos... o fatal momento
 Sãou — e emteus olhos se cravaram;
 Tua linda imagem reflectiram n'elle,
 E para nunca mais sahir do peito.
 Parou me então o coração—não minto,
 Parou-me o coração do sobresalto:
 Minha sorte, o meu fado, a minha esp'rança,
 Todo o meu sêr, a minha vida toda,
 N'esse momento para ti voaram.

Pois dize: não sentiste no teu seio
 Ir o meu coração ao teu juntar-se?
 Oh! nunca mais voltou. — Correram tempos,
 E o benigno primeiro acolhimento
 Que ao princípio lhe davas, quantas vezes
 Repetidas mudanças alteraram!...
 Elle só não mudou, foi sempre o mesmo...
 Mas deixemos lembranças importunas:

Volve os teus olhos para os meus, querida,
Co'a doce languidez, co'a graça ingenua
Com que a primeira vez me olhaste, ó Délia.
Oh quanto amor não brilha n'esses olhos!
E é meu todo esse amor? Toda, querida,
É toda para mim essa ternura?
Que excesso de prazer!.. trasporda-me a alma
Não tenho coração onde elle caiba.

Não tenho coração... Que é d'elle, ó Délia,
Que é do meu coração, que lhe fizeste?
— Dôze vezes no céu o astro do dia
Girou inteiro o círculo dos mezes,
E eu sem ter coração como hei vivido?
Como? — Só de esperanças. Mas o termo,
O termo d'ellas é chegado, amiga:
Esses olhos que amor dardejã n'alma
Já de amor e desejos resplandecem;
Esse de neve delicado seio
De languida ternura voluptuosa
Já o sinto bater; esses teus labios
Já sinceros me dizem que me adoras,
Já me asseguram que serei ditoso.
Esse teu coração por mim só bate,
Esses braços gentis já vejo abertos
Que me esperam, amada, no teu seio...
Oh no teu seio .. Mais feliz no mundo
Se alguém ha do que eu sou? — Não é possível:
Não tem mais que uma Délia o mundo inteiro,
E Délia um coração — e esse é meu todo.

Dia, dia feliz, quando voltares
Tragam-te as Graças amimado ao collo;
Traga-te Amor no seio da ventura
E os prazeres de emtôrno te esvoacem.
Nunca vejas mudado o meu destino
Nem para mais feliz... — Nos céus não ficam,
Não ha mais glorias que mandar á terra.

VIII

SAPHO

NO SALTO DE LEUCATES

A JULIA

En chantant tu baisses les yeux
 Qu'ont couverts des voiles funébres.
 DUCIS.

A MOR que doce que é! Oh! quam ditoso
 Quem sabe e pôde amar! Prazeres meigos,
 Graças louçans e risos brincadores
 De emtórno lhe esvoaçam;
 A existencia lhe doiram:

Toda lhe ri de gôsto a natureza,
 E smalta-se-lhe o prado de boninas,
 O bosque se lhe copa de verdura,
 Crystaes lhe jorra a fronte,
 Perlas lhe verte a aurora.

De noite o céu de estrellas se lhe tolda,
 Que aureos topazios lucidas rebrilham,
 De dia em chamma de clarão formoso
 Vibra-lhe o sol nos raios
 Doce calor de vida.

Qual lago que innocente pequenino,
 Alvas pedrinhas atirando, fere,
 Em que uns dos outros circulos innumerados
 Dobram, se augmentam, crescem
 E em gradação se alongam:

Tal em prazeres se lhe espraia a vida
 Ao amante feliz; tal o universo
 Mar immenso de gôsto se lhe estende,
 E de um prazer lhe nascem
 Infindos os prazeres.

Ameno quadro, delicioso, ó Julia!
 Folga de vêr-te n'elle, olha, revê-te:
 Mas Ah! jamais o voltes. Negro, escuro
 Mais feio do que a morte
 É o reverso d'elle.

Dores armadas de aguçadas pontas,

Remorsos negros como a luz do inferno,
E a Angústia roxa que no collo aperta
O laço corredio
Com que acinte se affoga.

Da côr do ferreo-azul das chammas do Ethna
Lá está sobre elles de ouriçada coma,
De verdenegras serpes ennastrada,
Rasgando-se as entranhas,
Co'as farpeadas unhas,

O monstro horrendo... Qual?—Treme; o Ciume!
Vês-lhe o peito?—olha: um cancro ascoso rói-lh'o,
Chega-lhe ao coração, heiva-lhe o sangue,
Empeçonha-lhe a vida,
Nega-lhe o bem da morte.

Eis o avêssô do quadro. E amor é este?
Esse filho dos languidos prazeres,
Esse amor, todo mimos da ventura!
Por que milagre horrivel,
Por que potencia infausta?...

Queres sabel-ô? A perfida Inconstancia,
Eil-a, essa furia o transmudou do que era,
Lhe ensopou de veneno a flor dos gostos,
É em fructo amargo e podre
Lhe converteu o germen.

Não temas, Julia; para nós os fados
O reverso do quadro não pintaram.
Mal-venturosos pelo mundo os houve
Que n'elle se espelharam.
E quantos! Desgraçados!

Não ha belleza que lhe esquive os golpes,
Prendas não ha que a sanha lhe embrandeçam,
Feitiços que lhe empeçam, oiro a rôdo
Que uma hora de tormentos,
Nem a peso, lhe compre.

Sapho... Tu bem conheces este nome;
As Graças e os Amores o repetem,
Sabem-n'o as Musas, Venus em seu templo
Co'a linda mão divina
O gravou por memoria.

Sapho, a meiga cantora dos prazeres,
 Sapho, a extremosa, a delicada amante,
 Victima d'ella foi; nas áras negras
 Da Inconstancia traidora
 Sapho expirou de angústia,

Ninguem mais que ella amou, ninguem como ella
 Soube amar sobre a terra. Amor tam fino,
 Se o ha no mundo, só tu, Julia o gosas,
 Só tu do teu amante
 O hasde encontrar no peito.

Phaon, mais bello do que amor nascente,
 Como as Graças gentis gentil e airoso,
 Tal foi o objecto dos amores d'ella.
 Mais felizes gran'tempo
 Do que os dois não os houve.

Mas no peito a Phaon entrou de manso
 E lavrou surda a chamma da inconstancia,
 Lampejou-lhe o clarão... Que horror! A triste,
 A malfadada o sente,
 Estremeceu e pasma.

Dôr a que os sons da lyra se recusam,
 Mágoa que as vozes exprimir não sabem,
 Angústia que a mortaes dizer não cabe,
 Mais negra que o sepulchro,
 Mais horrivel que a morte...

Como é que heide descrever-t'a, ó Julia?
 Falem-te os ais da misera expirante,
 Digam-t'o os eccos da sua voz maviosa:
 Nas rochas de Leucates
 Amor inda os repete,

Inda Phaon as grutas vão soando,
 Já sobre a rocha vendo o mar bater-lhe
 Na base carcomida, já medindo
 C'os olhos enturvados
 A desmedida altura,

Inda ousa modular canções de morte,
 Inda co'as frias mãos apalpa as cordas

D'essa lyra que amor corôou de rosas,
Rosas que emmurcheceram,
Que em folhas sêccas cáhem.

Qual cysne ao fenecer gorgeia os hymnos
Que eterna vida aos deuses mereceram
Se ao canto os deuses não fadassem morte,
Tal moribunda em transes
Sapho cantou assim:

«Deixae um pouco o throno dos prazeres,
Ternas irmans de amor, Graças ingenuas!
De Phaon inconstante assiduas socias,
Meus ultimas suspiros,
Ao ingrato, levae-lh'os.

«Celestes Musas, Sapho desgraçada
De vossos cantos a doçura eguale!
E tu, lyra infeliz, triste instrumento,
Ecco de meus gemidos,
Apura os sons tocantes.

«Quando o céu tempestuoso ameaça o prado,
E os despregados ventos se enfurecem,
Choupo erguido no cume das montanhas
Menos se agita ainda
Que o meu anciado peito.

«Formosos dias, de minha alma encanto,
Em que sujeito ás minhas leis o via,
Dias em que eu gosei de o vêr ao menos,
Dias de glória e jubilo,
Crueis! onde fugistes!

«E eu que amava, a rival aborrecida!
Ingrata! o coração fingia abrir-me,
E entanto ao meu com sua mão traidora
As feridas rasgava
Que hade fechar só mortel

«Embora: sê feliz, co'a tua amada;
(Póde haver coração que teu não seja!)
No delirio de amor na paz do gôso
Venturas que eu não próvo,
Saboreia-as embora.

«O meu fado infeliz foi só de amar-te,
Foram destinos teus ser sempre amavel.
Já desde quando em tua magã infancia
A praias encantadas
O teu baixel guiavas.

«Nos trajos de mortal Cyprina bella
Para as aguas vadear te implora auxilio ;
Tu a passaste, e as ondas satisfeitas,
Com ella conduziam
Risos, graças e amores.

«Voaram aos teus olhos os amores,
Nos labios teus os risos se esconderam.
E a ti de emôrno as Graças namoradas
Travaram lindas danças
Em que amor te expressavam.

«Venus te disse:—Venturoso infante,
«Serás d'entre os mortaes o mais amavel,
«E dos altares meus seguro esteio:
«Meus philtros poderosos
«Eu t'os confio todos.—

«Suspirava de inveja Amor ao lado:
Eis que eu passava; despicar-se intenta,
E n'um tiro de setta assim me fada:
«—Sapho será mais terna
«Do que Phaon amavel.—

«Mas tu na minha dor, cruel! me foges!
Irei, por te abrandar, correr os máres,
Subir aos montes, vaguear desertos,
Voar desatinada
Aos limites do mundo?

«Fala: nada receia um desditoso.
Irei de gosto arremessar-me aos p'rigos.
Feliz em te seguir e obedecer te,
Irei roubar-te o cinto
Das Graças, com que prendes.

«Por doces beijos nossos labios juntos...
Unido ao teu, meu coração batendo...

Já de prazer lanceio... já nas veias
Seu ardor devorante
Me corre atropelado...

«Oh desgraçada! acorda d'esse engano.
Tudo perdeste... Fique-te o repouso:
Aqui o tens, as rochas de Leucates...
Ellas... e nada mais!
Terminarão teus males.»

Disse: e a lyra cahiu-lhe sobre a rocha:
Deu rouco som de morte, as cordas todas
Estallaram, e foi de chofre ás aguas
Do mar que remugia.
Viu-a cahir a triste,

Ainda a viu, a sua maga lyra
Pelo ár na quéda... Subito, após ella:
«Venus» clamou «que outr'ora m'a doaste,
Filha do mar, recebe-a!»
Disse, e arrojou-se ás ondas.

Lisboa—Novembro, 1832.

IX

O ROUXINOL

O nome que no peito escripto tinha.
CAMÕES.

PARABENS, minha tristeza,
Foi-se a luz aborrecida;
N'esta sombra appetecida
Posso ao menos respirar.
Aqui meus ais, meus gemidos,
Aqui prantos amargosos
Não vêm olhos curiosos
Nos meus olhos espreitar.

Sentado sobre esta penha
Entre espessos arvoredos,

Só ha de ouvir meus segredos
O canoro rouxinol.

Vem, mago cantor da noite,
Vem fazer-me companhia;
Não receies, foi-se o dia,
Não temas, é longe o sol.

Eil-o vem, eil-o se appressa
O sensivel passarinho;
Lá poisou no seu raminho,
Lá principia a cantar.

Silencio, florestas, bosques!
Silencio tambem, meu pranto!
Co'a doçura d'este canto
Minha dor quero ameigar.

Que doce melancholia
N'aquelle som tam carpido!
Quanto é suave o gemido
Em que exhala a sua dor!

Como é seu canto expressivo!
Oh! se a ingrata aqui o ouviisse!
Parece que «Délia» disse,
Parece que disse «amor.»

Quem te ensinou esses nomes,
Singela, incauta avesinha?
Não os digas, pobresinha,
Se o teu socêgo te appraz.

São doces! — Assim dizia
A minha cega ternura;
Mas custou-me essa doçura,
Que perdi a minha paz.

Como tu nos teus gorgeios,
Eu cantava a minha amada;
Mas a lyra desmontada
Nem tristes ais sabe dar.

Nos olhos seccou-se o pranto,
Emmudeceu meu gemido,
De cansado, de abatido,
Nem me atrevo a suspirar.

Adeus, fiel companheiro,
Sê feliz nos teus amores;

A provar meus dissabores
 Oh! jamais te dêem os céus!
 Foste alívio ás minhas penas,
 Escutaste o meu lamento...
 Mas -- já me causas tormento...
 Fiel companheiro — adeus!

Cintra -- Maio, 1822.

X

A GUERRA CIVIL

Audiet cives acuisse ferrum
 HORAT.

I

Voz de morte sôou, — e o ecco funebre
 Do Manzanares retiniu no Tejo.
 Brado que ouvimos, que nos fere n'alma,
 Que vens trazer-nos! — *Liberdade eu trago.*
 Oh! que essa é voz de glória. E gloria, é vida:
 Nem outra vida a coração que é d'homem
 A natureza deu: nem outra morte
 Mais que o viver nos ferros. — N'esses vive,
 Não só, vegeta miserando escravo.
 E do escravo a existencia é vida d'homem?
 Oh não! é sangue torpe e froixo e fraco,
 Que nem lhe leva ao coração heivado,
 Nem vem trazer-lhe ao corpo mal fornido
 Princípio nobre de vital alento.

II

.....

 Como ousa pois, como se atreve a morte
 A hastear a foice nos torreões da lberia?

III

Co'as azas côr dos tabidos sepulchros
 Tapára o lume ao sol noite de engano:

Por entre as sombras do enublado escuro
 A Traição vaga de bifronte aspecto;
 Na dextra, que lhe treme de covarde,
 Trás o punhal de Sylla; pende á esquerda
 De Catilina audaz a adaga treda:
 Frente que em rugas lhe encrespára a astucia,
 Cinge-lh'a emtórno, salpicado em sangue,
 Doirado ao vêr-se, e ferreo na estrutura
 O diadema de Nero.—O grito ardido,
 O brado de honra que á peleja avoca,
 Não o dá essa infame: a medo, a furto
 Vae com trémulo accento despertando
 Almas como ella timidas, covardes,
 Tam faceis no esgrimir punhaes no escuro,
 Como em fugir da espada que lampeja
 No campo aberto da franqueza honrada.
 Lá vão que a seguem, avidos se apinham
 De emtórno á Cruz por elles profanada
 A tribu de Levi, sequiosa de oiro,
 A tribu que abjurou riqueza e honras,
 Por mais pompas, mais honras, mais riquezas,
 Ir furtiva usurpando ao povo illuso.

IV

Onde, ó monstros, aonde ó gente indigna?
 Que bandeiras são essas de mentira
 Que arvoraes entre irmãos?—A estola candida
 Da Religião quereis tingil-a em sangue,
 Sangue civil, fraterno!...

—Eis d'outro lado
 Crescem, redobram c'o frequente povo
 Os que defendem a árvore sagrada
 Que inda infante crescia, e que esses monstros
 Queriam dar-lhe ao vento a raiz tenra.
 Eil-os, emtórno, os peitos generosos
 Ao bronze off'recem que lhes trás a morte;
 Eil-os o braço ao braço, a espada á espada
 Do amigo que foi já, do pae que o nega,
 E do irmão que o não é, oppõem bramindo.
 Só patria é tudo em corações só livres,
 Laços da natureza estão quebrados.
 E quem os quebra?—Vós, escravos tredos,
 Vós co'a mão gottejando sangue amigo,

Vós lhe desdais os nós, e c'ò impio ferro
De um golpe lhe cortais prisões sagradas.

V

Juncada a terra de golpeados membros
Soffrega bebe o denegrido sangue ;
E o sangue impuro que espadana a jôrro
Lá vae regar essa árvore sagrada,
Essa árvore de rama e flor e fructo
Escassa e pobre se a não banha o sangue
Do que á nascença lhe pragueja a planta,
Da que só lhe agoirou, só lhe deseja
Granizo queimador, tufão de morte.

VI

De glória e louros coroada exulta
A Liberdade . . . Ah ! bem o vejo, os louros
C'ò verde-negro do cypreste entrançam.
O grito da victoria entre ais se perde
Que a dor arranca dos sentidos peitos.
Chorâmos sobre irmãos : foi caro o preço,
E é bem duro morrer por mãos de escravos.
Mas pela patria, mas no campo da honra,
Martyres d'ella! . . . Oh gloria e gloria excelsa!
Esses lutos, rasgae-m'os; essas c'rôas
De cypreste feral longe da campã !
Por endeixas de morte hymnos de viã,
Por triste nenias, canticos festivos!
Esse atahude que lhes leva as cinzas
É cofre de oiro que heroismo encerra,
É thesoiro de glória e liberdade,
É monumento de nobreza eterna,
É memória ao porvir, é brado ingente
Que irá no longo curso das edades,
De geração em geração bradando:
'Tremei no solio, ó despotas da terra.'

XI

MELANCHOLIA

They sat reclined
On the soft downy bank damasked with flowers.

MILTON.

QUE ameno sitio, ó Délia!—Estende os olhos
Por toda essa planicie deliciosa,
Coberta de verdores,
E esparze amor e vida n'esses prados
Dos olhos creadores;
Anima, co' esses raios de ternura,
A languidez das flores.
Susurre de prazer toda a espessura
O influxo teu sentido;
E, ao vêr teu gesto lindo,
Tua divina, magica belleza,
Sorria de prazer a natureza.
Vê como é bella a solidão, querida,
Como entra pelo peito
Não sei que gôsto cheio de brandura!
Isto não é viver, é mais que vida.
Como n'esta doçura
O coração vae placido alargando,
E o ânimo satisfeito
Dentro d'elle sereno dilatando!

Como insensivelmente descuidando
Se vae n'aquelle estado
De languidez suave e melancholica
Em que, já não sentindo
O trabalho pesado
Da existencia penosa— docemente
Pelas vêas a vida circulando
Vae mansa e brandamente
No silencio do nada repoisando!
E toda só no instante,
Toda só no momento que decorre
N'alma o passado c'o futuro morre.
Oh! bebam outros na doirada taça
De mentidos prazeres

O envenenado goso que, mal passa
 Dos labios, todo é fezes,
 Que a insaciavel sêde não apaga
 Do coração queimado...
 Nós puro e socegado
 Este prazer gosemos da innocencia
 Vivamos para nós: deixar o mundo
 Volver-se na inquieta turbulencia,
 Do pelago sem fundo
 Dos seus desejos vãos, sua loucura.
 Na serena doçura
 Da maga solidão—n'esta belleza
 Vivamos para nós, co'a natureza.

Cintra—Agosto, 1822.

XII

O CARCERE

Brightest in dungeons, Liberty, thou art,
 For there thy tabernacle is the heart.

BYRON.

F ECHOU-SE a ferrea porta: o som tremendo
 Que os remorsos desperta ao delinquente,
 Detraz de mim deu ecco temeroso
 Pela funebre estancia.
 Eis-me aqui pois do crime na morada,
 Eis-me entre bandos vis de malfeitores
 Que me olham com sorrisos satisfeitos,
 E parecem dizer-me
 «Bem vindo companheiro!»—Eu socio d'elles,
 Eu criminoso, eu preso, envilecido
 Co'estes grilhões de infamia!—Oh! que asquerosos,
 Que medonhos aspectos,
 Que esqualidas figuras, que olhar tórvo!
 Não, tal horror nunca sentiu minha alma
 Desde que viu á triste luz do dia.
 A vergonha, que ha tanto
 Sentia de *ser homem*, redobrada
 Me cresce c'o spectaculo abhorrido
 D'esses que ahi vêjo.—Homens, vós sois, espectros
 De feia catadura?

Sim, homens são. E eu?—Outro como elles.
 Atomo que volteio sobre a terra
 Ao sabor das paixões, minhas e alheias,
 E á tôa vogo os máres
 Na viagem da vida —Mas impresso
 E o ferrete do crime n'essas fronte
 Que franze a angústia c'o pungir de dentro
 Do espinho do remorso;
 E eu no peito nem bater mais vivido
 Presinto o coração . . Oh! criminoso
 Não sou eu. Insolente me contunda
 A proscripção injusta,
 N'esta mansão do crime e da vergonha
 C'os malfeteiros vis: dentro do peito
 A consciencia me diz que sou virtuoso,
 Que, fiel ao rei e á patria,
 São inimigos seus quem me persegue,
 Que me honra o seu odio, me engrandece,
 Tecendo-me a corôa do martyrio
 Nas immercidas penas.

Lisboa, no Limoeiro —Agosto, 1833.

XIII

O EXILIO

Ha! bannishment? he merciful, say—death
 For exile has more terror in his look
 Much more than death.

SHAKESPEARE.

VEM, minha Délia, vem, querida amiga,
 Sentar-te junto a mim.—Vês essas névoas
 Como escondem o azul e os céus, que engrossam
 Co' a cerração pesada e melancholica
 D'este paiz de exilio, d'esta patria
 Dos taciturnos, gélicos britannos?
 Oh! como é triste a terra do destêrrol
 Tam só como as areias do deserto,
 Triste como o cahir das folhas pallidas
 No desbotado outomno. — Solitario
 No meio das cidades, das campinas



Afasta a medo os ramos invejosos

Vae após de esperança mal segura
O que deixou amigos, paes e patria
Para fugir ao açoite da injustiça.
Oh! se uma voz ao menos lhe falára
Lhe coasse no ouvido os sons tam gratos
Do patrio idioma que ninguem lhe entende?
Não, que tudo lhe é surdo; e só responde
O coração, que bate, aos ais do triste.

Ai, infeliz de mim! . . eu já d'essa arte
Vi horas longas deslizar-se o Thamesis
Por entre esses palacios, essas tórres
Coroadas dos despojos do universo,
Salpicadas do sangue de reis improbos. .
Ou malfadados — monumentos grandes,
Tórres, palacios que memórias guardam
D'artes, de heroicos feitos, de virtudes
E de crimes tambem. — Oh! quantas vezes
Solitario vaguei por esses porticos,
Por entre essas columnas apinhadas
De reboliço e povo! . . e em meio d'elles
Eu solitario e só! — Porquê? Porque alma,
Por que o meu coração voava ao longe.
Entre essa multidão nem um amigo!
E se um fôra, onde a amante, onde os carinhos
Que amolgam penas e accalentam dores?

Suave Délia, agora o teu amigo
Já não vive no exilio: a minha patria,
A minha patria agora é nos teus braços.
Deixál-os, os tyrannos que se apprazem
Co'as lagrimas da oppressa humanidade,
Proscrever me da terra! Que me arrojem
Para os gelos da inhospita Siberia,
Onde o tam puro sol da nossa Elysia
A polar cerração nega os seus raios,
Ahi, de um teu sorriso allumiado,
Entre essas solidões darei co'a patria,
Acharei os amigos, paes, e tudo.
Que tudo me darás nos teus afagos.

Warwickshire, em Inglaterra — Novembro, 1823.

XIV

A LYRA DO PROSCRIPTO

A MADAME CATALANI

Ciere viros, martemque accendere cantu.
VIRG.

Eu do meu patrio Tejo desditoso
 Deixei nas praias desmontada a lyra;
 Suas aguas, já tam puras, hoje envôltas
 Em lagrimas e sangue,
 Às ondas a trouxeram do oceano:
 Lá naufragou. As nymphas compassivas
 Que á foz do Tejo, com vergonha e mágoa
 Contemplam de Ulyssea
 A lamentavel última ruina,
 Inda lhe ouviram no soçôbro extremo
 Uns sons de glória, uns eccos dos amores
 De quando amor e glória
 Cantou sonora nos jardins d'Elysia.
 Silêncio do sepulchro, a um proscripto
 Tu só competes: quando a patria é morta,
 Morrem com ella as Musas.
 E silencioso e muço eu caminhava
 Pela terra do exílio. . que prodigio,
 Que electrico podêr veiu acordar-me
 D'este morto lethargo?
 Serão as cordas da perdida lyra
 Estas que sob os dedos me palpitam?
 Não, oh, não: esse genio alvo-trajado
 Da névoa das montanhas
 Que me tocou co'a vara mysteriosa,
 Me trouxe a harpa dos britannos bardos,
 E as desaffeitas mãos me agita e rege
 Pela harmonia estranha.
 Foi teu podêr, foi tua voz divina
 Que os eccos acordou d'estas florestas
 E os reflecte em meu peito, ó Catalani.
 Desprende-me dos labios
 Um cantico de novas melodias
 Quaes eu nunca aprendi.—Salve, ó salve,
 Glória eterna do Tibre, que levaste
 Das Musas o triumpho

Ao Neva frio, ao Rheno, ao culto Sena,
Ao Thamesis, ao Tejo...—O Tejo outr'ora
Já por suas grutas resoar ouvira

Teus primeiros accentsos.

Ail que diff'rente então, do que hoje, elle era!
Seu leito de oiro em ferro se ha tornado,
E o brio de seus filhos tam famoso

Hoje é vergonha e opprobrio.

Oh Catalanil co'essa voz que impera
Irresistivel n'alma, tu lhes brada,
Chama-os á gloria, punge-os á virtude

Co'aquelle accento angelico

Que faz tremer o coração no peito,
Quando em teus labios vibra como a espada
De Harmódio, que os eternos myrtos c'rôam!

Mais audaz, mais segura

Britannia se ergue a dominar os máres
Quando a tua voz aos filhos seus bradando
"Rule, Britannia!" eterna lhe promette

A avita liberdade.

Eia! a Lysia infeliz tu dize:—*Surge!*

Vel-a-has alçar a frente laureada,
Cahir por terra os barbaros tyrannos,
Triumphar liberdade.

Warwickshire—Novembro, 1823.

XV

A MORTE DE RIEGO

Nascetur aliquis tandem sex nostris ossibus ultio.
ving.

QUEM será essa dama inconsolavel
Que ahi geme n'esses átrios solitarios!
A seus pés vae o Thamesis tranquillo
Por entre margens de tropheos correndo;
Myriadas de povo satisfeito
Giram emtorno d'ella. — E ella só, geme!
Em languido silencio, quasi morte,
Só vida, porque sente. — E vêem-se as lagrimas
A fio e fio a lhe cahir dos olhos

Tam roxos, tam inchados... já sem lume,
 Que lhe apagou a dor, a luz e o brilho.
 Olha as mãos esfriadas que lhe cáem,
 Desfallecidas!—Misera! que mágoa
 Não está desfazendo aquelle peito!
 Ai do seu coração! como o tem ella!
 Relado, consumido de amarguras,
 Traspassado de espinhos, embebido
 De fel e de veneno!—Mas nas faces
 Desbotadas, no corpo amorticido
 Como ha visos ainda de belleza?
 A flor dos annos entre angústia e penas
 Murchou-lh'a o padecer! Cuidaes porcerto
 Vêr a estatua de Niobe no marmore
 Que geme só e tacito, cercado
 De grupos, de relêvos, de medalhas,
 De pinturas, de estatuas, em profusa
 Galeria regal.—Mas esse gesto,
 Essas feições não têm d'Albion as filhas:
 Um sol mais vivo n'essa tez pulida
 Amorenou os lirios, e deu visos
 D'arabe ou grega face. As alvas nymphas
 Do Thamisa têm outra formosura;
 Mas essa neve e profusão de rosas
 Será mais bella, — não me fala tanto
 Ao coração cá dentro.

— Eis outro aspecto
 Melancholico, afflicto, descahido...
 Respeitavel presença! Algum amigo
 D'essa infeliz que vem por consolal-a.
 Triste! como no gesto comprimido
 Se lhe vê que das lagrimas retidas
 Bebe o amargor, porque ellas lh'as não veja
 E redobre a sua dor co'a dor do amigo.

— «Filha» diz elle á misera que anceia:
 «Filha, socega: da esperanza ainda
 Não se foi todo o albor. Confia, aguarda:
 Deus ha-de ouvir teu pranto... e o meu.» E rompe-lhe,
 Ao dizer isto, a fôrça dos soluços
 Que o suffocam de dentro. A quem é dado
 Vencer a natureza? Homens de ferro,
 Se os ha, fêl-os o crime. — Mente o orgulho
 Que se envolveu no pallio dos estoicos
 Para clamar: «Não sinto paixões de homem;

Dor ou prazer são nomes, são fraquezas
 Indignas do meu sêr.» — Fatal vaidade,
 Em que miserias, em que desvarios
 Não despenhas os miseros humanos!
 — Infelizes, choraes, dae rédea larga
 Ao coração, que estalará no peito
 Se o comprimis; deixae-o que se expanda,
 Que desabafe, e mande para os olhos
 Quantas mágoas nas valvulas lhe pesam.

Ai! que interêsse eu tomo em vossas dores!
 Um não-sei-quê me diz que tenho parte
 N'esta afflicção. Oh dae-me um quinhão d'ella.
 Reparti d'essas lagrimas commigo;
 Tambem sou infeliz, tambem votada
 Tenho a cabeça aos fados impiedosos...

Mas que é isto... correndo apressurado
 Um mensageiro ahi vem. Que tristes novas
 Trará com tantos luctos que o trajaram?
 Preparae a vossa alma... eis uma carta.
 — «Uma carta!» bradou a afflicta dama;
 Volve d'êmtôrno os olhos desvairados,
 Lá dá c'o mensageiro... Um grito agudo
 Céus e terra feriu: — «Ai,» disse, e fecha
 Os olhos, cae de golpe em terra, e jaz.
 Toma-a de um braço o triste companheiro,
 Aperta-a sobre o seio — e co'a mão livre
 Abre a carta fatal — «Adeus, esp'ranças!
 Morreu. . .»

— «Nobre estrangeiro, quem foi esse?»
 — «Riego! Riego!» clamou com voz tremenda:
 Riego expirou, malvados! Deus eterno,
 Que é da tua justiça? Porque dormes,
 Porque dormes, Senhor? Elles profanam
 O teu nome, a tua lei, os teus altares,
 E tu deixaste triumphar seu crime!
 A virtude cahiu aos golpes d'elles,
 E os céus abandonaram a innocencia!
 Oh Deus, oh Deus, perdôa ao meu delirio.
 O sangue de um heroe sobre o patibulo
 Jorrando ás mãos do algoz na terra ingrata,
 Que não se fende em boqueirões que sôrvam
 Os ministros do crime! . . . O caro sangue
 De um irmão tam amado, a minha glória...

Traidores! e esse Nero que vos calca
 Com pés de ferro, e vos açoita as costas
 Infames c'o azorrague do desprêzo,
 Esse é o idolo a quem sacrificastes
 O campeão da patria, o heroe pacífico
 Que vossos fóros conquistou perdidos,
 Vencedor sem cubiça, triumphante
 Sem ambição? Ah monstros! ah covardes
 Indignos de renome castelhano!
 Indignos. Oh miserrima viuva,
 Triste orphansinha, joven malfadada,
 Tu me arrancas do peito estes suspiros;
 Tu só, que a indignação e atro desprêzo
 Não me davam logar nem a lamentos.
 Vem, filha, vem commigo; n'estas praias
 De liberdade ergamos-lhe em memoria
 Singelo monumento. A noite e o dia
 Sobre elle nos verá pedir vingança,
 Pedir justiça aos céus. A ingrata patria
 Seus ossos possuirá; mas aos seus manes
 Nós daremos o culto.» — E aqui pausando,
 Do venerando rosto enchuga o pranto.
 Os nobres filhos d'Albion se apinham
 De emtôrno dos illustres desgraçados
 Por dar-lh'allivio, consolar-lh'as mágoas
 Generosa nação, digna do sceptro
 Que aos angulos estendes do universo,
 Oh! recebe em depósito sagrado
 Essas reliquias de mui nobre sangue,
 Dae-lhes, no seio bemfeitor e amigo,
 Outra patria mais digna, mais honrada.
 Um dia inda virá. Jurou-o o Eterno,
 E a justiça o gravou com diamante
 Nas táboas do destino — Um dia egregio
 Que hade raiar co'a aurora da vingança
 Nos horisontes da infeliz Hespanha.
 Então aportará nas vossas praias
 Um baixel triumphante que os conduza
 Entre vivas de gloria ao patrio Ebro.

Que sacrificio então será bastante
 A applanar esses manes irritados
 Do Cid da liberdade? Sôbre as áras
 Da mansidão, da placida indulgencia,
 Virtudes do heroe, timbre em sua glória

Victima seja o tigre famulento
Que lhe bebeu o sangue, e c'um sorriso
Do impio holocausto recebeu a offrenda.

Prófugo e só na terra do destêro
Estes versos cantei: viera d'aíma
A triste lyra resoar nas cordas
Humidas do meu pranto. Ide, lamentos
Da minha voz, coae por essas neves,
Ide levar ao Tejo os meus suspiros;
Este canto de morte, repeti-lh'o
De ecco em ecco nos concavos rochedos:
E se entre esse tropel de miseraveis,
Portuguezes outr'ora, que hoje arrastam
Os vis grilhões do opprobio e da vergonha,
Virdes algum que ao menos a memoria
Conserve da perdida liberdade,
Bradae-lhe ao peito: «Escravo, escravo infame,
Pesa mais um punhal que uma cadeia!»

Londres—Dezembro, 1823.

XVI

O NATAL EM LONDRES

Anathema sit
CONC. TPIII

QUE Natal este!—Sempre sois herejes,
Meus amigos inglezes
Bem haja o santo padre e a sua bulla
De fulminante anathema,
Que excommungou estes ilhéos descridos!
Oh! nunca a mão lhe cõa.
Vêr na minha catholica Lisboa
As festas de tal noitel
Sinos a repicar, moças aos bandos
Co'a bem-trajada capa,
E o alvo-tezo lenço em côca airosa,
D'onde um par de olhos negros
Dão as boas festas ao vivaz desejo
Do tafu'lo devoto
Que embuçado accudiu no seu capote
A' pactuada egreja!

Natai da minha terra, que lembranças
 Saudosas e devotas
 Tenho de tuas festas tam gulosas,
 E de teus dias santos
 Tam folgados e alegres! Como vinhas
 Nos frios de Dezembro
 De regalados fartes coroado
 Aquecer corpo e alma
 C'o vinho quente, c'os mechidos-ovos,
 E farta comezana!
 E estes excommungados protestantes,
 (Olhem que bruta gente)
 Sempre casmurros, sempre enregelados,
 Bebendo no seu *ale*,
 E tasquinhando na carnal montanha
 Do *beef cru* e insipido!
 Pois os *Christmas-pyes*, gabado esmêro
 De sarmatas manjares!..
 Olhem estas pequenas.. são bonitas,
 Mas que importa que o sejam
 Se das Graças donosas praguejadas,
 Rusticas e selvagens,
 Nem dança airosa, nem alegre jôgo
 De divertidas prendas
 Arranjar sabem, e passar o tempo
 Em honesto folguedo!
 Jogar um whist morno e taciturno
 Sentar-se em mona roda
 Junto ao fogão, fazer um detestavel
 Chá preto e fedorento,
 Sem ár, sem graça... — Oh madre natureza,
 Quanto mal empregaste
 A formosura, o mimo, as lindas côres
 Que a taes estátuas déste!

Londres—Dezembro, 1823.

XVII

O ANNO NOVO

(MDCCCXXIV)

Mutat terra vices.
HORAT.

BEM vindo sejas, novo anno, e tragas
 Melhorado teus dias mais propicios

A' minha pobre, malfadada patria
E a meus ficis amigos.

Esse mal-agoirado que nos pégos
Affundou hontem do Oceano, Apollo,
Não deu senão colheita de infortunios,
Nem grannou outras messes
Mais que o joio semeado por mãos tredas
Entre os sulcos do trigo. Não mondado
A tempo, foi crescendo, e em flor ainda
Affogou a esperança
Do triste povo que a tam maus caseiros
Tam inexpertos deu suas lavoiras,
Que assim desmazellados lh'as perderam,
E quem sabe até quando?
Quem sabe quanto tempo ha de durar-lhe
O gelo d'este inverno em nossos campos,
Té que o derreta o sol, ora ennevoado,
Da antiga liberdade?
Dorme a vegetação n'essas sementes
Que á terra se lançaram. Mas eternas
As estações não são: teu dia, ó patria.
Teu dia ha de chegar.

Londres — Janeiro, 1824.

NOTAS AO LIVRO PRIMEIRO

Nota A

Este Sr. João Mínimo..... pag. 2

A perseguição absurda—e tam vergonhosa para quem a exerceu—que soffri pela minha primeira publicação poetica o RETRATO DE VENUS, foi o principal motivo de eu publicar anonymas quasi todas as outras, o CAMÕES, a DONA BRANCA, a ADOZINDA, e esta propria colleccão que pela primeira vez se imprimiu em Londres, em 1829, com o titulo, que lhe conservo, de LYRICA DE JOÃO MÍNIMO.

Nota B

A ti virá de longe o peregrino
Como a Sabina e Tybur..... pag. 35

Bem se vê que só um poeta criança podia escrever similhantes vaidades, que hoje o fazem rir até a elle. Pensei que devia eliminar estes versos; mas reflecti depois que ha humildades muito mais presumpçosas e muito mais tolas ainda, que o tempo d'agora é todo d'essas hypocrisias, e não quiz sacrificar a ellas porque as detesto.

Nota C

Vem, que é de troixas de ovos..... pag. 39

É bem sabida a predileccão de Francisco Manuel por es'a gulosice que elle tanto celebrou em seus versos comparando-a á ambrosia dos deuses. O meu entusiasmo n'este tempo não via no mundo poetico senão Horacio e Filinto-Elysio.

Nota D

Esmeros de ambição pomposa, inchada..... pag. 41

Este epicedio, elegia, ou como queiram chamar-lhe, foi a primeira denúncia que de mim dei ao público, a primeira e desgraçada confissão de poeta que fiz. Era no meu terceiro anno de Coimbra. O dr. Fortuna, por extremo popular entre os estudantes porque professava as ideas liberaes, era por isso mesmo detestado dos lentes seus collegas. O seu funeral foi para a mocidade academica um acto de solemne protestação por seus principis queridos; e eu com toda a doudice dos meus dezeseis annos fui com a rapaziada, como era de razão, fiz estes maus versos, que não têm stylo, nem compostura, nem nada que preste. Mas fizeram um *furor* incrível. E d'ahi nunca mais me pude libertar da maldita poesia que jámais me deu senão desgostos em seu culto público. No particular, oh sim! muito lhe devo.

Na edição de Londres expungi da collecção esta peça porque me envergonhei d'ella: tam falso lhe achei o stylo, tam vulgar e commum o pensamento. Restituo-a agora porque entendo que similhantes collectaneas só valem a pena de ser percorridas como series de documentos em que se observe o progresso ou decadencia do espirito e do engenho do homem, ou do seu seculo.

Nota E

E a ti, boa Isabel, a ti primeira pag. 48

A Sr.^a D. Maria Isabel Van-Zeller era uma senhora ingleza de extremosa caridade, cuja morte foi chorada por todos os habitantes do Porto, e a quem a sua familia adoptiva deveu em grande parte a popularidade de que n'aquella cidade gosava.

Estes versos, que são ainda bem falsos, já têm comtudo alguma coisa melhor que os do epicedio anterior. Pelos mesmos motivos que dei na nota anterior, os tinha excluido da edição de Londres e os ajunto na presente.

Nota F

Nymphas do Lyma, dae, trazei alegres..... pag. 52

Para intelligencia d'esta passagem e de toda a peça, convem dizer que foi feita para o natalicio de um menino cuja familia habitava as margens do rio Lyma—que pretendem seja o Lethes ou rio do Olvido dos antigos.

Nota G

Sinceros e de lei teus versos puros..... pag. 56

O padre José Fernandes Alvares Leitão, professor de latinidade na universidade de Coimbra, era um philologo distincto, honradissimo homem, e poeta horaciano legitimo. Creio que foi o último classico de inquestionavel merito. Os românticos seus adversarios não o conheceram; e os classicos seus confrades desprezavam-n'o: elle valia mais que uns e outros. Conservam-se por mãos de alguns amigos—poucos—as cópias, muitas d'ellas já viciadas, de suas excellentes Odes. Quanto melhor não fariam os nossos jornaes litterarios se as salvassem pela imprensa em vez de se constituirem o asylo da infancia desvalida para todo o que soletra no abecedario poetico: grasnido rudimental bem poucas vezes agradavel de ouvir!

Nota H

Portuguezes, morreu! d'aquelles labios. pag. 58

Esta peça, composta por occasião da morte de Francisco Manuel do Nascimento, é pouco mais do que um recôrdo de suas principaes obras; e não poderá ser entendida pelos que não estejam versados n'ellas.

Nota I

N'este grande aldeão que chamam Porto..... pag. 67

Isto são versos de um senhor estudante zangado de se não divertir nas férias quanto desejava, e que se desforra, com assás de mau gôsto, em chufas sem-sabores á mais bella, á mais benemerita e á mais nobre das cidades portuguezas. Não duvido, por isso

mesmo que tanto me honro de ser portuense, conservar n'esta collecção o insulso gracejo, tal qual elle appareceu na primeira edição de Londres. «Estamos mais alto que nenhum portuguez» dizia a nota respectiva n'essa edição, e não podêmos desconfiar com semelhantes bagatellas. Se na nossa cidade ha muito quem troque o *b* por *v*, ha muito pouco quem troque a honra pela infamia, e a liberdade pela servidão.»

Sempre hei de consignar aqui todavia, como verdadeira curiosidade litteraria, digna da collecção de D'Israeli — e não menos interessante curiosidade politica — o ter eu perdido uma vez a minha eleição no Porto porque um zeloso e integerrimo patriota bozinou com estes pobres versitos ás orelhas dos eleitores — que deviam de ser boas e grandes orelhas — para lhes fazer crer que eu era um mau e renegado cidadão da cidade invicta.

Nota J

Que o rotundo fallar da nossa origem pag. 68

Do Porto contam os nossos bemaventurados anti-quarios que foi colonia grega; e dos gregos cantou Horacio que falavam *ore rotundo*.

Nota K

Tal me vi eu pejado de bilhetes..... pag. 71

Para que entenda este gracejo, saiba o leitor benevolo que, vindo-me recommendado do Porto para fazer seu beneficio em Coimbra, onde eu estava, um certo charlatão cuja principal habilidade era ser *ventriloquo*, eu me vi sobrecarregado de um grande número de bilhetes que tive de lhe tomar. Acudiu-me, ficando com boa conta d'elles, o meu já então particular amigo Nicolau da Arrochella, a quem retribui com esta ode laudatoria segundo convencionámos.

Com que saudade recórdo, entre alegre e triste, estas primeiras memorias da vida! E que satisfação em pensar que, tirados os que a morte levou, ainda não perdi nenhum dos bons amigos de infancia que n'ellas têm parte!

NOTAS AO LIVRO SEGUNDO

Nota A

Aos pés do marmor de Pompeu..... pag. 77

Esta ode que na primeira edição se numera XXXIX, tem ahí por titulo *A LIBERDADE LEGITIMA*, e se diz composta em 1826 por occasião da outorga da Carta. Não é verdade. Confesso que, publicando-se a *LYRICA* em Londres em 1829, epocha de temores e difficuldades politicas, receei aggravar as desconfianças dos timidos declarando-me o Alceu da Revolução de Vinte, e attribui a data posterior o que fôra feito muito antes. Os principios moderados, o amor da liberdade legal, creio sinceramente que nasceram comigo; é-me instinctivo o horror da anarchia, da exaggeração, innata a crença — mais de sentimento ainda que de razão — no podêr da fórma monarchica para cohibir os excessos dos outros elementos e forças sociaes.

Vivem ainda bastantes amigos que em Coimbra me viram fazer estes versos na data que hoje lhes restituo.

Nota B

Ergo tardia voz, mas ergo-a livre..... pag. 80

Além das mesmas razões que sinceramente expuz na nota antecedente, outra, e propriamente litteraria, me fez radiar da collecção de Londres esta peça.

Achei-a turgida, bombastica, e sem nenhum merito poetico. Não obstante, ella corre impressa com o meu nome nas collecções de Coimbra, foi alli popular no momento, e sei de muitos contemporaneos da Universidade que d'ella se recordam com excessivo e bem pouco merecido enthusiasmo. Não a quero pois renegar, e aqui vae.

Nota C

Verdade, oh! vem da escuridão que ha tanto..... pag. 96

O titulo que esta peça agora leva é o com que realmente a compuz. Veja as notas antecedentes.

Nota D

Nem tanta ha já de *procos* abundancia..... pag. 100

Os traductores verteram sempre o grego de Homero n'este vocabulo latino. A quantidade d'aquelles *procos* — *proci* a *προιζ* — ou mais *lusitanicè* pretendentes de Penelope, foi extraordinaria: basta vêr as immensas *varas* de bons porcos gordos e cevados que os maganões devoravam em casa d'el-rei Ulysses, em quanto sua Augusta espôsa tecia e destecia, como é sabido.

NOTAS AO LIVRO TERCEIRO

Nota A

Tu que em minha alma tenra
As primeiras sementes desparziste..... pag. 105

Meu tio D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia pertenceu áquella brilhante constellação de sabios e homens de letras que illuminou o reinado da Sr.^a D. Maria I. Seus intimos amigos, Fr. José do Coração de Jesus, o Arcebispo Cenaculo, o Abbadé Correa, Antonio Ribeiro dos Santos, o padre Theodoro, e todos os outros bem conhecidos, o tinham pelo primeiro orador e primeiro prosador do seu tempo. E com effeitô o era. Depois de ser bispo de Malaca, de Angola, de ter viajado muita parte da Europa e da America, veiu a fallecer bispo de Angra no archipelago dos Açores, sua patria.

De seus muitos e variados trabalhos litterarios só pude obter alguns sermões, preciosos de doutrina e de linguagem: tudo o mais se perdeu por indesculpavel descuido dos que assistiram á sua morte.

Nota B

Celeste emanação do Sêr primeiro..... pag. 110

Na collecção de Londres tambem se attribue exactamente esta ode — que ahi é XL — á epocha

da Carta. Veja nota A ao Livro II, pag. 99 da presente edição.

Nota C

Celestes Musas, Sapho desgraçada..... pag. 119

D'este verso até o quinquagesimo de pag. 85 é versão de uns fragmentos de Sapho que o traductor, ou antes imitador, francez ajuntou em uma só peça.

Nota D

Os nobres filhos de Albion se apinham
De emtórno dos illustres desgraçados..... pag. 134

Para intelligencia d'esta rhapsodia cumpre dizer que a infeliz espôsa de Riego estava refugiada em Londres em companhia de seu cunhado, ancião e sacerdote, quanto aquelle foi immolado em Madrid. A municipalidade de Londres tentou levantar um monumento á memória do illustre martyr da liberdade constitucional nas Hespanhas.

Nota E

E estes excommuicados protestantes. pag. 136

Em tudo e em toda a parte ha um lado ridiculo que não é difficil achar; nem criminoso descobrir se não forem excedidos os limites do folguedo, que não degenerem em satira amarga. A intenção do auctor por certo não foi chegar lá; porque nunca o fez — nem a seus mais crueis inimigos — e bem póde dizer com Crebillon:

Aucun fiel n'a jamais empoisonné ma plume.

LYRICA

II

A QUEM LER

No anno de 1828, em Londres, se publicou o primeiro volume dos versos ou *poesias fugitivas* do sr. Garrett. Extinguiu-se em pouco tempo a edição; mas o auctor, occupado de outros trabalhos e preocupado de mais serios cuidados, não tratou nunca de preparar a reimpressão que, entre nacionaes e estrangeiros, pediam todos os collectores de suas obras.

Até ao anno de 1841, não lhe foi possível nem lançar os olhos áquelle modesto volume que, sob o nome de LYRICA DE JOÃO MINIMO, tão popular o tinha feito, e algumas de cujas peças já tinham merecido ser trasladadas nas linguas mais cultas da Europa.

N'esse anno, retirado a descansar no campo de grandes fadigas de corpo e de espirito, deu enfim algumas horas de mais lazer a repassar as composições de sua infancia litteraria, e a escolher as principaes das que, em mais feita idade, lhe tinha arrancado a condescendencia com amigos, ou a irresistivel

vel inspiração de algum objecto ou circumstancia da vida que mais o impressionára.

Resmas e resmas de papel lhe vimos destruir e queimar ao fazer d'esta escolha. E apesar do desapiedado apuramento, ainda ficou uma collecção copiosa que, entre o já impresso e o ainda manuscripto, dava materia para bons quatro volumes.

Enfileirou tudo por generos e datas, — algumas das quaes só estavam na pouco exacta reminiscencia do auctor. Mas depois de tentados e desprezados varios methodos, asentou porfim — que dos quatro volumes, ficaria sendo o primeiro essa mesma LYRICA DE JOÃO MINIMO, apenas alterada da primitiva edição de Londres em leves differenças de collocação, e acaso additada com alguma composição juvenil que o auctor desprezára, mas que reclamavam os seus apaixonados; — que o segundo, sob o titulo de FLORES SEM FRUCTO, conteria o resto das composições lyricas da sua primeira e segunda epocha; — que o terceiro seria destinado ás FABULAS E CONTOS, e por appendice aos poucos Sonetos que não entregára ás chammas; — o quarto volume finalmente, com o titulo de FOLHAS CAIDAS, foi dedicado ás producções de idade mais madura e que elle considerava como os seus ultimos versos.

D'estes quatro volumes assim detalhados, não se tratou todavia por enquanto de dar ao prelo senão o segundo, as FLORES SEM FRUCTO, que ainda assim só vieram a imprimir-se em 1845.

E nem a popularidade que obteve o livro, nem o remanso de maiores lidas, que por

então gosou o auctor, o poderam mover a pôr a ultima mão a nenhum dos outros.

Sómente em principios de 1851 entrou na imprensa o primeiro volume, isto é, a segunda edição da LYRICA DE JOÃO MINIMO, e o quarto, isto é, as FOLHAS CAHIDAS.

Motivos bem notorios de serviço publico vieram reclamar toda a efficacia e attenção do nosso auctor; e os dois volumes lá ficaram abandonados na imprensa, meio compostas e meio revistas as folhas. Assim estiveram dois annos até principios do actual, 1853, em que felizmente desembaraçado e liberto, pôde outra vez dar-se aos seus queridos cuidados litterarios.

Publicou-se então a LYRICA e as FOLHAS CAHIDAS; aquella muito correcta e avantajada á primeira edição; estas cerceadas e mondadas pelo auctor, que apenas ficou uma pequena brochura do que tinha sido um volume regular.

Em poucos dias porém desapareceram as FOLHAS; —levadas de bons e de maus ventos... voaram.

E sendo reclamada pela opinião e pelas necessidades do commercio uma segunda edição, resolveu-se o auctor a fazer da reimpressão d'esse voluminho, e do inedito que era destinado ás Fábulas, Sonetos, etc., um só tomo, com o titulo de *Segundo volume dos PRIMEIROS E ULTIMOS VERSOS*.

Para resumir d'este modo, era necessario porém queimar ainda mais Sonetos e mais Apologos. Assim se fez, sendo genero de occupação em que muito parece comprazer-se o auctor.

Mas por tal modo, com estes dois volumes e com o das FLORES SEM FRUCTO, está completa, em tres tomos regulares, a collecção das poesias menores do sr. Garrett; nome pelo qual sempre será mais conhecido o *Visconde de Almeida Garrett*, a quem as dignidades politicas não elevam nunca acima do que a si proprio se eleva por seu engenho e estudo.

Detractores e inimigos gratuitos — porque não invejosos tambem? — podem clamar que essas dignidades rebaixam o nome que não podem exaltar.

E' um sophisma de calúmnia, porventura admissivel como epigramma se, republicano e demagogo, o auctor de CAMÕES, de GIL-VICENTE e de FR. LUIZ DE SOUSA, houvesse alguma hora professado as hypocritas doutrinas do nivelamento social, que tam poucos acclamam com sinceridade, e menos ainda com perseverança. Mas a tribuna, a imprensa e o Conselho o viram sustentar sempre com denodo e dedicação a causa da monarchia, sustental-a como inseparavel da causa da liberdade do povo, da qual é não menos zeloso e strenuo defensor.

A verdade é que as distincções monarchicas tanto dão lustre ao merito e o recebem d'elle, quanto se envilecem e prostituem lançadas á ignavia ou ao demerito que não conseguem ennobrecer.

O dia em que os reis comprehenderem bem este axioma, será o ultimo das aspirações demagogicas.

Voltemos porém á historia da nossa collecção. Não ficou ella nem rigorosamente

chronologica nem perfectamente systematica. Participa de uma e de outra coisa, ennevoada de um certo mysterio que muito por acaso a envolve, sem nenhuma prevenção ou pretensão da parte do auctor.

Na LYRICA DE JOÃO MINIMO, tal como no principio d'este anno se publicou, está a infancia poetica, toda a vida juvenil do homem de letras, do artista, do patriota sincero e innocente, do entusiasta da Liberdade que ainda não conhece, que ama com exaltação, que serve com fervor, e pela qual sacrifica de bom grado a patria, o socêgo domestico, a fortuna, a saude e quanto os homens mais prezam. Ha n'essa lyra uma corda que já sôa de amor, do amor apaixonado, ardente, cioso que um dia abafará talvez as outras todas. Mas os gemidos soltos que por agora lança, os vagos suspiros que balbucia mostram bem claro que no coração do poeta dormem ainda as tempestades que porventura lhe hão de agitar depois a vida. Para tudo o que não é a Patria e a Liberdade, é tibio e froixo o seu canto, desgarrado e mal sentido. Hade entrar muito fundo n'esse coração a pena ou o prazer, antes que chegue a fazer vibrar a corda intima que está silenciosa, distendida — e apenas geme a espaços como harpa còlia pendente do ramo, que, agitada por incerta brisa, suspira vaga e saudosa, sem a percutir ninguem, por ninguem, por coisa nenhuma, e só movida de um indeterminado presentimento do que hade ser, do que pôde ser, do que talvez não seja nunca.

Fala de amor o poeta... Sim, fala; e ha

Délias e ha Lílias, e ha flores e ha estrelas, e ha beijos e ha suspiros, e ha todo esse estado maior e menor de um exército de paixões que sae a conquistar o mundo no principio da vida de um rapaz cheio de alma, de fogo, de exuberante energia e vehemencia de sangue. Mas esse exercito é todo de parada, forma bem na revista — em travando peleja séria, hade fugir, porque é boçal e não o anima nenhum sentimento verdadeiro e tenaz. Vê se o poeta através do amante: falso amor e falsa poesia! Quando um e outro são verdade, não apparece senão o amante, não se vê senão a paixão, a arte some-se, annulla-se deante d'ella: então vem a poesia do coração.

Não ha ainda d'essa poesia na LYRICA DE JOÃO MINIMO. A da alma sim. Nos tres livros em que se divide a LYRICA estão as tres primeiras epochas da existencia do mancebo. As impressões e aspirações da infancia que desponta á puberdade, os instinctos da glória, do amor e do patriotismo suspiram no primeiro livro, que se sente escripto no socego da casa paterna á repousada sombra das faias e das lorangeiras da sua ilha no meio do Atlantico,¹ e logo depois ás margens classicas do Mondego, nas horas vagas dos estudos superiores. O segundo livro é nova era para o poeta e para o patriota. Alceu imberbe, tribuno de dezeseis annos, levanta-se com a revolução, destitue todos os idolos velhos, e não canta senão hymnos á liberdade. O profundo sentimento monarchi-

¹ Em Angra, na ilha Terceira, capital dos Açores.

co lá resumbrá todavia sempre dos mais exaltados cantos com que se insurge a sua musa revolucionaria. Vê-se que, apesar de todo o impeto que leva essa carreira, já-mais hade precipital-o na anarchia. O irreconciliavel inimigo dos despotas e dos hypocritas, não hade ser nunca o amigo dos demagogos, nem blasphemará jámais contra Deus e contra a religião em nome da liberdade que adora como emanação do seio divino.

No terceiro livro ahi está elle repousando no lar paterno das primeiras lidas públicas; ahi canta em suaves endeixas os mais puros affectos da familia, a saudade dos que já não vivem, o carinho dos que ainda o abraçam. Mas a patria, essa patria que hade renegal-o e proscreevel-o d'ahi a pouco, a liberdade que hade fugir bem depressa, vem tiral-o do seu momentaneo descanso. Os cinco annos da vida de Coimbra passaram, o socêgo da casa materna a que regressou cança-o. Elle que sãe outra vez da sua ilha tranquilla para as tempestades da capital. A causa do povo é trahida, abandonada. . . elle não a abandona; prefere o exilio, e em terra estrangeira o ouvimos cantar as suas imprecações, as suas saudades e a constancia indomita do auctor do CATÃO.

Tal é a historia da LYRICA DE JOÃO MINIMO, que termina em 1824.

Começa no anno seguinte a das FLORES SEM FRUCTO, collecção já muito menos volumosa, porque a superabundancia de seus espiritos poeticos tem já outras derivações. O CAMÕES, a DONA BRANCA, a ADOZINHA, ab-

sorvem muito d'elle. Fôrma-se com a experiencia e a observação na terra estrangeira o talento do publicista, aperfeiçôa-se na patria com a prática; começam as luctas politicas de 1826, em que o redactor do PORTUGUEZ e do CHRONISTA mostra que, se a natureza o fez poeta, o estudo e o amor do seu paiz o fizeram orador eloquente e escritor politico abalisado.

Nova emigração, novos trabalhos litterarios e politicos, e novos cantos lyricos tambem, em que ora geme, ora triumpha a liberdade.—Mas no segundo dos dois livros das FLORES começam as paixões do coração a tomar posse mais ampla e mais tenaz do poeta. Seria que as desillusões da politica, os desapontamentos da vida pública, as defecções da amizade o levassem a refugiar-se nas chimeras d'esse outro paiz de sonhos, em que o despertar não é todavia nem menos desanimado nem menos triste?

Não sei: a vida de um poeta hade sempre ter capitulos mysteriosos, transições inexplicaveis e inesperadas; a filiação de suas ideas e de seus sentimentos é quasi sempre *cryptogamica*. O certo é que, nas primeiras composições dramaticas do restaurador do nosso theatro, o amor não existe. No CATÃO e na MEROPE só ha as paixões d'alma, o amor da patria ou da familia; no GIL-VICENTE porêm já o coração toma o primeiro lugar,—disputado ainda pela gloria, pela paixão das letras, da arte —mas o primeiro.

N'esta segunda collecção lyrica do nosso auctor, basta a peça que tem por titulo *As minhas azas* para se ver que o homem pú-

blico, o philosopho, o poeta da gloria e da liberdade pagou emfim o tardio e pesado feudo de sua independencia vencida e subjugada. Até então as homenagens ao suzerano eram meias de escarneo, eram um tributo de condescendencia—de uma como elegante ironia! O estado de coisas é outro agora.

AS FOLHAS CAHIDAS continuam esse estado. Os seus dois livros (que na primeira edição foram um só) visivelmente o mostram.

AS FOLHAS CAHIDAS são o principal n'este segundo volume dos VERSOS, que vem a ser o terceiro, porque entre elle e o primeiro estão as FLORES SEM FRUCTO. AS FÁBULAS e os SONETOS não são senão appendices ou accessorios; e por suas datas e por seu genero pertencem mais á primeira collecção de que acima falámos, do que a esta terceira de que vamos occupar nos.

Aquí os sentimentos patrioticos, o amor da gloria, o enthusiasmo da liberdade têm ainda saudosos eccos na lyra do poeta. Mas a energia, a vehemencia de suas cordas não vibra já senão com outra paixão mais ciosa e mais exclusiva. As Julias, as Delias, não se contentam já de inspirar, dominam absolutamente o coração de poeta, os hymnos, as canções, as imprecações mesmas da sua lyra.

Que é de o Alceu que bramia liberdade, o Anacreonte que zombava com o prazer, o Tyrteu que precedia as phalanges da Terceira ao pé do pendão azul e branco da jovem Rainha dos exilados? Que é das elegias suaves

e melancolicas do auctor do CAMÕES? Que é feito dos desgarrs semi-rabelaicos do poeta de DONA BRANCA, dos sarcasmos byronicos e incredulos, dos sorrisos mephistophelicos espalhados por essas VIAGENS NA MINHA TERRA, pelo ARCO DE SANT'ANNA, por tanto volume de prosas e de versos?

Tudo isso acabou, porque acabaram provavelmente todas as decepções do seu ânimo, e não ficou, em logar d'ellas, senão outra decepção maior que engana mais cega, e venda mais apertada.

Taes são as FOLHAS CAHIDAS, *última palavra* até agora, mas que não será a *derradeira* do nosso poeta: affoitamente o confiâmos. Confiâmol-o de seu engenho grande, de sua alma elevada e nobre, traduzimol-o da sua admiravel introducção ao pequeno volume que hoje reproduzimos.

AS FOLHAS CAHIDAS não são o fim, são a transição.

O que virá depois sabe-o Deus, sabe o o destino mysterioso de uma existencia á parte, que não tem lei nas regras, mas nas excepções da humanidade.

☺ tempo o mostrará, porque uma vida, que tam longa parece por tam cheia que tem sido, é ainda curta e môça bastante para nos deixar aguardar socegradamente pelo futuro que esperâmos d'ella... e muito!

PRIMEIROS VERSOS

FABULAS E CONTOS.—SONETOS

Senti sempre que a lingua portugueza era para todo o genero de composições. E o rebellár-se ella em algumas pareceu-me que era mais inhabilidade de quem a conduzia do que defeito proprio seu. Por honra d'ella, mais que por vaidade minha, tentei compôr em tam desvairados assumptos e generos como tenho feito. Hoje estou crente e firme convencido de que a tudo serve, a todo stylo se presta. Nem me persuadi mais d'isso por alguma coisa em que sahi bem de meus ensaios, do que pelas muitas em que falhei.

A singeleza de seu dizer, uma certa malicia popular e mordente de sua innocencia saloia faz o dialecto portuguez eminentemente proprio para o Apologo e para o Conto.

Está pouco trabalhado o genero entre nós em verso. Mas as Fábulas dos animaes, contadas em prosa pelas gentes do campo, têm tanta graça de stylo como as de Eso-po e de Pilpay; e as narrativas do Decameron popular em que sempre figura o frade, a mulher do çapateiro, o marido logrado, o amante umas vezes bem succedido em seus artificios, outras colhido n'elles proprios e punido de sua audacia, não têm que inve-

jar a Lafontaine ou ao licencioso italiano que fez as delicias de nossos gaiatos avós da Renascença.

Quando, em bem creança, quiz tambem ensaiar a minha penna n'este genero, não adverti tanto no que agora escrevo e penso.

Fique pois o meu mau exemplo, fique a minha quédia por farol de aviso aos que navegarem n'este rumo, para que saibam que as imitações dos estrangeiros são perigosas sempre, e quasi sempre infelizes quando se não põem bem deante dos olhos os unicos typos verdadeiros, que são a natureza, a indole da lingua, e os modos de dizer do povo em cujo idioma se escreve.

Tambem comprehende a segunda parte d'estes meus «primeiros versos» alguns Sonetos, poucos. De centos que fiz, e que me fizeram fazer, apenas deixei estes. Não são bons, e eu não gósto do genero, que por indole propria é pretencioso e facticio. Mas confesso que hoje tenho remorso da reacção que promovi contra o Soneto. Tinha ao menos restricções e difficuldades que não tem a sôlta liberdade das Canções descabelladas e plusquam romanticas, pelas quaes foi substituido; na qual soltura cresceu descompassadamente a turma dos janisaros do Parnaso, que levaram a anarchia poetica além de todas as raias do senso commum.

Se nós invocaremos ainda o Soneto e a Arcadia e a Academia, como os povos, cançados e enfasiados das orgias da liberdade desenfreada, invocam a tyrannia, último e fatal remedio dos males presentes, que lhes fazem esquecer os passados? Oxalá que não, por-

que a coisa era muito semsabor e muito pedante. Mas esta é tam piegas!

Da litteratura piegas nos livre Deus, sobre todas as coisas.

Emfim, a historia do mundo não é senão uma serie de reacções e contra reacções. A da Litteratura é o mesmo. O que unicamente fica immutavel são os eternos principios da verdade, do gôsto, e da razão em tudo.

Lisboa—Janeiro 1853.



FABULAS E CONTOS

LIVRO UNICO

I

INTRODUÇÃO

CAHIRAM com a folha os meus prazeres ;
E as musas, caro Gomes, ¹ que, outro tempo,
Torrentes d'estro me esparziam n'alma,
Até as mesmas musas
Sem dó, sem compaixão desampararam
O froixo amante inválido.
Embalde as chamo, e as desmontadas cordas
Da saudosa lyra
Lhes peço ao menos que sequer me affinem.
São bellas, como bellas, caprichosas :
Não me admirou que fujam.

Porém, amigo, no celeste côro,
Como por cá na terra.
De milagre inda ás vezes se depara
Com alma bemfazeja.
Das nove irmans gentis a mais gaiata,
Garrida e brincalhona,
A galhofeira, magica Thalia,
Rindo-se ás gargalhadas
Da lamuria que fiz por vêr fugil-as :
—Deixa, me disse, és louco ;
Deixa, que ellas virão sem que as tu chames :
É costume do sexo,
Assim fazemos todas.
E que lhes queres tu ? que encantos achas

¹ O Dr. Francisco Gomes da Silva, meu companheiro e amigo da Universidade.

Na macilenta, pallida Melpómene,
Que, desde que houve em Grecia um tal Eschylo

Até o dia d'hoje,
Sempre lagrimejando
Nos sécca, nos enjôa

E nos quebra os ouvidos com gemidos?...
Sempre se anda a matar e nunca morre!

As outras—na verdade,
Aqui muito em segredo

Estas minhas irmans... Não é má lingua;
Não é geito da *saia*... mas decerto

Não sei esses poetas

Porque tanto as incensam, tanto as buscam

Olha: o velho Philinto,

Que tu, e os teus patricios—boa gente!—

Tanto gabaram, applaudiram tanto,

Sem lhe matar a fome,

Postoque a todas nós galanteava,

Comtudo a do seu peito

Foi a mana Polymnia.

Nunca vi um namôro mais rançoso,

Fizeram duzias de Odes . . . duzias!—centos.

Tantas e tantas foram,

Que em fim o mano Apollo

Já de Odes enfastiado,

Assim que o pobre velho deu á casca,

Protestou, e protesta

Não dar a mais ninguem o officio vago

De Lyrico da casa.

Caliope, essa tola empavezada,

Que Homero, e o teu Camões, Virgilio e Tasso

Tam mal acostumaram,

Sempre de bico doce,

Torce o nariz a tudo,

E diz que a ninguem mais quer dar cavaco;

E até, se não soubesse

Que um tal poeta lá da tua terra

Que faz *Orientes* e baptiza *Gamas*,

E a quem nós todas temos mortal osga,

Fôra frade tambem... que ia ser freira.

As mais é tudo o mesmo,

São todas desdenhosas:

Além d'isso têm lá os seus namoros,

E não querem largal-os.

Eu cá não sou assim... Porém não penses,
Por me ver rir com todos,
Que a todos quero, que namóro a todos.
Engana se commigo muita gente,
Tenho enganado a muitos
Que julgam conseguir os meus favores:
Cáem como uns patinhos
Nes peças que lhes armo.
Cuidou que me pilhava aqui ha tempos
Um tal cantor de *Burros*,
Macaco encyclopedico
Que em tudo quer metter-se.
Preguei-lhe um lôgro... oh este foi machucho:
Vesti a minha môça da cozinha,
Que vocês lá no mundo
Appellidam Chalaça,
Que sempre anda mettida entre estudantes
Marujos e arreeiros,
Vesti-a c'uma roupa do meu uso
Já rota e desbotada,
E mandei-lh'a em meu nome ao tal poeta,
Que a pillula engoliu,
E muito satisfeito da conquista,
Por tal a deu aos p'rvos
Que as sujas trovas, que os immundos versos
Extasiados applaudem.

Quando eu tinha os meus dôze, e era donzella...
(Que hoje, crê-me a verdade,
Vae cá no Olympo o que lá vae na terra!)
Namorei-me de um Grego: oh! bello amante!
Chama-se Aristophanes:
Dei-lhe, entreguei-lhe tudo
—Como o teu Camões disse—
O que deu para dar-se a natureza.
Um phrygio corcovado,
Mas que tinha mil graças
Que a corcova das costas lhe encubriram,
Soube tambem vencer-me.
Com estes dois gosei prazer tam doce,
Tam deleitosas horas,
Que os monumentos d'ellas
Inda lá pela terra os mimos fazem
De quantos sentem de meus dons o preço.

Quando no Sena ovante,
 Quando no Tejo e Tibre
 Se ergueram nossos templos
 Que a barbara ignorancia derrubára,
 Ao cantor do *Lutrin*, ao da *Pucelle*,
 Ao mago auctor do santarrão *Tartufo*,
 Ao teu do bento *Hyssope*,
 E a esse galhofeiro Italiano
 Que aos animaes deu fala,
 Dei-lhe os favores, franqueei-lhe os mimos
 Que a Ariosto, a Gil-Vicente,
 Que aos outros todos concedera outr'ora.
 Se o que elles foram sabes,
 Quanto eu valho aprecia.
 Eu não sou como as manas,
 Rio de tudo, tudo rindo ensino;
 E nas coisas mais sérias
 Acho, descubro o lado
 Em que o sal do epigramma encaixa a geito.
 Por mim da atroz affronta,
 Por mim da escravidão, por mim da inveja
 O engenho se despica,
 E n'um só *trait d'esprit*, de eterno opprobrio,
 C'o sêllo do ridiculo,
 Marca indelevel na ignorancia imprime,
 Na presumpção, no orgulho.
 Toma (e, dizendo, me entregou a lyra.)
 Toma, e conhece quanto podem risos
 Da magica *Thalia*.
 Fere-a, e, se os sons mal destros,
 Desafinados, rudes te sahirem,
 Começa n'isso mesmo
 A gosar minhas dadas;
 Ri-te d'elles, de ti, ri-te da lyra,
 E de mim se quizeres.—

 Tal me falou a minha bella deusa
 Que tantas gargalhadas,
 Nos dias folgasões de nosso tempo,
 Nos fez dar tantas vezes
 Quando na voz roufenha
 Do nosso mathematico Alvarenga,¹
 A's mãos cheias vertia

1 Outro amigo da Universidade.

Pilherias do *Kai-Pira* e *Sgnarello*,¹
 Do empulhado *Avarento*.
 Satisfeito da offerta, e mais que d'ella,
 Do longo e bom cavaco,
 — Cavaco que jejuo ha tanto tempo!
 Cavaco suspirado
 Com que me acenam já vespervas santas
 De tardio feriado!—
 Toquei, ou antes arranhei á tóa
 Os versos que te mando.

Ri-te se forem bons e se gostares,
 Ri-te se forem maus e te enjoarem.
 Ri-te, ri-te, que o mundo
 Não se pôde levar de outra maneira:
 Assim o ensina a deusa.

Coimbra — 1820.

II

PELO ZURRO O BURRO

CONTO ACADEMICO

Naturam expellat
 Furca, tamen, usque recurrat.
 HORAT.

Era uma vez: diz mestre Lafontaine,
 Que lh'o dissera Phedro seu amigo,
 Que lh'o dissera um grego corcovado...
 Pois tudo n'este mundo vae por ditos,
 Tudo se diz porque outros o disseram...
 É talvez que não fôsse Lafontaine,
 Mas foi outro que tal, que vale o mesmo:
 Um dia... mas o fio á minha historia
 Não o tórno a quebrar por coisa alguma;
 Poema que tem muitos episodios
 Nunca pôde ser bom, nem bons ser elles:
 Diz padre Horacio ou outro tal como elle

1 Farças que representavamos no nosso theatro.

D'estes que intentam acanhar o genio
 Com leis servis por elles arrançadas,
 Que, segundo a moderna guapa eschola,
 As não pôde soffrer de taes birbantes.
 Um dia pois o pae de homens e numes,
 Como eu ia contando aos meus leitores...
 —Se é que a sorte, que os nega a bons poetas,
 M'os deparar a mim, chulo trovista—
 A rogos, mas de quem já me não lembra,
 Asno felpudo de orelhões cahidos
 Quiz transformar em fervido ginete;
 E ao bom Mercurio, seu fiel ministro,
 Manda que o longo pêllo lhe tosquie
 E um bom naco cerceie das orelhas.

Era grande o burrico, ne dio e gordo,
 E por milagre do supremo Jove,
 Que sempre faz como este bons milagres,
 Eil-o desempennado e mui lampeiro,
 Qual andaluz corcel ou egua arabia,
 Apar de outros corceis se vae trotando.
 O povo cavallar na fórma nova
 Não reconhece a burrical maranha.
 Como elles folgazão retouça e pula,
 Ladeia, faz corcovos, trava o passo,
 Emfim parece—tanto podem numes
 E tal é o poder de um bom milagre! —
 Cavallo mestre e feito em picaria.
 —Qual rustico peão de bronca aldeia,
 De tamancos nos pés, no sacco a bróa,
 Que vem para embarcar lá da provincia,
 E para um tio, que é senhor de engenho,
 Ricaço em pretos, em arroz, mellaço,
 Engoiado apprendiz vae ser caixeiro:
 Morre-lhe o tio, eis o rapaz n'um sino,
 Vende pretos e pretas e mellaço,
 E vem, Cresso de côcos e patacas,
 Metter toda Lisboa n'um chinello;
 Já por boas, luzentes amarellas
 Serodeo compra fidalguesco fôro...
 D'antes—que hoje a visita da saude,
 Em cheirando a caturra, a bordo o prende,
 E é já barão quando põe pé em terra.
 Eil-o que alteia os hombros encolhidos,
 Entufa em vento as bochechucas belfas,

Empina a pansa, engrossa a voz pausada,
E no tropel dos nobres envolvido,
Se o não conheces, crêral o provindo
Dos que nos velhos pergaminhos vivem.
Tal já desorelhado e ufano o burro
Entre altivos ginetes campeava.
Mas, oh fado infeliz, mesquinha sorte!
Quando entre os novos ledos companheiros
Se vae trotando com pimpão meneio,
Eil-o depara com villan jumenta
De hirsuta felpa e de costado esguio,
Que os fios corta d'alma a quem a via,
Como bem diz latino luso vate
De mui gaiata e festival mentória.
Subito esquece o recém-nobre estado,
Lembram-lhe antigos, burricas e requebros
E o tom galanteador de assal namoro:
Estira amante o beijador focinho,
E em notas de invejar por um Lablache,
Psalméa airoso, compassado orneio,
Deixa os amigos e a azzurrar se fica!

Ora pois, como fez o senhor Jove.
Fez certo gran'senhor de letras gordas
E protector das magras. — Foi milagre
Que pela intercessão foi operado
De uma a que chamam deusa da Sandice,
De outra Impostora e de outra Pedantice.

Começa o caso c'o outro parecido.

Havia em certa terra muito longe,
Á nas pontas dos pés d'este hemispherio,
Que dizem fôra outr'ora povoada
Por certo beberrão feitor de Baccho,
Havia uma familia de animalculos,
Aos quaes Linneu, que achou nômes a tudo,
Nunca deu nome, nem especie ou genero,
Nem eu lh'o sei tambem, só sei que arrotam
Textos, medalhas, chemicas rançosas,
Que trazem n'algibeira um compassinho,
Muito acanhado, curto e pequenino,
Talhado ao molde dos miolos d'elles,
Com que querem medir todo este mundo.

D'estes pois — e aqui vae o gran'milagre —
 Burros na fôrma, na sciencia burros,
 Mas burros mais que tudo na cacholla,
 Quiz o tal gran'senhor, citado acima,
 Fazer — ó musa o quê? — Dize, não temas,
 Não fujas, dize e vae-te. — «Uma Académia»
 Disse a musa e safou-se ás gargalhadas.
 Mas que Académia! — Oh! venham as brilhantes
 De Londres, de Paris, de Petersburgo
 Beber aqui sciencia não sabi la
 De assopradadas, pomposas ninharias.
 Que producções, que producções! Oh quanto
 Quanto seria mais se um deus maligno,
 Inimigo dos guapos academicos,
 Das tres que Deus nos deu potencias d'alma
 Lhes não saccasse duas á surrelfa,
 Deixando só memorias e memorias...
 Quanto seria mais, quanto fulgira
 Em gordos, grossos, grandes calhamaços
 A portugueza, magestosa lingua,
 Se os novos sabios, no comêço á emprêsa,
 A antigas manhas não perdendo o affinco,
 Não encontrassem por desgraça nossa
 Cum perfido *azurrar* — zurrar maldito!...
 Ficaram no *Azurrar* sempre zurrando.

Coimbra — 1818

III

AMOR E VAIDADE

FABULA

JÁ mais veloz corria o espaço usado
 Que as horas marca ao dia
 O deus que atrás de Daphne
 — Infructuoso trabalha! — dera ás gambias;
 E aos braços d'Amphitrite ia mais cedo
 Dos trabalhos da luz gosar nas trévas
 Desejado descanso.
 Íam seccando pelo prado as'hervas,
 E o verde-escuro dos frondossos montes
 Amarello cahia;

Sentado ao pé da magustal¹ fogueira,
 Vermelho e rubicundo
 O bemdito e louvado San Martinho,
 —Que a cega antiguidade,
 Por não tomar a bulla da cruzada,
 Nem jejuar aos dias de jejum,
 Baccho chamava em sua escandalosa
 E miserã ignorancia —
 Bastas fazia navegar, nos máres
 Da barriga santissima.
 As puchantes castanhas;
 Banhos e quintas ao socego antigo
 Despovoados tornavam;
 Voava a folha, sibilava o vento,
 E emfim, sem metaphoricas periphrases
 Era já meio outomno.
 Amor, Cupido, ou Ero, ou qual mais gostem,
 Dar-lhe baptismo ou chrisma,
 Comtanto que não chegue
 A tanto o desafôro
 Que ousem —como eu ouvi, por meus peccados,
 Co'estes que a terra um dia.
 Ou mar tem de comer —
 Por louca affetação de anglo-mania,
 (O que não farão modas!)
 Chamar-lhe em portuguez. . . chamar-lhe *Love!*
 Amor pois ou Cupido,
 —Que assim nossos avós sempre disseram
 Em tempos venturosos
 Que tudo se chamava por seu nome,
 Que ás bellas se dizia
 Em portuguez sincero e sem malicia
 O que hoje é fôrça rebuçar no manto
 De allegoria equivoca —
 Amor, do rebulicio da cidade,
 Do barulho enfastiado,
 Farto já de frexar c'os aureos tiros
 Os corações tam gastos,
 Usados, velhos, estropiados, frouxos
 Da gente que a povôa,
 Para o campo fugiu d'onde ella foge.
 Lá nos singelos bosques,

¹ *Magusto*, no dialecto da minha provincia, é a fogueira em que se assam as castanhas nos dias marcados peio ritual minhoto.

Nas simples cabanas
 Singelos corações, simples almas
 Espera achar ainda
 Em Daphnis e Amaryllis.

Por um ameno solitario valle,
 Em seus projectos imbebido o numen,
 Caminhava . . . Eis da encosta de um outeiro
 Vê descendo gentill, esbelta dama
 Que bem, no airoso enfeite,
 No perluxo das modas,
 Conheceu que não era habitadora
 De rustica espessura.
 Fugil-a quer; mas sentimento occulto,
 Que entre nós cá na terra
 Se diz curiosidade,
 —Não sei como no céu lhe chamam numes!—
 Sentimento imperioso
 No sexo lindo que nos doira a vida . . .
 —Que a doira, se gozar sabemos d'elle,
 Que aos parvos a envenena—
 Este o reteve, suspendeu-lhe os passos,
 Quem será? Quer sabêl-o.
 Eil-os juntos; o Amor que á bella dama
 Cortezmente sauda:
 «No campo ainda e só, quando á cidade
 Apressurada corre toda a gente!
 Tam delicada, tam formosa dama
 Da quadra desabrida
 Os insultos não teme?
 Foge acaso o prazer da sociedade,
 E n'estas mudas selvas
 Vem porventura, desgraçada amante,
 Chorar na soledade?»

Não gostou do cortejo e cumprimento
 A nympha bella, desdenhosa e dengue;
 Offendida que o nome lhe ignorassem,
 Orgulhosa responde:
 «Conhece-me o universo; em toda a parte
 Templos, altares tenho;
 Domino os corações, govérno as almas,
 Sou uma deusa, e chamo-me Vaidade.
 Por mim co'a morte, c'os reveses lucha
 O guerreiro no campo;

E ante o espelho traidor consome a vida
A belleza que aos annos se não rende.
Por mim o litterato sôbre os livros
Curva a fronte abrazeada;
Por mim nos gestos, no falar se estuda
O adamado peralta;
Por mim vivem contentes, satisfeitos
Os que menos razão têm de viverem;
E o mago meu poder se estende a tanto,
Que entro no seio mesmo aos que me offendem,
Desprezam e injuriam.
Por meu influxo, n'esse proprio escripto
Em que me insulta o sabio,
Corrige e apura o sabio o stylo, a penna,
Aos louvores armando.
Eu as soberbas, elevadas cupulas
Ergo de vãos palacios;
E até na estancia gellida da morte,
Nas mentirosas lapidas
Lavro pomposas lettras
Que a enganado porvir levam memorias
De parvos, de maus reis, santões Tartufos,
De tonsuradas bêstas.
Eu em certa famosa Academia
As charamellas tanjo,
As Conclusões defendo,
Em vandalo latim peroro ás turbas,
Tufo a brilhante borla
Com que as caveiras jumentaes adórno.
Emfim até de amor perturbo o imperio :
Por mim, pôr meus auspicios,
A parvoa chusma dos galans mais parvos,
Dos fôfos petimetres
Já do sexo gentil não quer favores :
Indifferentes ao gôso e á ventura,
Basta que o mundo os tenha por felizes...
Por mim a dama desdenhosa e bella
Já não procura amores,
Nem de Venus suavissimos deleites,
Mas o gatidio maior, mais lisongeiro
De que os outros a creiam
Cercada de servis adoradores,
De humildosos escravos... »
Ia por diante; mas o deus zangado,

Furioso a interrompe:

— «Basta; o numen d'amor sou eu: não entra
Tam facil em meu reino

Teu sacrilego pé: sobejas vezes
De muitos corações tenho extirpado
Teu petulante vicio.

Em vão esse Hymeneu, que deus se chama
E igual a mim se inculca,
Ousa pleitear commigo :

Os nós lhe quebro que appellida santos,
E em seu templo introduzo
(Embora a testa doa
Aos miseros maridos)

Quem me apraz, quem me segue, e a quem eu quero
Por mim se egualam desvairadas sortes,
Que as baixas condições uno ás mais altas.

Lidia, a orgulhosa Lidia,
Que a ladainha dos avós empurra
A todo o instante e a todos,
Lidia que nunca ri... c'um tiro as pompas
E as sombras dos avós lhe desfiz n'alma :

Puni-a, fil-a escrava,
Fil-a escrava... e de quem?... do seu lacaio.
Togas, aureos bastões, borlas, espadas,
Mitras, corôas, toucas e capuzes
Ao meu imperio tudo está sujeito.»

Desdenhosa e sorrindo ouviu a deusa,
E em submissa ironia lhe responde :
— «Pois bem: assim será; não valho nada
No coração das bellas.

Mas expliquem sem mim seu vário peito;
Isso que o mundo appellidou capricho,
Que em sua alma domina,
Dize-me o que é? será sem causa o effeito?
Suas obras tam variaveis, tam confusas,
Com que os amantes pasmam,
Não as decifro eu só, de mim não partem?»

Esquentou-se a questão; de novo os deuses
Pro e contra razões allegam, mostram.
É cabeçudo Amor, ella teimosa...

Não acabavam nunca,
Ficariam na mesma,
Se o meio de findar contendias tantas

Não acordasse á deusa :
—«Prescindamos (clamou) de vans palavras,
Argumentos deixemos;
Vamos a factos, e de nossas armas
Façamos experiencia.»

Sahia a ponto do vizinho bosque
Pastorella innocente :
Alma inda nova, coração ingenuo,
No simples do vestido,
No mal composto dos cabellos louros,
De sobejo mostrava:
Era toda ao pintar para exp'riencia.
Consentem ambos em provar, na bella
E timida pástora,
O podêr de suas armas.
Jurou Amor de dar-se por vencido
Se de seus magos tiros
Podêsse defendel-a a Vaidade.

Com lisonjeiro, placido semblante
E com doces palavras,
Tomando-a pela mão, a affaga a deusa;
Pungente frexa Amor no arco imbebe,
E mostrando-lhe a um tempo
Joven pastor que dera inveja a Páris,
O tiro lhe dispara.
Vôa a setta fatal . . . mas no momento
Em que lhe toca o peito,
Subito a deusa aos olhos lhe apresenta
No mesmo instante crystallino espelho . . .
Pasma, extasiada e fixa
A simplice donzella,
O semblante gentil contempla immovel;
Nem um só volver de olhos para o bello
Mancebo lhe escapou.

Sorriu-se a deusa; Amor de envergonha-lo,
De corrido fugiu.

IV

ESOPO E O BURRO

FABULA

A TH. DA SILVA QUINTAN LHA

Foi grande tempo, amigo,
 Aquelle tempo antigo:
 Eram maiores pêras e mellões...
 Pois uma melancia?
 Por essa casa dentro não cabia.
 Bem o mostram as sábias conclusões
 Do famoso Gil Braz de Santilhana:
 Guardadas proporções,
 Se a conta não engana,
 Certamente seria
 A maçan com que Adão Eva enganou,
 Maior do que uma abobora-menina:
 E então já bem se atina
 Como ella lhe encalhou
 No gargallo do pae da humanidade;
 Cuja enorme hombridade,
 Segundo o mesmo cálculo constante,
 Devia ser maior que a de um gigante

N'esse tempo feliz da Carochinha,
 Em que pato e peru, porco e gallinha,
 Burros e burras — e o rhinoceronte --
 Cabreavam, ahi por esse monte,
 Com toda a mais canalha
 Que era da sua egualha
 Toda essa corja dizem que falava,
 Como nós, na sua lingua mistiforio.
 Não sei se Deus fez bem no seu decreto
 Que a mercê lhe tirou do falatorio;
 Pois, segundo mui douto me ensinava
 Meu mestre José Vaz, homem discreto
 E de saber profundo,
 Em toda a sociedade d'este mundo
 Por fôrça ha de reger
 O famoso *direito de accrescer*.

Accresceu para nós, tristes humanos,
Toda a loquacidade
De quantos bicharrões, bichos, bichanos
D'este universo á grande sociedade
Veiu a perdas e damnos:
E assim vemos falar moços e môças;
Velhos e velhas, sabios e tarellos,
Com vozes finas e com vozes grossas,
O gentio, o christão, meiro e Judeu,
Por quantos cotovellos
Deus e o *direito de accrescer* lhes deu.

N'esse tempo feliz então havia
Em Grecia um corcovado
Que de todo o animal, ave ou pescado
Entendia e falava a algaravia.
Muitas já tinha em grego traduzido
Das famosas comedias,
Altisonas tragedias,
Entremezes chistosos e engraçados,
A que tinha assistido,
Dos bichassos auctores mais falados.
Um dia passeando
Por junto de um ribeiro,
— Talvez algum dialogo pilhando
De bichitos de couve ou formigueiro —
Eis-ahi senão quando
Direito a elle em frente
Orelhudo jumento vem trotando;
E depois de o saudar mui cortezmente
Com uma cavatina
Em notas que nem já Lablache afina,
Findado o ritornello,
Assim o nosso burro,
Em sua lingua asinina
De mui pulido zurro,
Ao corcunda falou,
Quero dizer — orneou:
—«Tenho um favor que te pedir, Esopo:
No apologo primeiro
Que em lingua traduzires da tua gente,
Não me faças tam zôpo
Como, useiro e veseiro,
Fazes constantemente.
Em meus discursos mette alguma graça

E pilberias com sal e com finura,
Que eu, a zurrar, sou forte na chalaça.»

O bom do Esopo olhou para a figura
Do elegante orelhudo,
E com tam destampada,
Tremenda gargalhada
Lhe respondeu ao animal felpudo,
Que elle, de orelha murcha e mui trombudo,
Se foi sem dizer nada.

Do sincero de Esopo quam diff'rentes
Andam certos auctores
Que altisonantes falas farfalhudas
Emprestam a patetas gran'senhores,
Excelso presidentes
De pedantes reaes Academias,
Illustres senadores
Que as cachollas vazias
Inchados ornam de compradas flores!
Quantos ha ahi garraios descarados
Que vão pimar, sem pejo, pelos pulpitos
Com os sermões espurios
Que aos padres mestres da ordem são furtados!
Quantos vates e ervís, lamosos gansos,
Que, em vis dedicatorias campanudas,
De podres versos ranços,
Na linguagem da *Phenix renascida*,
Vão dar ethica vida
A Zenobias barbudas;
E a Mecenas palhaças
De sabichões da Grecia dão fumaças!

Mas Esopo ficou qual d'antes era,
E o burro, burro estreme;
Mas aos nossos Mecenas sécca e tréme
Na frente o loiro, a hera
Com que venaes poetas
Lhes coroaram as testas de patetas,
Em trovas semsabôres;
Mas os nossos modernos escriptores
Ficam asnos sem sizo
Para os homens de bem e de juizo.

V

O MENINO E A COBRA

C'UMA cobra doméstica folgava
 (riança innocentinha,
 E «Meu bicho» dizia a criancinha;
 «Comtigo tam seguro eu não brincava
 Se primeiro, o veneno refalsado
 Não te houvessem tirado.
 Que vós sois muito más, muito ingratonas,
 Minhas serpentesonas.
 Oh! nunca a tal historia me esqueceu
 D'aquelle homem que a cobra achou na rria,
 —Talvez fosse avó tua—
 E tanto se doeu
 De a vêr toda de frio retransida,
 Que no seio a metteu
 E comsigo a aqueceu.
 Que fez a bicha mal agradecida?
 Apenas se recobra
 A traidora da cobra,
 Vae, e zaz!—e mordeu
 O pobre homem, que logo da ferida
 Venenosa morreu.»

— Bem parciaes, responde-lhe a serpente
 São as vossas historias.
 O teu homem, que tens por caridoso,
 Creu realmente a cobra já finada,
 E foi por cubiçoso
 Da pelle, que era linda e mosqueada,
 Que o teu santinho d'home' a quiz salvar:
 Era para a esfolar.—

«Vae-te» responde em cholera o menino,
 «Vae-te, bicho mofino:
 Todo o ingrato é ladino
 Para se desculpar,
 E ao seu bemfeitor calumniar.»

O pae da criancinha, mui contente
 Toda esta conversa ouvindo esteve;

E—«Pois, meu filho» disse «honradamente
 Julgaste como deve
 Todo homem de bem:
 Mas é preciso em tudo ser prudente,
 E injusto com ninguém.
 Ha casos de tam feia ingratidão,
 Que a razão
 Não se atreve
 A crêl-os, sem exame, assim de leve
 Raras vezes a ingratos obrigaram
 Os que são verdadeiros bemfeitores;
 Mas o mundo, meu filho, por desgraça,
 Harto está cheio de ruins Mecenas;
 De falsos protectores,
 Que a detestavel raça
 Dos ingratos no mundo propagaram,
 Arrastados favores,
 Inda menos baratos
 Que interesseiras sordidas onzenas,
 O que hão de produzir, senão ingratos?»

Coimbra—1821.

VI

A SAUDE E A MEDICINA

JÁ tenho, meu Eloy,¹ tudo emmallado;
 Fica até no bahu o estro fechado.
 Mas antes de partir,
 Quero contar-te um conto, que hasde rir.
 Hontem o encontrei
 N'aquelle teu Pignotti tam magano;
 E, se em meu portuguez não desbotei
 As côres do italiano,
 Hasde-lhe achar a graça que eu lhe achei.
 Vou abrir o bahu, e venha o estrol!
 Sobre o canhão da bota,
 Como dizer se usa,
 Farei regrinhas curtas e compridas,
 Botas . . e esporas tenho já cingidas,
 Montarei o Pegáso, que nem trota

¹ O Dr. João Eloy Nunes Cardoso, de Monte-mór-o-Novo, outro amigo velho e verdadeiro, da Universidade.

Commigo, de esfalfado.
Eu muito descaçado
Ahi me vou choitando,
O meu conto contando.
O conto é da Saude e Medicina...
E trata de te rir,
Que, se não ris, serviu-te a carapuça.
É um reles doutor de mula ruça,
Doutor que se amoffina
E não quer consentir
Que a pobre, atormentada humanidade
Se desforre uma vez co'a faculdade.

Jove, esse Jove em Grecia tam temido,
Que imperava nos céus, nos elementos,
Nos raios e nos ventos,
De moda emfim cahido,
O credito perdeu e está falido.
Mas quando elle reinava
Viam-se casos n'este baixo mundo
Que o vulgo parvo assegurar ousava
Desdizerem de seu saber profundo:
E n'este ponto a grega theologia
Por desculpa dizia
Que, ao dar ordem a coisa tam soez
Como é d'esta vida o entremez,
Lhe cáem muita vez
Os oc'los do nariz;
E que n'estes momentos
Tudo o que faz e diz
É asneira—sandice por um triz.
Em um d'estes accessos mazelentos,
Em que de facto, do nariz divino,
E sem elle dar tino,
Tinham cahido os seus oculos bentos,
A' terra nos mandou,
Só para nosso bem, como julgou,
Duas boas divindades companheiras,
Ambas ricas herdeiras
De sua graça divina:
A saber, a Saúde e a Medicina.
Na fôrça juvenil tinha uma d'ellas
Ageis e vigorosos
Fortes os membros, cheios, musculosos,

Tintas de côr rosada,
 rlorída e engraçada
 As frescas faces bellas;
 E nos olhos tranquillos e gozosos
 Tinha a indolencia com a paz pintada.
 A outra, de gesto magro e macilento,
 Cabello pouco, e o pouco de alvo argento,
 Com as faces rugosas descahidas,
 As carnes resequidas,
 E em circulos de chumbo encaixilhados
 Os olhos encovados
 Remellosos, vidrados.
 Entrançada de malva e de chicoria
 Ampla corôa a frente lhe cingia,
 Como um splendor de glória;
 E a negra sotana que vestia
 Rota, e cossado o pêllo, lhe luzia
 Com erudita e sábia porcaria.
 Aos hombros alquebrados,
 Que a muita edade impêna,
 Em fórma de capuz, junto ao toitiço
 Assim como uns calções esfarrapados
 De antigo, velho riço,
 E da côr de bandeira em quarentena.
 N'um frangalho de tal coisa amarella
 Lhe pendia á feição de bambinella,
 Não Tosão de Giro ou à Polar estrêlla,
 Vermelho Christo ou roxo San Thiago,
 Mas o instrumento aziago...
 Certo tubo que todos conhecemos,
 Que no lúbrico páo escorregando,
 Emquanto vae e vem assim bricando,
 Ao nobre officio serve que sabemos...
 Cingida era de emtórno
 A venera pendente
 De um magnifico adórno
 De pilulas, lancetas em pingente,
 Siuapismos, ventosas,
 Com que, a modo de pedras preciosas,
 A nova Ordem militar fulgia,
 De Esculapio em memoria e honraria.

A este sabio Mentor Jove entregára
 Em guarda a bella deusa das rotundas

Bochechas rubicundas,
E mui severamente
Que em tudo a governasse, lhe mandára.

Eil-as, breve, a caminho:
E a deusa obediente
Submissa e reverente,
A sua mestra seguia
Como ao guardião faria
Um timido noviço, capuchinho.
Mas alguns passos dados,
A magra Medicina
Prega na outra os olhos encovados,
De admiração malina
Franze o sobrôlho esguio,
E tomando-lhe o pulso, em ár sombrio,
Com palavras que ignoras,
Profano vulgo, graves e sonoras,
Disse—«que a robustez já muito athletica
Que lhe achava, a fazia mui plethorica,
E daria em pleuritica ou phrenetica.
Provou lhe mais com medica rhetorica
Que um excesso mui rude
Soffria de saude;
E para que o morboso estado mude,
E ella possa viver seguramente,
De todo era forçoso
Que tivesse o seu tanto de doente.»
Disse, empunha a lanceta,
Fere um vaso venoso,
E á pobre da pateta
Tres libras de sadio e generoso,
Vermelho sangue puro lhe sacou:
Muito menos a muito já matou!

Mas era a paciente
Tam pouco natural a estar doente,
Que á sua directora vigilante
De melhorar não deu signal bastante:
Pelo que foi gramando ás ordens d'ella,
Nojenta beberagem amarella,
Fedorenta, asquerosa,
Em dóze prodigiosa!...
Tanto, tanto bebeu,
Que a rebelde natura emfim cedeu.

O appetite, o vigor
 iam diminuindo;
 E a brilhante côr,
 A frescura das faces vae fugindo.
 —«Bravo,» gritava a outra em ledo aspecto,
 «Bravo, que a arte vae fazendo effeito!»

E temendo funesta recahida
 Em quanto de uma vez
 Não tinha debelada e bem vencida
 No morbo a robustez,
 Manda avançar as horridas catervas
 Dos xaropes, conservas,
 Sem os laxativos,
 E fortes aperitivos...
 Com tal fôrça e podêr, que a desgraçada
 Em sua consciencia
 De todo em todo se sentiu curada.
 Mas com tanta sciencia
 Tam eruditamente era tratada,
 Por via de tam graves aphorismos,
 E agudos syllogismos,
 Lardeados de Grego e de Latim,
 Que até, morrer assim,
 Morrer n'esta doçura,
 Morrer tam sabiamente era ventura.
 Da nossa boa alumna, por má sorte,
 Era estúpida um tanto a natureza,
 E romba de agudeza:
 Graça a mais superfina
 Que nos pôde fazer a mão divina!
 De tam ditosa morte
 Não pôde comprehender toda a belleza.
 Cobrou medo a mofina
 Da sciencia divina.
 E, sem mais Deus-te-salve ou mais embora
 Desanda-me a fugir, dando á canella
 Por esse mundo fóra.
 Larga a outra atrás d'ella
 A correr... e correu, e correrá...
 Mas nunca a apanhará.
 E d'então para cá
 Ninguem mais se gabou
 De que juntas ou perdidas encontrou.
 Tal medo uma da outra concebeu,

Que aonde a Medicina appareceu
É logo — n'um momento
Foge a Saude mais veloz que o vento.

Coimbra — 1821

VII

O GALLEGO E O DIABO

Eu, por mim, gósto de contos,
Diga o mundo o que quizer;
E para matar o tempo
Um conto quero escrever.

Matar o tempo é preciso
Aos ignorantes — dirão;
Ao sabio sempre elle corre
Voando, que lento não.

Porêm, amigo censor,
E quem me fez sabio a mim?
Sou eu lente ou academico,
Prégador ou coisa assim?

Verdade é, no Quebra-costas
Minha vez escorreguei,
Fui prêso por Verdeaes,
E á porta Ferrea m...ei.

Mas que doutor fiquei eu,
Se nunca o Martini li,
Se, o que sube da *Instituta*
E do *Digesto*, esqueci?

Sabenças para que servem?
Bruxaria, eu t'arrenego!
Vou-me contar o meu conto;
E o meu conto é de um Gallego.
Era uma vez um Gallego
Boçal, felpudo e lanzudo,
Um Gallego em corpo e alma,
Em chancas, juizo e tudo.

Nunca lá das Gallileas ¹
 Safu cabeça tam romba
 A alistar-se nas companhas
 Dos bravos heroes da bomba.

Melena loira e comprida,
 Azeitada e corredia,
 Olho azul, ²pasmado e parvo,
 Bôcca aberta, a barba esguia;

Calção de abanante orelha,
 Por onde fura o quadril,
 Nos pés a fragrante chanca,
 As costas sacco e ³barril;

Eis aqui a vera effigie
 De Thiago Manuel Juan,
 O mais fiel dos gallegos
 Que jamais *comieron pan*.

Em devoção não falemos,
 Que n'isso era exemplar;
 Deixára um prato de tripas
 Para á missa não faltar.

A miudo ia a confêssio;
 E nunca o somno o pilhou
 Senão a rezar o terço,
 Que —nunca mais acabou.

Em duas ou tres egrejas
 Era freguez de *basar*;
 O seu barril tinha a honra
 De agua benta ás pias dar.

Tam devoto, tam modesto
 Nunca houve outro Thiago;
 Não ha memorias de ouvir-lhe
 Nem uma só vez um —*ajo*.

Um dia, á volta das onze,
 Cançado de apregoar,

¹ Terra de Gallegos, em dialecto scholastico.

—Era em Julho, que escaldava,
Um calor mesmo de assar!

N'uma igreja de Capuchos
O bom do Thiago entrava;
E a igreja tam fresquinha,
Que á oração convidava.

Por tendencia natural,
Instincto de chafariz,
Ajoelhou aopé da pia,
Herdeira de seus barris.

Mal se tinha *santiguado*,¹
Isto é, se persignou,
Um berreiro destampado
Detrás de si escutou:

Era um membrudo Capucho,
Destemido Ferrabraz,
Que a duros botes de estolla,
Brigava com Satanaz.

Tinha-se o demo encaixado
No bôjo de uma beata,
E d'alli se defendia
Como de uma casa-matta.
Arripiaram se as melenas
A Thiago no toitiço,
Pôz-se-lhe em pé no cachaço
Até o proprio choiriço².

Mas o ôlho arregalado
Em ponto de admiração,
Não se atrevia a tiral-o
D'aquella horrivel visão.

Travava a descompostura
Do dize-tu, direi-eu . .
Falava o frade latim
Que nem o demo entendeu.

¹ Feito o signal da Cruz.

² O non-descriptum de trapo e cordagens que o gallego põe no cachaço quando carrega a pão e corda.

Satanaz é bom latino,
Ninguem lh'o póde negar :
As syllabadas do frade
Faziam-n'ó blasphemar.

Grita o frade :—*Abrenunci-ó!*
E o cachôro do Asmodeu :
«Assim não me deitas fóra ;
Dize *abrenún-cio*, sandeu.»

—Latim sabe elle, o maldito. .
Disse o frade aos seus cordões ;
Que os frades, como os não usam,
Não falam com os seus botões :

—No Latim me venceu elle,
E não fez grande façanha ;
Elle é o Diabo; e eu sou Capucho!
Veremos se o faz na manha.—

Ria o demo ás gargalhadas
Por ter o frade encovado ;
E o Capucho, de velhaco,
Dava-se já por cangado.

Mas co'a mão á caldeirinha,
Sem que o pesque Satanaz,
Vae mansinho... e de repente
Prega-lhe a hyssopada—zaz !

Deu tal estoiro a beata,
Que parecia uma bomba...
Não era ella, era o demo:
Cheira a enxofre que tomba.

—Eu te esconjuro, maldito,
Brada o frade em portuguez ;
(Que não quiz comprometter
O seu Latim d'esta vez)

—Eu te esconjuro, maldito,
Que d'este corpo te vás,
E não tornes a entrar n'elle,
Negregado Satanaz.—

«Vou-me, disse o porco-sujo,
Vou-me embora, Frei Sandeu,
Que me escalda essa agua benta.
Mas para onde hei de ir eu?»

—«Para onde?... E deitando os olhos
A um lado de improviso,
Deu o frade com Thiago
Que rebentava de riso.

Thiago, de um grande medo
Passára a grande alegria;
E, esfregando as mãos no sacco,
Como um perdido se ria.

Leitor, não te escandalizes;
Que o vêr logrado o demonio,
Até fez perder de riso,
N'um sermão a Santo Antonio.

—Para onde?... repete o frade,
Que me importa a mim, despêgo?
Vae-te meter, se quizeres,
No c... d'aquelle Gallego.—

Conhecem-se os grandes homens
Nas grandes occasiões:
Thiago, sem mais demora,
Deitou abaixo os calções

E, em menos tempo ainda
Do que o demo esfrega um olho,
Já na pia da agua benta
Tinha elle o seu de mólho.

Bate-me quatro palmadas
No rechunchudo de traz,
E diz-lhe: —Agora, sô diabo,
Venha pr'a cá, se é capaz.—

VIII

O CASQUILHO

(JANOTA)

FÁBULA

QUEM de Ovidio os contos leu,
 Certo inda tem na memoria
 A mais curiosa historia
 Que elle em seus contos meteu :
 —De como Jove indignado
 C'uma nação de velhacos,
 Para os não fazer em cacos
 Os converteu em macacos.
 Vendo-se assim humilhado,
 Veiu o povo castigado,
 De constricto coração
 A pedir perdão
 Ao deus que fulmina o raio e o trovão.

Fazendo caretas, ganindo e guinchando
 Lhe vinham bradando
 Em mona e bugia :
 —Restaura-nos, ó padre soberano,
 O antigo vulto humano
 Co'a perda razão.—

O Tonnante, a quem passado
 Era o primeiro furor,
 Dos bugios ao clamor
 Prestou ouvido apiedado ;
 Mas do macaco requeri nento
 Não despachou senão ametade,
 E o resto a deidade
 Mandou dispersar nas azas do vento.

Mal o aceno omnipotente
 Trôou na celeste abobeda,
 A monaria contente
 Se ergueu altiva, impavida ;
 Toda se empavesou
 E repimpou ;
 E como gente
 A andar por esse munuo se deitou,

O pêlo esfarripado,
 Que as cabeças té'lli lhes ouriçava,
 Em lindos caracões se debruçava
 Agora pelo rosto transmudado.
 Não mudou por dentro o caco,
 Que ficou sempre macaco ;
 E a cara por fóra
 Também não mudou muito do que fóra.
 Os mesmos focinhos,
 As mesmas caretas,
 E os parvos risinhos
 E as fôfas e as tretas.

Assim meio mudados, meio não,
 Lhes fez o padre Jove um bom sermão,
 E lhes mandou tomar
 Ao pé da raça humana o seu logar.
 O homem com desprêzo o bicho olhou,
 Nem siquer nome para dar-lhe achou ;
 Mas a mulher gostou
 Da tal farofia de aparente brilho,
 E á coisa pôz o nome de—CASQUILHO.

Londres—1829.

IX

OS AMANTES GENEROSOS

CONTO

A J. LARCHER

Pois os mimosos sons da branda musa
 Do tam Gentil Bernard, na patria lyra
 Queres ouvir suave modulados,
 E em luso trajo disputar-se um beijo
 De Tempe os generosos amadores,
 As cordas ferirei por comprazer-te,
 Cortar-lhe-hei galas dos pastores nossos;
 Na lingua de Camões, se posso tanto,
 Virão aqui a suspirar de amores;
 E os eccos d'estes valles mais sinceros
 Te dirão suas falas namoradas.
 Tu, que és meio francez, meio germano,
 Que á meiga Deshouliers canções tam finas,

Que a Gesner mais singelo ouviste o canto
 Na propria avena de seus tons cantado,
 Se os teus pastores nas ribeiras nossas,
 N'estas suaves margens do Mondego
 Vires diff'rentes, demudada a graça,
 E alternando sem arte a cantilena
 Que em seu patrio idioma foi tam bella,
 A ti só, que o quizeste, imputa o êrro,
 Nem acoimes á lingua tam formosa
 O desprimor e as faltas do poeta.

Junto aos valles de Tempe, amena estancia,
 Mansão querida de Pomona e Flora,
 O joven Hylas, Égle inda mais joven,
 Ambos loucos de amor, o amor se occultam.
 A um terno olhar suas falas se limitam,
 Sua chamma constrangida não se exhala:
 O innocente pastor falar não ousa,
 Nem, que falasse, a simples o entendêra.
 Mas tarde ou cedo, se o desejo a inflamma,
 Amestram a innocencia amor e a idade.
 Tirou-os d'este nada em que jaziam
 O acaso um dia. A' sombra da espessura,
 Tam bella, ou mais que amor, Égle dormia,
 Hylas a encontra, e os olhos namorados
 Para admiral-a não lhe bastam ambos.
 — «Venus, exclama: eu tibio em teu serviço
 Uso implorar-te: dá-me que estes labios,
 Em quanto aqui na relva Égle descança,
 Possam nos seus colher suave beijo.
 E eu te juro, ó divina Cytherea,
 Que em trôco lhe darei dois mansos pombos
 Muito mais lindos que os que tens em Chypre.»

O voto fez-se; o beijo foi colhido:
 Fingido somno aproveitou á bella,
 E, á noite o preço recebeu do voto.

Veiu outro dia, e Égle a dormir sempre...
 Mas não dorme o pastor: — «Deus dos amores,
 Vês alli quanto adoro n'este mundo.
 Ah, de tanta belleza, tantas graças
 Consente que uma só eu gose ao menos.
 Se eu pudesse — sem que Égle o presentisse,
 Sob o lenço invejoso ir co'a mão trémula

Tocar n'aquelles candidos thesouros,
Dar-lhe-hia pelo roubo—tam secreto!
O cordeirinho que entre os meus mais quero.
Oh! adormece, amor, Egle formosa!»

O mais profundo somno Hylas encontra.
Viu, tocou, apalpou, beijou cem vezes
O seio d'Égle, que retém manhosa
Até o respirar, e a somno sôlto
Mais dormia... quanto elle mais velava.

Custou-lhe no outro dia a vir ao bosque,
Timida ainda e vergonhosa a bella;
Mas veiu emfim... Foi só curiosidade,
Tinha curiosidade—era o que tinha—
De saber que presente aquelle dia
Lhe faria o pastor; veiu. Após ella
Hylas veiu tambem:—«Eternos deuses,
Aqui a encontro! Oh! concedei-me agora
Um último favor, que nos seus braços
Eu gose emfim dos seus encantos todos.
Ah! vós bem o sabeis: eu nada tenho,
Mais nada do que o meu cão—e dou-lh'o.»

Oh que pesado somno Égle dormia!
E é bem de crêr que o instante em que o mancebo
No extasi do prazer fechára os olhos,
Os lindos olhos d'Égle não se abriram.
Mas o sonho acabou... e despertaram.
O pastor embrenhou-se na espessura
E o cãozinho fiel ficou co'a bella.

Encontraram-se á tarde, envergonhados...
A pastora córou, elle suspira...
Sós se achavam, sem medo, sem receios...
Ao amante acordada Égle se entrega,
Acha mais doce não dormir agora,
E toda a embriaguez do amor conhece:
Quantos dons do pastor Égle recebe,
Com dulcissima usura os restitue.

Mas as antigas dadivas pesavam
A' pastora gentil:—Sei que te devo
Duas pombinhas que uma vez me deste.
E se me ellas fugirem! vivo sempre

N'este receio! Toma-as lá, e o preço
 Que por ellas te dei tambem m'o torna.—
 Surriu-se o joven, e pagou-as... ambas.

Um momento depois o cordeirinho
 A pastora lembrou: —Tanto te quero,
 E heide-te privar do que mais amas?
 Tam bonito! era a tua companhia,
 Comia-te nas mãos! Nada, não quero,
 Recebe-o, que t'o dou. —E o cordeirinho
 Foi restituído. — O cão só lhe restava:
 Novas *razões*, e emfim ordem por fôrça
 De aceitar outra vez o seu rafeiro:
 —Não tens mais que um, é o guarda do rebanho,
 Recebe-o, doce amante, e ainda em cima,
 De fóra parte te heide dar um beijo.
 Eu não quero mais dadivas, querido;
 Com o teu coração estou contente.—

Oh! taes dons para dar custaram pouco,
 Mas o preço da entrega era dobrado...
 O pastor affroixou, negocio serio
 Veiu porfim a ser o tal brinquedo.
 Ao pé de Égle acordada Hylas dormia...
 E ella, que mais pretextos já não tinha,
 A suspirar dizia tristemente:
 —Não me dar elle todo o seu rebanho!—

SONETOS

I

PORFIA DE AMOR

D'EMTORNO á arvoresinha que murchára
Se affadiga o cultor esperançoso;
Envisca as varas caçador teimoso,
Armando ao passarinho que escapára;

Porfiado rompe com a dextra avara
As entranhas da terra o cubiçoso;
Sua co'a bomba o nauta pressuroso
Por estancar a náó que lhe arrombára.

Mas larga cada qual desesperado,
Quebra furioso o inutil instrumento
Se o contínuo trabalho vê baldado.

Só eu, com desenganos cento e cento,
Só eu, por Délia sempre desprezado,
T'eimo cada vez mais no meu tormento

Angra -- 1814.

II

CAMÕES NÁUFRAGO

CEDENDO á furia de Neptuno irado
Sossobra a náó que o gran'thesouro encerra;
Lucta co'a morte na espumosa serra
O divino cantor do Gama ousado.

Ai do Canto mimoso a Lysia dado!...
Camões, grande Camões, embalde a terra
T'eu braço forte, nadador afferra,
Se o Canto lá ficou no mar salgado.

Chorae, Lusos, chorael Tu, morie, ó Cama,
Foi-se a tua glória. . . Não; lá vae rompendo
Co'a dextra o mar, na sestra a lusa fama

Eterno, eterno ficará vivendo:
E a torpe inveja, que inda agora brama,
No abysmo cahirá do Averno horrendo.

Angra — 1815.

III

A UMA FEIA COM LINDA VOZ

QUANDO Orpheu pela espôsa suspirada
Desceu co'a maga lyra ao reino escuro,
Encantado Plutão ferrenho e duro
De júbilo exultou na atroz morada.

—Furias, clamou, e turba condemnada,
Quero tudo a cantar; do mais não curo.
Ralhe Jove ou não ralhe, eu voto e juro
Que não heide ouvir más esta assuada.—

Eis empunhando o açoite crepitante,
Rege Megera o condemnado côro,
Cantando em doce voz pura e tocante.

Ah! quando te oiço, ó N-y, o som canoro,
E arrebatado attento em teu semblante,
Um milagre de Orpheu no Averno adoro.

Lisboa—1816.

IV

Suffoque as iras, cale e sinta e gema

SE de uns olhos gentis, de um gesto brando,
D'um sorrir desdenhoso ennamorado,
Emprega o triste amante o seu cuidado
Em quem das leis de amor se vae zombando;

De tormento em tormento variando,
Té o proprio queixume lhe é vedado :
Ri-se a bella do mal que lhe ha causado,
Dos ferros mofa que lhe vae forjando.

Pene emtanto o infeliz, suspire ao vento,
Té de que o saiba a perfida se tema,
Não lhe assome no labio um só lamento ;

E ao som da ferrea, da cruel algema,
Martyr de seu inutil soffrimento
Suffoque as iras, cale e sinta e gema.

Porto—1817.

V

É dos olhos gentis da minha amada.

UM prodigio de encantos, de belleza
És, ó mãe dos ternissimos Amores,
Que em teus labios, seus aureos passadores
Hervam, seguros de acertar a prêza.

Fulge em teus olhos divinaes accessa
A tocha dos desejos seductores ;
Em ti de seus esmeros, seus primores,
O thesoiro esgotou a natureza.

Mas oh, por mais que a arte divina estude,
Não te dá da innocencia a flor nevada
Que se não finge, nem fingida illude !

Esse dom virginal que tanto agrada
É só mimo da candida virtude,
É dos olhos gentis da minha amada.

Porto.—1817

VI

Nas froixas, deveis aças da saudade.

ESSES muros que amor, razão despreza,
Que ergueu do fanatismo a voz trovosa,

Deixa, ó Nise gentil, deixa-os, vaidosa
De escutares a voz da natureza.

Crê no teu coração ; não é fraqueza
Fugir aos males para ser ditosa :
Já nos meus braços a ventura anciosa
Espera, com amor, tua belleza.

Vem, não oiças conselhos fementidos,
Ouve amor, a razão, a liberdade,
E a virtude e o prazer verás unidos.

Farás minha cabal felicidade,
Nem teus votos verás sempre perdidos
Nas froixas, debeis aças da saudade.

Porto—1817.

VII

O CAMPO DE SANT' ANNA

LONGE, hypocritas vis, longe, impostores,
O mentido aparato religioso!
Que um Deus de amor, o nosso Deus piedoso
Abomina, detesta esses horrores.

De atrozes Leis cruentos guardadores,
Vós curvaes ante o Despota orgulhoso,
E o sangue da patria precioso
Torpemente vendeis por seus favores.

Geme sem protector a humanidade:
E vós, juizes, vós, tigres humanos,
A immolaes sem remorso e sem piedade.

Ah! tremei, sanguinarios deshumanos;
Que ella hade vir, tremei, a Liberdade
Punir despotas, bonzos e tyrannos.

Coimbra—1817.

VIII

Virtude sem prazer não é virtude.

DEIXA, eu t'o rogo, deixa, Annalia minha,
Duros preceitos de moral sombria;
Fingiu-os a traidora hypocrisia
Que detrás d'elles, a zombar, se aninha.

Leis de tartufos, invenção damninha
Que protege a impostura e o vício cria,
O egoismo as dictou, funesta harpia
Que as horas de gosar nos amesquinha.

A mão da natureza, a mão sublime
O gran'sêllo forjou na eterna incude
Com que o signal de falsas lhes imprime.

O coração m'o diz, que não illude:
Crime sem dor, Annalia, não é crime,
Virtude sem prazer não é virtude.

Coimbra—1818.

IX

A FLOR SECCA

VAE, flor gentil, vae prenda suspirada,
Doce mimo de amor terno e fagueiro,
Vae, que elle mesmo grato e prazenteiro
Elle te hade levar á minha amada.

Cumpre a que ella te impoz, que é lei sagrada:
Se mudada te achar, sem côr, sem cheiro,
Se o viço, a gala do verdor primeiro
Em tuas pallidas folhas vir crestada,

Diz'-lhe que mais que a ti, mais me queimara
O intenso ardor d'aquella saudade
Que a ambos n'este estado nos deixara.

Oh! se um benigno influxo de piedade
De seus formosos olhos te orvalhára...
Qual de nós ambos reviver não hade?

Porto—1819.

X

A CERTA TRAGEDIA

MIL parabens á Musa portugueza
Que do padre José fulgiu na penna!
Cae a velha Melpómene da scena,
Foi-se a Tragedia grega e a franceza.

Sóphocles poz-se a dar voltas d'Andreza,
Euripedes está de quarentena,
Corneille endoudeceu de inveja e pena,
Crebillon foi queimar o Atreu e a mesa;

Racine professou nos Mariannos,
Voltaire está a leites de jumenta,
Alfieri vae fazer sonetos de annos.

Victorioso o padre a *Branca* ostenta;
Só por vencer-lhe restam dois maganos...
Mas temiveis rivaes—Paiva e Pimenta.

Coimbra—1819.

XI

MARIA E CAROLINA

QUE hade brindar á amavel Carolina
Pelos seus annos a gentil Maria?
Tam franca de seus dons, ao dar-lhe o dia,
Não deixou que outorgar-lhe a mão divina.

Qual de ambas póde haver offerta dina
De quantos liberal natura cria?
Que gera o loiro sol ou que allumia
Que encha os desejos d'alma peregrina?

A amigas taes, ao par que me ennamora
Já não tem que lhes dar a humanidade,
Por mais que seus thesoiros aprimora.

Amor, divino amor, doce amizade;
Numes do coração, valei-me agora:
Dae-lhes, pois deuses sois, a eternidade.

Porto — 1819.

XII

SAUDADE

SECULOS são, na vida que enfastia,
Estes dias de exilio amargurados;
Um por um, mágoa a mágoa, vão contados
Em lenta e cruelissima agonia.

Oh! roubemos-lhe ao menos este dia,
Ao padecer que todos trás roubados;
Sejam pela amisade consagrados
Ao casto amor instantes de alegria.

Tem prazeres tambem a desventura:
A propria carrancuda adversidade
Sorri co'a esp'rança que lhe luz futura.

Vem, amigo, no seio da amizade
Festeja a espôsa, sonha co'a ventura
Que um dia hade matar tanta saudade.

Londres — 1828.

NOTAS AS FABULAS E CONTOS

Nota A

Um tal poeta lá da tua terra
Que faz *Orientes* e baptiza *Gamas*..... pag. 160

Este verso, e um Soneto, que é o X na collecção do presente vol., são as duas unicas debili lades em que cahi mostrando má vontade satirica ao bem conhecido Padre José Agostinho de Macedo, homem de estudo e talento, mas o mais atrabiliario escriptor que ainda creio que tivesse a lingua portugueza. O rancor que toda a vida professou a quantos profesaram as lettras no seu tempo, uma inveja impropria de talento tam verdadeiramente superior, o arrastou a desvarios que deslustraram o seu nome e mancharam a sua fama. Nem o furioso e sanguinario que foi em seu partido, nem a perseguição politica de que a mim proprio me fez victima, poderam mover-me a desacatar n'elle o homem de lettras que todavia honro ainda. Sei que no A. do *RETRATO DE VENUS*, no redactor principal do *PORTUGUEZ*, elle perseguia principalmente o ainda mais odioso A. do poema *CAMÕES*. Todas as suas offensas porém foram só politicas; litterariamente não me aggravou jámais. Perdoe-lhe Deus como lhe eu perdoei sempre. A posteridade não lhe perdoará decerto a sua stulta rivalidade com o auctor dos *LUSIADAS*: foi a essa que os versos annotados alludiram. Queimava-os se fôra a outra coisa. Meter as lettras nas nossas questões politicas e nas mesquinhas e soezes paixões individuaes que d'ellas nascem, é para a baixa villania dos *insultadores publicos*, despreziveis rans do charco stagnado da intriga que nem sequer para si coaxam, mas para quem os faz coaxar por sua conta.

Nota B

Conto academico..... pag. 163

Este conto é uma verdadeira gaiatice de estudante de Coimbra, que despede chufas á direita e á esquerda como pancadas de cego. Se o Diccionario da nossa Academia ficou no *Azurrar*, a colleção de suas preciosas Memórias cantou bem alto e sonoro: muito receio que fôsse cantar de cysne !

Nota C

O famoso direito de accrescer..... pag. 172

O direito de *accrescer* é o que em qualquer sociedade resulta ao todo dos socios da renúncia tacita ou expressa que de seu quinhão faz um d'elles. No meu primeiro anno da Universidade era a explicação d'este romanismo um dos pontos mais graves do curso de Direito.

Nota D

O menino e a cobra..... pag. 173

E' imitação esta fábula de uma composição alleman do seculo passado, não me lembra de que autor.

Nota E

A Saude e a Medicina..... pag. 176

Imitação, e quasi traducção em múita parte, da fábula de Pignotti do mesmo nome.

Nota F

Fui preso por Verdeaes..... pag. 181

Até a côr das fardas dos archeiros da Universidade mudaram os fomentadores de 1834-5. Dizem que os pintaram de azul! Não tenho ânimo de ir a Coimbra, nem olhos com que tal veja. Os verdeaes azues! Que reforma!

Nota G

O Casquilho..... pag. 186

Imitação de um apologo inglez, cujo auctor me não lembra tambem.

SONETOS — Nota A

A certa tragedia..... pag. 196

Vej. a nota A das Fábulas.

ODES ANACREONTICAS

COMPOSTAS E OFFERECIDAS

AO SR.

FRANCISCO JOSÉ HOMEM RIBEIRO

POR J. B. S. L.

SEU MENOR CREADO

GRACIOSA (ILHA)

DEDICATORIA

Amei, senhor, é verdade,
Fui amado, podes crel-o;
Mas Venus, ferina Deusa,
Me tirou todo meu bem.
Auzencia, cruel auzencia
Minha Lilia me roubaste:
De Venus a companheira,
Por esta Deusa mandada,
Meu amor desunir veiu,
Roubou-me Lilia formosa!
Mas, senhor, eu te importuno,
Eu volto já ao sentido:
Estes versos desgraçados,
Partos da minha paixão,
Em tempos de mais ventura,
Vão buscar o teu amparo,
Em ti nome vão buscar.
Senhor, lê-os com piedade,
Consente magua e ternos
Suspiros de um terno amante.
Ah, senhor, que importa grite
No peito razão forçosa?
Ao vêr-se um rosto galante
Que importa gema a razão?

ODE I.^a

Um dia, sonhando,
Vi o Deus vendado,
Que assim me falava,
Com o rosto irado:

—Escolhe, mortal,
De dois um tormenta,
Morrer ou soffrer
Ciume um momento ¹

Se a morte é cruel
Para um peito amante,
Mais fero é o ciume,
Cruel, penetrante.

«Oh! antes mil mortes, ²
Disse eu ao Vendado, ³
Que em tristes ciumes
Viver traspassado.»

Eis, subito acordo,
E, não te avistando,
O' vida d'esta alma, ⁴
Fiquei suspirando.

Então conheci
Que a morte do amante,
E' quando da vista
Seu bem é distante.

1 Ciume n'um canto.

2 Antes mil mortes

3 Disse ao Vendado
Vida d'esta alma

ODE 2.^a

A loura Venus,
Paphos deixando,
Assim clamava,
De quando em quando:

— Filho, aonde estás?
Quem viu Cupido?
Filho, aonde estás?
Perco o sentido.

Quem m'o trazer
Co'as mãos atado,¹
Eu lhe prometto
Premio avultado.

Um doce beijo,
Terá qualquer
Da branca Venus,
Se m'o trazer.—

Louro Josino,²
Que isto escutou,
«Inclita Deusa,
Assim falou:

«O premio venha;
Que o teu Cupido,
Lilia nos olhos
O tem 'scondido.

1 Com as mãos atado

2 O louro Josino

— Lilia ! diz Venus,
Lilia ! Josino !
Quando a nomeio
Té perco o tino.

Inda é mais bella
Do que eu, que queres?
É Lilia tua ³
Se m'o trouxeres.

Beijos? Tua Venus
Ella t'os dê,
Pois que lhe cede
Todo o que a vê.

ODE 3.^a

Cara Lilia, quem duvída
Seres tu d'esta alma a vida?
Sim, meu amor,
N'este meu peito
Vives, de Jove
Inda a despeito.

O nosso tão puro amar
No mundo não é vulgar,
Não. Todos amam; ¹
Ai ! mas ninguem ²
Sabe os preceitos
Do querer bem.

De nós fuja amor impuro:
Quando um amor não é puro
Passa a torpeza,
Perde o esplendor,
E logo deixa
De ser amor

3 Será Lilia tua

1 Todos amam

2 Mas ninguem

Insensatos só profanam
Terno amor: quanto se enganam!
As graças fogem,
Fogem-lhe os risos,
A fama perdem
De amantes lisos.

Amemo-nos, Lilia cara,
Apesar da mais amara
Contradição
Do Deus cruel,
Té contra o vento
Corre o baixel.

Olha como desce Hym'neu
Do sacro côro do céu,
E os corações
Nos vem ligar,
E os ternos peitos
Incendiar.

Lilia gentil, meu bem,
Se amor unidos nos tem,
Esta ventura
Não a percamos,
Em quanto em cinzas
Nos não tornamos.

ODE 4.^a

Lilia, é por certo
Grande loucura
Querer amar
A formosura.¹

Só por lhe vêr
Faces formosas,
Rosto galante,
As mãos mimosas.

1 A uma formosura

Amor brutal
Só na apparencia;
Pois de paixão
Passa a demencia.

Lilia, és formosa,
Bem o cónhece
O teu Josino;
Mas não merece

Dote do corpo
Minha paixão;
Amo-te, sim,
Não em razão

De formosura;
Mas por te vêr
Alma capaz
De bem querer

ODE 5.^a

Cupido, cruel Cupido !
Assim ouvia aos pastores,
Sem me atinar o sentido,
O que era amores.

Ouvia de amor falar
Com susto, temor e espanto;
Mas nunca pensei obrar
Seu poder tanto.

Quando um dia em que cansado
Da caça, me recostei,
Me off'rece o fonteiro prado! ...
Céus! que avistei !?

Sinto abraçar-se-me o peito,
Estalar-me o coração,
E, sem razão nem conceito,
Clamei então:

— Eis o fatal, triste dia,
Em que conheço Cupido;
Lilia, Lilia, assim dizia,
Perco o sentido.

N'isto Lilia me apparece,
E com o rosto choroso,
Como quem se compadece:
— Oh! horroroso

Que te é o nome de amor!
Eu te prometto, Josino,
Nunca esfriar meu ardor:
Recobra o tino!

— Surjo do lethargo então,
E conheci que Cupido
Faz a sua (maganão!)
Sem ser sentido.

ODE 6.^a

Aquella Deusa,
Que na esphera luminosa,
Qual astro fulge,
Resplandecendo airosa,
Mãe dos Amores,
E do oceano filha,
Que, na azul concha,
Entre as Nereidas brilha,
Apenas viu,
Sorrir Lilia formosa,
Que desatando
O cinto, leda, mimosa,

Lh'o põe no collo,
 — Não te é, não te é, diz, preciso
 Para attrahir,
 Basta-te só um sorriso, ¹
 Um gesto basta;
 Mas toca-te, ó Nympha pura,
 Como tropheo,
 D'essa tua formosura; ²
 Pois que 'té Venus
 Já te cede de gostosa,
 Leda, dizendo
 Que inda és mais formosa.

ODE 7.^a

Vinde, prazeres,
 Que andaes brincando
 Por entre as flores,
 Despidas graças;
 Vós, que, dansando,
 Trinaes alegres
 Doces canções;
 Deusa dos gostos
 Do Amor, ó diva,
 Dos teus filhinhos
 O bando ajunta,
 E vem nas azas
 De almo favonio
 Dar luz, dar força
 A meus louvores.
 Da meiga Lilia
 Cantar pretendo
 Natal ditoso;
 Tu, por clemencia,
 Deidade, inspira
 Teu fiel cultor,

1 Basta-te um sorriso

2 De tua formosura

Faze mereça
Minha aurea lyra
Ternos sorrisos
Candido amor.

ODE 8.^a

Lilia, teus olhos
Gentis, tentadores,¹
Unico repouso
São dos meus amores;

São esses teus labios²
Labios formosos
Onde se saciam
Desejos sequiosos.

A mil vistas cegam³
Teus subtis cabellos.
E rendidos ficam⁴
Todos só de vel-os.⁵

Melindrosos dedos,
Alvos, se não rendem
Aos de Minerva;
Mil vontades prendem:

Teus bellos costumes
Fomenta a candura,
A razão c'os brandos
Risos se mistura.

1 Gentis, buliçosos
2 São os teus labios
3 Mil vistas cegam
4 Rendidos ficam
5 Todos de vel-os

Formoso composto,
Que obrou a brilhante
Virtude e belleza,
Alma rutilante.

ODE 9.^a

Tu podes acaso,
Franzino, contar,
Esses grãos de areia
Que cercam o mar?

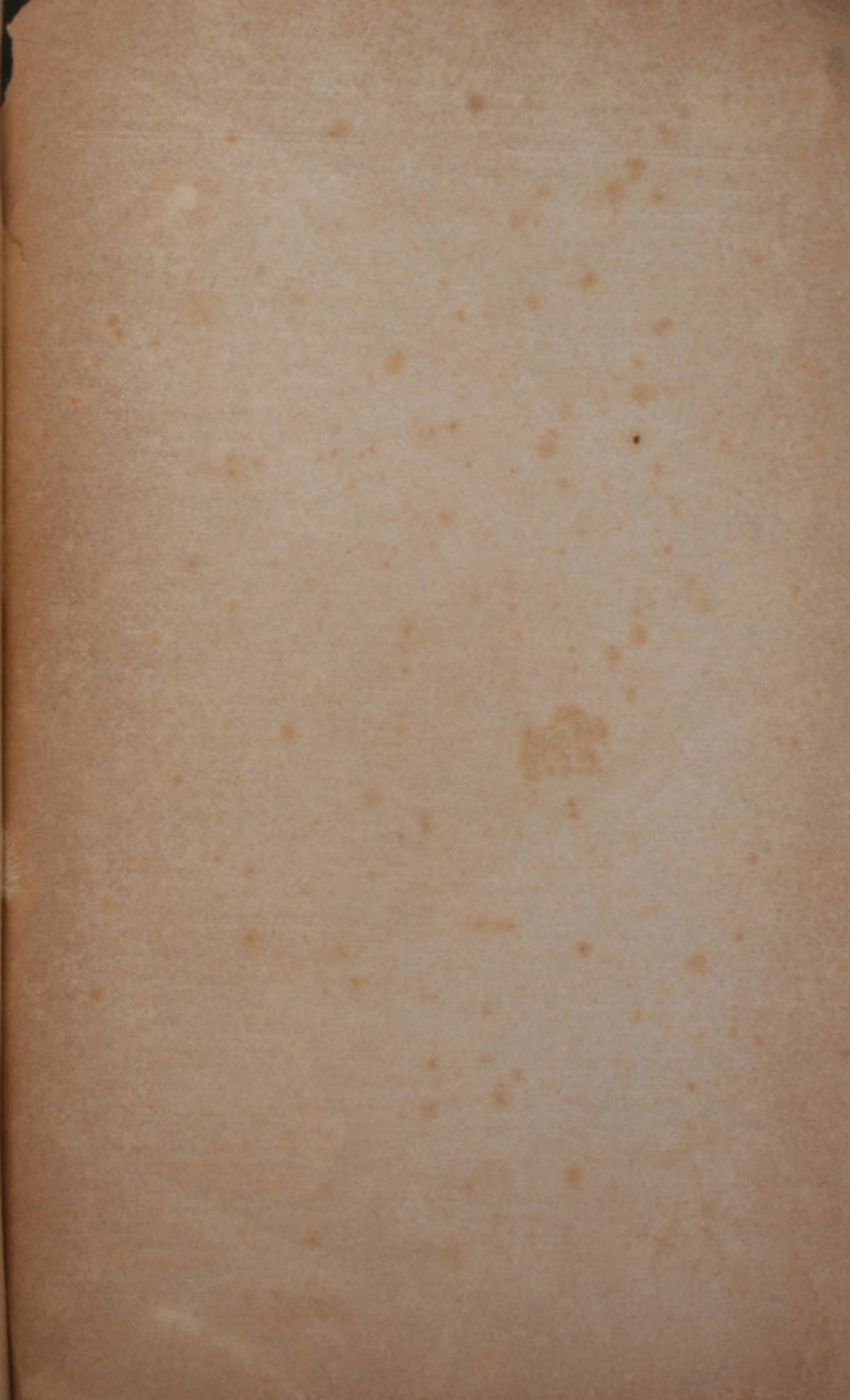
Contar poderás
As flores galantes,
Douradas espigas,
Estrellas brilhantes ?

Pois se isso não podes,
Não podes tambem
Contar as bellas
De Lilia meu bem.

INDICE

	Pag.
LYRICA I—Primeiros e ultimos versos.....	1
Primeiros versos: Lyrica de João Minimo.—	
Noticia do auctor d'esta obra.....	2
LIVRO PRIMEIRO:	
I A primavera.....	33
II Despedidas do campo.....	34
III A soledade.....	35
IV A sesta.....	37
V O anniversario de Filinto.....	38
VI A um joven poeta.....	39
VII A noiva.	40
VIII O monumento	41
IX A morte	44
X A infancia	49
XI Sonho prophetico.....	52
XII Pedido a um poeta.....	56
XIII A Annalia	57
XIV Filinto	58
XV As férias	67
XVI A recahida	70
XVII O ventriloquo	71
XVIII A Julia.....	73
XIX A côr da rosa.....	74
LIVRO SEGUNDO:	
I A Liberdade	76
II A' Patria	77
III San Martinho	78
IV Ao corpo academico...	80
V Os meus desejos	85
VI A saudade	86
VII Ao corpo academico.....	87
VIII O Brasil liberto	89
IX Consolações a um namorado	92
X Madrugada	93
XI A liberdade da imprensa	96
XII Longa viagem de mar.....	98
XIII A Lidia.....	100
XIV O ananaz	100
XV O beijo.....	101
XVI A Délia.....	102
LIVRO TERCEIRO:	
I A meu tio	104
II O amor maternal	105

	Pag.
III O amor paternal	107
IV Anniversario da revolução de 24 de agosto.....	108
V Ao rei	110
VI A rosa.....	112
VII Faz hoje um anno.....	114
VIII Sapho.....	116
IX O rouxinol.....	121
X A guerra civil.....	123
XI Melancholia.....	126
XII O carcere.....	127
XIII O exilio	128
XIV A lyra do proscripto.....	130
XV A morte de Riego	131
XVI O Natal em Londres.....	135
XVII O Anno Novo.....	136
Notas	138
LYRICA II—A quem ler.....	145
FABULAS E CONTOS — LIVRO UNICO:	
I Introducção.....	159
II Pelo zurro o burro.....	163
III Amor e vaidade.....	166
IV Esopo e o burro	172
V O menino e a cobra.....	175
VI A saude e a medicina.....	176
VII O gallego e o diabo	181
VIII O casquilho	186
IX Os amantes generosos	187
SONETOS:	
I Porfia de amor.....	191
II Camões náufrago.....	191
III A uma feia com linda voz.....	192
IV Suffoque as iras, cale e sinta e gema	192
V É dos olhos gentis da minha amada	193
VI Nas froixas, debeis azas da saudade	193
VII O Campo de Sant'Anna.....	194
VIII Virtude sem prazer não é virtude..	195
IX A flor secca	195
X A certa tragedia	196
XI Maria e Carolina	196
XII Saudade.....	197
Notas ás fabulas e contos.....	198
ODES ANACREONTICAS.....	201



EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

LIVRARIA MODERNA: RUA AUGUSTA, 95

LISBOA

A. A. Teixeira Vasconcellos		D. João de Castro	
Lição ao mestre, 3 v. ill., br. 600, enc.....	700	Livro branco.—Versos, br.....	500
A. F. Barata		Morgadinho (O). Versos. Br.....	500
Rancho da Carqueja, br. 200, enc.	300	Via-dolorosa. Poema-drama, br.	600
Um duello nas sombras, br. 200, enc.	300	Malditos (Os), 1 vol. br.....	800
Albano Bellino		Morte de Homem, br. 800, enc. .	1000
Archeologia Christã, illust.....	1000	Redempção, 1 vol. br. 800, enc...	1000
Alberto Pimentel		Joaquim da Costa Cascaes	
Annel Mysterioso, ill., br. 200, enc.	300	Theatro completo. Publicados 5	
Netos (Os) de Camillo— 11 grav.	400	vols., br. 200, enc. cada.....	300
Poeta (O) Chiado.....	300	Julio Brandão	
Porta (A) do Paraizo, edição de luxo, grav. orig., br. 1000, enc.	1500	Saudades, vol. de versos, br. ...	600
Almeida Garrett		Levi Alvarez	
Obras completas. Grande edição popular, illustrada com magnificas gravuras originaes. Publicação a fasc. e tomos de 80 pag. a 300 réis. Está publicado 1 vol. e 3 tomos. A edição completa-se em 2 vol. Preço do vol. publicado, br. 3200, enc.	4300	Historia Universal, desde a criação do mundo até aos nossos dias, 3 vol. ill. Cada tomo....	200
Anna de Sá		Lino de Assumpção	
Mathilde, 1 vol. ill., br. 200, enc.	300	Historia Geral dos Jesuitas, 1 grosso vol. ill., br. 2500, enc. .	3200
A. Feliciano de Castilho		Manuel Pereira Lobato	
Collecção das obras completas, illust. Publicados até agora (setembro de 1904) 15 vol. Preço de cada vol. br. 200, enc.....	300	Fidalgos (Os) do Coração de Ouro, 2 vol., br. 400, enc.	500
Camillo Castello Branco		Queda (A) d'um gigante, 1 vol. ill., br. 200, enc.....	500
Esboços de apreciações litterarias, 1 vol., br. 200, enc.....	300	Estandarte Real, ill., br. 200, enc.	300
Sereia (A). Edição de luxo, com grav. originaes, br. 1000, enc..	1500	Baroneza de La Puebla, 1 vol. ill., br. 200, enc.....	300
Gomes Leal		Manuel Pinheiro Chagas	
Carta ao bispo do Porto, br.....	200	Guerrilheiros (Os) da Morte. Edição de luxo ill., br. 1000, enc. .	1500
Claridades do Sul, br. 600, enc. .	800	Historia de Portugal. 8 vol. ill., cada volume br. 2500, enc. fl. brancas 3600, fl. douradas....	4000
Historia de Jesus, br. 300, enc....	400	Mascara Vermelha, ill., br. 200, enc.....	300
Gulherme Gama		Juramento da Duqueza, 1 vol. ill., br. 200, enc.....	300
Amar é soffrer. Br. 600, enc. ...	800	Maximiliano de Azevedo	
Guionar Torrezão		Em Campanha e no Quartel, contos militares, ill., br. 500, enc.	700
Familia Albergaria, ill., br. 200, enc.....	300	Ricardo de Sousa	
Henrique Marques Junior		Vinte contos, vol. de prosas, br.	500
<i>Bibliotheca das creanças</i>		Silvio da Silva	
Contos de Fadas, br. 200, enc. .	300	Livro Permittido, br.	100
Novos contos de Fadas, br. 200, enc.....	300	D. Thomaz de Mello	
Terceiro livro de contos de Fadas, br. 200, enc.....	300	Conde (O) de S. Luiz, 1 vol. ill., br. 200, enc.	300
Historias da Carochinha, br. 200, enc.....	300	Trindade Coelho	
Aventuras do Barão de Münchhausen ill. or. 200 enc.....	300	Codigo penal e Legislação penal annotados, br. 1500, enc.....	1800
		Victor Hugo	
		Edição de todos os romances, em vol. de 60 réis, ou ás series de 3 ou 4 enc. n'um só 340 ou....	400
		Vieira Guimarães	
		Ordem (A) de Christo, ill., br...	1000